

Ana Rita de Sousa Almeida

O DIÁRIO GRÁFICO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NAS ARTES VISUAIS

Relatório apresentado na Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto e Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Professor Orientador: Professor Doutor Henrique Vaz

Professora Cooperante: Professora Leonor Soares

Escola de Estágio: Escola Secundária Artística Soares dos Reis

Porto, 2010

RESUMO

O Diário Gráfico apresenta-se desde há muito como um instrumento privilegiado de auxílio ao processo artístico, sendo utilizado por inúmeros autores para explorar e registar ideias, para desenvolver técnicas, funcionando como um espaço de reflexão, de descoberta e de liberdade plástica. Considerando-se o Diário Gráfico como uma ferramenta preponderante no desenvolvimento do processo criativo para muitos artistas plásticos e autores dos mais variados campos, este estudo procurou analisar o seu potencial de aplicação em contexto escolar.

A realização do estágio na Escola Secundária Artística Soares dos Reis revelou ser uma oportunidade única de aprofundar a análise da utilização do Diário Gráfico num meio privilegiado de ensino artístico.

Numa primeira etapa, procedeu-se à caracterização do universo do Diário Gráfico - funções, contextos de utilização e limites. Posteriormente, efectuou-se uma descrição da escola, apresentando as suas especificidades e origem. Por último, foi realizada uma análise de todo o processo decorrente da introdução do Diário Gráfico nas turmas de Desenho A, das actividades e projectos inerentes; essas turmas foram acompanhadas ao longo do estágio.

A perspectiva de estagiária foi complementada com a minha experiência como docente de Artes Visuais e como ex-aluna na Faculdade de Belas Artes do Porto, tendo recolhido testemunhos de vivências de outros artistas e professores.

O presente estudo termina com uma reflexão em torno das conclusões alcançadas face à introdução do Diário Gráfico como instrumento pedagógico nas Artes Visuais.

ABSTRACT

The Visual Journal has been seen as a privileged help to the artistic process, being used by many authors to explore and record ideas, to develop techniques, working as a space of reflection, discovery and plastic freedom. Having in mind that the Visual Journal is the main tool in the development of the creative process of many artists and authors of diverse areas, this study searches its potential application in the school context.

The internship done in Escola Secundária Artística Soares dos Reis, was an excellent opportunity to broaden the analysis of the usage of the Visual Journal in a privileged context of artistic teaching.

Firstly, a characterization of the universe of the Visual Journal was done, its functions, its contexts of usage and its limitations. Secondly, a description of the school was made, presenting its specifications and origins. Finally, an analysis of all the process concerning

the introduction of the Visual Journal in Drawing classes throughout the practice was done, as well as all the activities and related projects.

My perspective as an intern was completed with my experience as Visual Arts teacher and as a former student of Fine Arts, having collected testimonies about the experiences of other artists and teachers.

This study ends with a reflection about the conclusions involving the Visual Journal as an academic instrument in Visual Arts.

RESUMÉ:

Le Carnet Graphique se présente depuis longtemps comme un instrument privilégié d'aide aux procès artistiques, étant utilisé par plusieurs auteurs pour explorer et registrer les idées, pour développer des techniques en donnant aussi un espace de réflexion, de découvertes et de liberté plastique. En considérant le Carnet Graphique comme un instrument prépondérant dans le développement du processus créatif par plusieurs artistes plastiques et auteurs de différents secteurs, cette étude a cherché à analyser son potentiel et sa capacité d'application dans le contexte scolaire.

La réalisation de l'apprentissage à Escola Artística Soares dos Reis a révélé être une opportunité unique d'approfondir l'utilisation du Carnet Graphique dans un milieu privilégié de l'éducation artistique.

Comme première étape, nous avons procédé à une caractérisation de l'univers du Carnet Graphique – fonction, contexte d'utilisation et ses limites. Postérieurement une description de l'école a été effectuée en présentant ses spécificités et origines. Et finalement une analyse de tout le processus de l'introduction du Carnet Graphique à la classe scolaire de dessins A, ses activités et le projet en soi a été réalisé et accompagné au long de tout l'apprentissage.

La perspective de stagiaire est complétée avec mon expérience comme professeur d'arts visuels et comme ancienne élève des beaux-arts de Porto en ayant réuni l'expérience et la pratique d'autres professeurs et artistes. Ce projet termine avec une réflexion autour des conclusions achevée face à l'introduction du Carnet Graphique comme instrument pédagogique des arts visuels.

AGRADECIMENTOS

É com grande carinho e alegria que expresso aqui o meu sincero agradecimento a todos aqueles que participaram e tornaram possível a realização deste estudo.

Em primeiro lugar ao Professor Doutor Henrique Vaz, orientador do presente relatório, pelo empenho, competência e disponibilidade demonstrados.

Gostaria de agradecer à Professora Leonor Soares, pela dedicação e carinho.

Ao Professor Jorge Marques pela participação e sabedoria.

Aos meus colegas e professores de mestrado, pelo apoio e paciência que demonstraram durante este dois últimos anos, sobretudo à Catarina, ao Paulo, ao Nuno, e à Sofia.

Ao professor Paiva, pelo bom humor e pelas aulas que tornaram esta jornada mais agradável de se realizar.

A todos os meus amigos que me acompanharam durante este processo, especialmente ao Fisteus, à Fedra, à Luísa Santos, ao Ernesto Pereira, ao Ângelo Ribeiro e à Alexandra Sabença pelo apoio, pela motivação dada e pelo prazer de os ter sempre por perto.

Dedico estes agradecimentos sobretudo à minha família, aos meus pais e irmã, à joaninha, e ao Nuno Lacerda pelo encorajamento dado, o qual tornou este estudo possível.

Aos meus avós

ÍNDICE

RESUMO.....	3
AGRADECIMENTOS.....	5
INTRODUÇÃO.....	11
PARTE 1	
O DIÁRIO GRÁFICO	
1.1. O Diário Gráfico e suas definições.....	13
1.2. Terminologias.....	14
1.3. Especificidades do Diário Gráfico.....	17
Portabilidade, materialidade e dimensão.....	17
O Diário Gráfico como objecto criativo.....	20
O Diário Gráfico como objecto afectivo.....	22
1.4. O Desenho no Diário Gráfico.....	25
1.5. O Diário Gráfico no universo digital.....	27
 PARTE 2	
A ESCOLA SOARES DOS REIS	
Nota Introdutória.....	31
2.1. História.....	31
2.2. Localizações e instalações da Escola Artística Soares dos Reis	33
2.3. O Projecto Educativo.....	35
2.4. Gestão flexível do Currículo.....	37
As Disciplinas.....	37
Formação em Contexto de Trabalho.....	38
Prova de Aptidão Artística.....	38
Actividades.....	39

2.5. O estágio na Escola Secundária Artística Soares dos Reis.....	40
2.6. Os alunos da Escola Artística Soares dos Reis – As turmas B1 e B2.....	42
 PARTE 3	
Nota Introdutória.....	46
 O DIÁRIO GRÁFICO NO CONTEXTO ESCOLAR	
3.1. O Diário Gráfico enquanto estudante.....	47
3.2. O Diário Gráfico enquanto professora.....	50
3.3. O Diário Gráfico enquanto estagiária na Escola Artística Soares dos Reis.....	53
3.3.1. Planificação e Prática Lectiva.....	59
Aula de motivação e sensibilização para o uso do Diário Gráfico.....	62
Unidade 7 – Estudo da cabeça humana – 1ª AULA.....	66
Unidade 7 – Estudo da cabeça humana – 2ª AULA.....	71
Unidade 7 – Estudo da cabeça humana – O AUTO-RETRATO – 3ª e 4ª AULA.....	73
O Diário Gráfico nas propostas da Unidade 7.....	76
Avaliação.....	79
3. 4. Projectos e actividades de participação desenvolvidas na escola.....	82
3.5. Reflexões pedagógicas.....	84
REFLEXÕES FINAIS.....	90
BIBLIOGRAFIA.....	93

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I

a. Projecto Educativo da Escola Secundária Artística Soares dos Reis (a consultar no CD em anexo)

Anexo II

a. Programas da disciplina de Desenho A, do 10º, 11º e 12 anos de escolaridade (a consultar no CD em anexo)

Anexo III

- a. Plano de aula da Unidade 7
- b. Plano de aula da Unidade 7
- c. Plano de aula da Unidade 7
- d. Material de apoio à Unidade 7: documento de apoio aos conteúdos a leccionar
- e. Material de apoio à Unidade 7: apresentações multimédia (a consultar no CD anexo)
- f. Material de apoio à palestra: cartaz

Anexo IV

- a. Registo fotográfico do desenvolvimento em sala de aula das propostas de trabalho da Unidade 7
- b. Registo fotográfico da palestra “O Diário Gráfico como instrumento pedagógico”
- c. Registo fotográfico da exposição “O Diário Gráfico como instrumento pedagógico”

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Proposta de trabalho 7.1.....	69
Figura 2 – Planta da organização da sala.....	70
Figura 3 – Fotografia organização da sala.....	70
Figura 4 – Proposta de trabalho 7.2.....	72
Figura 5 – Proposta de trabalho 7.3.....	75

INTRODUÇÃO

Desde há muito, os Diários Gráficos apresentam um certo fascínio para aqueles que os tomam como uma ferramenta de uso regular. Ao longo dos últimos séculos, estes cadernos estiveram associados a figuras chave nas artes, assim como nas ciências, literatura ou filosofia, incluindo grandes nomes como Le Corbusier, André Breton ou Charles Darwin, entre muitos outros. Os desejos de criar, registar e exprimir são essencialmente intemporais; o Diário Gráfico torna-se um objecto de culto, com o qual criamos uma relação táctil e íntima, decorrente da sua própria natureza diária e confidente. Pela pertinência e significado que o Diário Gráfico representa para autores das mais variadas áreas, seguramente que também no ensino das artes visuais significará uma mais valia para os alunos.

Deste modo, no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, o relatório que se segue encontra-se organizado sob duas vertentes: A primeira consiste na investigação e análise do universo contextual do Diário Gráfico, a segunda é referente à sua aplicação ao longo do processo de estágio na Escola Secundária Artística Soares dos Reis, acompanhada pela docente cooperante professora Leonor Soares. A reflexão sobre os efeitos do recurso ao Diário Gráfico no contexto escolar, nomeadamente no domínio das artes visuais, será a derradeira questão deste estudo.

A opção pelo Diário Gráfico deve-se essencialmente à sua liberdade e amplitude de utilização, permitindo um desenvolvimento artístico e pessoal do seu autor, não apenas pela sua vertente utilitária e metodológica, mas também por estar agregado a questões de índole afectiva e emocional.

Através deste estudo pretendo incentivar a prática e o interesse por um instrumento que acredito ser um meio privilegiado na formação dos alunos, particularmente nas áreas artísticas, fomentando a sua expressão individual, o raciocínio crítico e autónomo, para além de ampliar o diálogo entre o docente e o universo pessoal do discente

As várias terminologias usadas para definir o Diário Gráfico, as suas especificidades e eventuais usos e finalidades, que permitem antever as potencialidades destes cadernos quando enquadrados em contexto pedagógico, são algumas das questões que pretendo explorar no primeiro capítulo do presente estudo.

No segundo capítulo estabeleço uma caracterização da Escola Secundária Soares dos Reis, apresentando as suas especificidades como estabelecimento ancestral, especializado no ensino artístico. Descrevo também todo o processo referente à minha experiência como professora estagiária, as turmas acompanhadas, os conteúdos ministrados, e as actividades realizadas.

No último capítulo realizo uma reflexão em torno da aplicação do Diário Gráfico em contexto pedagógico, a partir da minha experiência como estagiária, como antiga aluna da Faculdades de Belas Artes, e actualmente como professora de Artes Visuais.

No final, elaboro uma reflexão em torno do estágio, analisando todo o processo relativo ao desenvolvimento e gestão de actividades em regime de sala de aula, bem como de todas as iniciativas realizadas na escola.

PARTE 1

O DIÁRIO GRÁFICO

1.1. O Diário Gráfico e suas definições

O que podemos considerar como Diário Gráfico?

Quais as suas funções, os seus contextos de utilização, as suas características identificativas, ou os seus limites?

O Diário Gráfico começa por ser um livro em branco onde, por definição, se deveria registar, diariamente, elementos de um modo gráfico ou visual.

Em geral, os Diários Gráficos têm uma dimensão que permite o seu transporte, de forma que nos acompanhem, se o pretendermos, e onde possamos facilmente registar as nossas ideias, pensamentos, impressões ou apontamentos. Esses registos poderão ser realizados tanto através da escrita e do desenho, como por qualquer outro modo que consideremos válido num suporte dessa natureza, tais como colagens, recortes ou outros modelos de expressão gráfica.

A liberdade de registo do Diário Gráfico permite-lhe também que se possa tornar um espaço de arquivo para ideias, recordações, colecções ou outros elementos que queiramos integrar dentro do mesmo suporte, tais como papéis avulsos, bilhetes, rótulos, objectos relativamente planos, ou quaisquer outras curiosidades. No limite, podemos intervir nos nossos Diários Gráficos de qualquer forma que a nossa imaginação conceba e o suporte permita.

Uma certa fascinação e envolvimento são essenciais na utilização plena do Diário Gráfico. A verdadeira essência deste reside na cumplicidade que criamos com ele, na relação táctil que estabelecemos com o objecto, pela sua materialidade, e pela miríade de possibilidades com que as suas páginas vazias nos apelam à criação.

Como um confidente silencioso e leal, o Diário Gráfico está sempre disponível e acessível à nossa utilização, sem censura nem reparos. Quer apresente uma vertente mais íntima, quer uma mais exposta, os Diários Gráficos são parte de nós, uma faceta que apenas se revela plenamente se com ele mantivermos uma relação próxima e, de algum modo, emocional. Sem o estabelecimento de uma relação desta natureza, um potencial Diário Gráfico será apenas um repositório de elementos desconexos, que pouco ou nada representam do seu autor.

Subjacente à ideia de Diário Gráfico, está uma intervenção regular, dia após dia. Os tradicionais diários são todos eles gráficos. No entanto, o Diário Gráfico distingue-se de

um diário normal porque este é, no limite, constituído, apenas, por texto escrito, e o Diário Gráfico pode conter, para além de desenhos, todos os elementos gráficos que desejemos. Este carácter regular, para além de acolher observações e de conservar apontamentos, também desenvolve as nossas capacidades expressivas. Não só fomenta a prática constante do registo, como conserva esses mesmos registos de forma que os possamos rever, compará-los e analisá-los. A própria relação que estabelecemos com o Diário Gráfico, no fundo, fomenta um maior envolvimento com a prática da expressão visual, o que contribui para o nosso desenvolvimento plástico e criativo.

As definições do Diário Gráfico poderão ser múltiplas e variadas, mediante o seu contexto ou modo de utilização. Neste estudo optei por considerar o Diário Gráfico na sua perspectiva mais consensual e abrangente, ou seja, um livro com folhas neutras onde se pode introduzir, num contexto regular e potencialmente cronológico, todos os elementos gráficos que queiramos.

1.2. Terminologias

Muitas são as designações que um Diário Gráfico pode assumir nos contextos mais diversificados. “Álbuns de ideias”, “Diários de Viagem”, ou “Carnets de Voyage”, em francês, “Caderno de Campo”, “Diário Visual”, “Cadernetas”, “Caderno de Esboços”, em Inglês “Sketchbook”, “Visual Journal”, “Graphic journal”, entre outros, são algumas das terminologias frequentemente utilizadas para designar este tipo de cadernos. Sendo que cada uma apresenta características distintas, as diferenças entre elas, apesar de subtis, no fundo, revelam bastante sobre a sua utilização, origens e especificidades.

Os “Cadernos de campo” são utilizados principalmente por geógrafos, biólogos ou outros profissionais com actividades de carácter científico, durante os períodos em que viajam, para recolher informação sobre o que observam. Registam tudo sob a forma de breves notas, desenhos explicativos ou pequenos textos. Os cadernos são, assim, os resultados mais imediatos do trabalho dito “de campo”, ou seja no exterior, e são essenciais para a pesquisa e desenvolvimento de tópicos que o autor há-de, mais tarde, estruturar em artigos ou livros. Através dos “Cadernos de campo”, podem reviver pequenos instantes de observação, realizados em pleno campo de trabalho ou em qualquer outro local externo aos laboratórios ou ateliers.

Um exemplo clássico da utilização de cadernos de campo, de forma a documentar *in loco* as suas observações é o do naturalista Charles Darwin. Na sua viagem de cinco anos a

bordo do Beagle, Darwin descreve, através de desenhos e anotações escritas, as variedades de espécies da fauna e da flora dos continentes que visitou. Neste caso, os seus Diários Gráficos funcionaram como elemento de estudo, com o naturalista a utilizá-los como elemento de comparação das várias observações realizadas, mas também como um arquivo de trabalho, base teórica para os escritos posteriores que lhe granjearam a reconhecida fama que veio a alcançar. Num projecto dessa natureza e de tão longa duração, podemos facilmente especular que também terão servido como uma espécie de companhia, um amigo fiel com quem contar e a quem contar todas as descobertas de tão épica viagem.

Esta já longa tradição de utilizar estes cadernos durante as viagens foi continuada por escritores mais actuais, como Bruce Chatwin ou Luís Sepúlveda, que não abdicavam do seu uso, tornando-os um símbolo de nomadismo contemporâneo. Bruce Chatwin, antes de partir em viagem, abastecia-se de dezenas destes cadernos que numerava e identificava com o nome e com uma mensagem indicando a oferta de uma recompensa em caso de extravio. É sua a famosa frase *“Perder o passaporte é a última das minhas preocupações, perder o Moleskine (género de Diários Gráficos) é uma catástrofe.”* (D’ Almada, 2003: 26)

Ligado também ao conceito de viajar, surge o nome de “Diário de viagem” que está intimamente ligado ao acto romântico de desenhar ou escrever, em viagem.

Pela sua portabilidade e pelo seu carácter intimista, o Diário de viagem é um meio privilegiado para registar as nossas observações num contexto provisório e efémero como são as viagens. O próprio acto de desenhar em viagem permite não só registar os momentos, situações e perspectivas singulares, distintas do nosso dia a dia, como nos obriga a olhar de um modo mais atento e intenso para esses mesmos momentos.

Outro factor muitas vezes presente no “Diário de viagem” é a relação que se estabelece com o tema do nosso registo. De certa forma, até justifica a nossa presença naquele dado espaço, promovendo uma longa pausa perante esse elemento e, aquando do registo de pessoas, pode servir de catalisador de comunicação entre nós e o sujeito retratado.

O termo “Caderno de Esboços”, em inglês “Sketchbook”, corresponde mais especificamente a um suporte onde praticamos ou exercitamos o desenho, no sentido de aperfeiçoarmos as nossas capacidades, ou como espaço de estudo para a execução de projectos posteriores. Muitas vezes, os “Cadernos de esboços” não se limitam a estes usos, principalmente na sua designação em inglês, referindo-se a um sentido mais amplo de um suporte onde são realizados elementos expressivos não finalizados.

Um “Álbuns de ideias” refere-se mais à forma de utilização de certos Diários Gráficos do que a um género específico e distinto das restantes designações. Esta expressão traduz a

possibilidade que os Diários Gráficos possuem de estimular a recolha e arquivo de potenciais estímulos criativos, das mais variadas formas gráficas.

A expressão “Cadernetas” refere-se, neste caso, a um género de cadernos de esboços muito utilizado em meados do século XIX nos meios artísticos académicos, com o intuito de praticar e desenvolver o desenho.

“*Nenhum dia sem uma linha*”, era um dos postulados pedagógicos do uso destes cadernos, segundo afirmou o professor Mário Bismarck na sua apresentação “Um caso exemplar: a aprendizagem quotidiana do desenho em Henrique Pousão”, integrada no projecto “Desenhar Pousão”. Nas Cadernetas do pintor Henrique Pousão podemos encontrar um estudo exaustivo e sistemático do desenho. As suas páginas são habitadas por inúmeros desenhos, realizados ao longo do seu percurso académico em áreas como a miologia, a osteologia, desenhos do natural, apontamentos de museus e de história de arte.

“Diário Gráfico” é o termo mais usado no meio artístico e académico. Esta designação engloba outras expressões mais pontuais como “Diário Visual”, em inglês “Graphic Journal”, que são sinónimas e equivalentes, sem que possamos observar qualquer distinção entre estas várias terminologias.

A sua definição foi já abordada de forma detalhada no ponto anterior; de um modo geral, corresponde a um livro em branco, onde podemos elaborar regularmente um registo predominantemente gráfico.

Podemos, eventualmente, encontrar outras designações para além das acima mencionadas. No entanto, estas referem-se em geral a sinónimos, marcas comerciais, estrangeirismos ou designações secundárias que não remetem para nenhum género específico de utilização deste tipo de cadernos. Na impossibilidade de identificarmos todas as referências avulsas que, na maior parte das vezes, apenas se referem a designações coloquiais e sinónimas de um dos géneros já mencionados, e não sendo o objectivo deste estudo a elaboração da taxonomia do Caderno Gráfico, cingimo-nos apenas às supra-citadas.

1.3. Especificidades do Diário Gráfico

Portabilidade, materialidade e dimensão

Um dos elementos mais característicos do Diário gráfico é a sua portabilidade.

Existindo numa grande variedade de formatos e dimensões, os Diários gráficos podem ser transportados de modo muito prático, podendo ser levados connosco para qualquer local, estando facilmente acessíveis para que os possamos usar em quaisquer condições. Bastante próximos dos livros, no fundo o Diário Gráfico é um livro em branco, pronto a ser escrito por qualquer pessoa que assim o deseje. Mas, apesar de os livros poderem apresentar configurações bastante extremadas que se afastam dos seus formatos mais regulares, o Diário Gráfico (ou os livros e cadernos que são usados como Diários Gráficos) nunca desconsidera a necessidade de o deslocarmos, de o guardarmos connosco e de a ele acedermos o mais facilmente possível.

Naturalmente, a sua portabilidade implica muitas das demais características, nomeadamente no que refere aos materiais que o constituem. No sentido de não incrementar em demasia o seu peso ou custo, e exceptuando Diários Gráficos elaborados para fins muito específicos, as suas páginas são constituídas por papel normal, numa gramagem suficiente para o registo com elementos riscadores secos vulgares e acessíveis, como lápis ou canetas. As gramagens e os materiais ideais para registos aquosos, geralmente, implicam um custo mais elevado e um peso maior, o que retiraria ao Diário Gráfico o seu carácter portátil e descomprometido. Nos casos excepcionais em que são utilizadas gramagens elevadas, os Diários Gráficos tendem a conter um número de páginas bastante reduzido.

O mesmo ocorre no que respeita às capas e lombadas. Embora na sua maioria estas sejam elaboradas em materiais mais sólidos e nobres do que as páginas do seu interior, há uma constante atenção para que estas não sejam demasiado pesadas ou volumosas, de forma a que não desvirtuem o uso tradicional do Diário Gráfico. No entanto, enquanto que as páginas interiores são em geral claras e neutras para que tenham contraste suficiente a fim de que o registo possa ocorrer de forma explícita, as capas são muitas vezes escuras, trabalhadas e, não raramente, de registo difícil. Isto implica que, na maior parte das vezes, as capas dos Diários Gráficos sejam neutras e anónimas, sem distinção entre os vários volumes da mesma marca ou editora.

No que se refere às suas dimensões, estas mantêm a preocupação referente à sua portabilidade, mas sem descurar uma fácil utilização pelos seus autores. Isto implica que os Diários Gráficos não sejam produzidos em proporções demasiado grandes ou

demasiado pequenas. Para além do peso que implicariam as edições demasiado volumosas e as conseqüentes dificuldades de arquivamento, eles são geralmente transportados em malas, carteiras ou até em bolsos. Assim, as dimensões mais tradicionais encontram-se entre os formatos padronizados DIN A6 e DIN A4. Os formatos mais reduzidos apontam claramente para o seu transporte em bolsas ou pequenas bolsas, porventura uma herança dos caderninhos de jornalista que os acompanhavam para todo o lado. Os formatos maiores, apesar de caberem em algumas bolsas e malas, são mais adequados para o transporte livre, nas próprias mãos, e são mais adequados para registos muito específicos que impliquem maior rigor e detalhe na elaboração das imagens. O formato mais utilizado situar-se-á numa dimensão próxima do A5, num compromisso natural entre o espaço disponível e uma fácil portabilidade. Este formato A5 também permite uma dimensão A4 ao fazermos uso das duas páginas simultaneamente, com o livro aberto.

Os modos mais habituais de registo no Diário Gráfico assentam na utilização dos materiais tradicionais de registo gráfico, como lápis de materiais variados, todos os tipos de canetas, marcadores e aparos, pincéis, etc. Na verdade, o Diário Gráfico presta-se à utilização de quaisquer materiais que o seu autor considere relevantes, limitado apenas pelas características físicas das páginas do seu caderno. As já referidas dimensões do suporte, a sua estrutura agregada em torno de uma lombada, a materialidade de cada uma das suas páginas, são as únicas condicionantes da utilização do Diário Gráfico. Cada autor é livre de intervir no seu Diário Gráfico como melhor considerar, de experimentar sem conseqüências, de errar sem que tenha de expor publicamente o seu erro, de testar os próprios limites dos materiais de registo e de suporte, de colar, cortar e rasgar, de manipular, corrigir e tornar a manipular. Para além das eventuais condicionantes particulares com que cada um encare a utilização do seu Diário Gráfico, os únicos limites reais serão os do material que o constitui e da imaginação do seu autor.

O facto de o Diário Gráfico funcionar como um livro tradicional permite muitas vezes explorar a sequencialidade das suas páginas, a sua disposição e as características dos materiais que as constituem. Enquanto os suportes tradicionais não são concebidos para serem visualizados pelo verso, um caderno implica que ambas as faces de cada página participem na visualização de um Diário Gráfico. Por exemplo, podemos fazer uso da transparência da própria folha, ou assumir os vincos que o material de registo provoca em ambos os lados da folha, ou até recortá-la de forma que se veja a página seguinte. O facto de ser constituído por várias páginas que se guardam fechadas, exercendo pressão umas sobre as outras, também é um factor que pode ser explorado. Por exemplo, se introduzirmos uma folha seca ou outro material orgânico num caderno fechado, esse

elemento transferirá a sua textura e alguma da sua materialidade para as folhas do Diário Gráfico. E manipulando o livro, fechando, abrindo, ou comprimindo-o, podemos provocar a transferência de registo de umas folhas para outras e até criar efeitos de simetria em ambas as páginas abertas do Diário Gráfico.

Outra singularidade do Diário Gráfico é a sua natureza arquivadora. Nas suas páginas podemos guardar, não só os desenhos que vamos executando, como quaisquer outros elementos que consideremos pertinentes. Tudo o que registarmos no nosso caderno ficará arquivado, muitas vezes de forma cronológica, estando sempre disponível a consultas e visualizações posteriores. Permite que, sob uma lombada comum, todas as entradas do nosso Diário Gráfico estejam reunidas sequencialmente, protegidas pela sua capa e organizadas num mesmo volume. Tudo isto promove uma maior arrumação organizada, num espaço bastante reduzido e acessível a todos os elementos introduzidos no Diário Gráfico. Para além dos registos que efectuamos no Diário Gráfico, também podemos utilizá-lo como receptáculo de elementos avulsos que queiramos guardar em conjunto. Podemos facilmente colar, agramar ou prender elementos de qualquer proveniência nas folhas de cada Diário Gráfico, desde que relativamente planos. Guardados nas páginas do caderno, esses elementos estarão sempre protegidos, arrumados e disponíveis, muitas vezes junto com os nossos registos, textos e apontamentos, fazendo de cada Diário Gráfico uma pequena caixinha de memórias.

Esta componente de arquivo e a sua disponibilidade, conjugada com a portabilidade, tornam o Diário Gráfico um suporte ideal para situações em que nos encontramos em trânsito, em viagem, ou em qualquer contexto onde o acesso aos meios ideais de produção gráfica seja limitado. Na realidade, considero que essas componentes tornam o Diário Gráfico um elemento que fomenta e organiza a nossa memória gráfica, e mesmo a própria criatividade, ao permitir dar-lhe expressão em qualquer situação, tornando-nos mais receptivos a estímulos externos no nosso dia a dia e possibilitando a criação espontânea em qualquer contexto.

O Diário Gráfico como objecto criativo

“Os Diários Gráficos não são apenas para bons artistas, são para bons pensadores”.
(Maria, 2009)

O desejo de gravar algo, de criar, é essencialmente intemporal.

Os Diários Gráficos são testemunhos dos processos iniciais da criação, funcionando como um reflexo dos nossos processos de raciocínio, desde a fase mais embrionária da concepção, registando as observações, apontamentos, tentativas e êxitos. Como um secreto laboratório, um precioso receptáculo de ideias, que florescem e desenvolvem-se página a página, o Diário Gráfico apresenta-se como um espaço de liberdade onde tudo é permitido. São como um recolector da memória e um incentivo ao imaginário, transformando-se progressivamente num hábito que começa a fazer parte da pessoa, numa extensão do seu eu criativo. Nesse sentido, alguns Diários Gráficos podem não seguir qualquer lógica, apresentando desenhos, textos, colagens ou recortes, sem categorias nem modelos impostos, por vezes numa desordem aparentemente caótica para o observador.

Pelas condicionantes do suporte, pela sua natureza regular, íntima e descomprometida, e a natureza do meio, os Diários Gráficos potenciam o desenvolvimento daquilo que podemos entender como pensamento gráfico, no sentido em que promove a acção e a reflexão sobre um suporte bidimensional estruturado, mas com a liberdade de nele intervir como melhor considerarmos.

Tudo começa quando colocamos o lápis no papel, capturando um pensamento ou uma imagem antes que se desvaneça. Pode ser uma simples palavra, um desenho, algo imperceptível, uma mera mnemónica. Com estes simples actos página a página, nós expressamo-nos, inventamos e sonhamos. Muitas dessas ideias acabam por se transformar na génese de livros, ilustrações, filmes, canções, designs. Através do Diário Gráfico, o trabalho de registo torna-se um reservatório de ideias para criações futuras, onde as velhas experiências podem ganhar nova vida, onde antigos esboços podem dar origem a novos projectos.

Frédérique Daubal, Director Criativo, refere que os seus Diários Gráficos permitem-lhe ser livre, expressar-se sem limites.

“Tudo pode ser incluído no meu Diário Gráfico. Funciona como uma compilação pessoal das minhas ideias. Ter um Diário Gráfico ajuda-me a esvaziar o meu cérebro, enquanto faço conexões entre ideias sem julgamentos (...) O Diário Gráfico dá-me pistas para o meu trabalho de atelier. Assume uma carga de laboratório, (...) o próprio trabalho pode ser reciclado, posso voltar atrás e retrabalhar coisas já feitas. Os meus Diários Gráficos são trabalho em progresso - ideias, listas, palavras, desenhos, coisas que são importantes

momentaneamente e que fixo, incluindo palavras que os meus filhos dizem, as minhas espontâneas reacções às coisas, receitas, projectos, coisas que nunca vão acontecer.”
(Daubal, cit. in Brereton, 2009: 52)

Várias personalidades, desde escritores, artistas plásticos, exploradores, jornalistas, publicitários, músicos, designers, entre outros, utilizaram os Diários Gráficos como suportes para registar e guardar os momentos mais inesperados e inusitados do acto criativo, em qualquer lugar ou situação. O designer gráfico Clemens Baldermann refere que, quando começou a trabalhar em publicidade, percebeu que *“as ideias importantes aparecem em qualquer sítio, em qualquer hora. Foi quando comecei regularmente a trazer os Diários Gráficos no meu bolso.”* (Baldermann cit. in Brereton, 2009: 28)

A portabilidade e a disponibilidade do Diário Gráfico surgem assim como factores determinantes para que o pensamento e a expressividade criativa possam ser registadas em qualquer contexto.

Um dos mais influentes Diários Gráficos de todos os tempos foi o do artista renascentista Leonardo da Vinci. Homem de grande engenho, talento, e possuidor de um espírito inquieto, versado em todas as artes e aberto a todos os interesses, Leonardo da Vinci dedicou grande parte do seu tempo à actividade artística, bem como às experiências técnicas e científicas. Atento e estudioso, criou milhares de páginas com textos, desenhos e diagramas, sobre a diversidade dos seus interesses, que incluíam minuciosos estudos sobre a anatomia humana e animal, sobre as leis da física, da arquitectura, da engenharia, da botânica, entre muitos outros. Os Diários Gráficos de Leonardo da Vinci, que documentam uma procura de soluções inerentes ao processo criativo, ficaram conhecidos pelo seu valor informacional, cultural e intelectual. (Suh, 2005)

O artista plástico Pablo Picasso produziu cerca de 175 Diários Gráficos, o que demonstra a importância que estes cadernos tiveram para o autor. Criador compulsivo e apaixonado pela vida, utilizou incansavelmente os seus cadernos, no dia-a-dia, para registar e compilar toda a espécie de informações, desde moradas, fotografias, assuntos profissionais, listas de coisas para fazer, além de estudos preparatórios, vitais para o desenvolvimento da sua obra. (Salavisa, 2008: 54-55)

Nos seus Diários Gráficos, podemos encontrar muitos sinais da procura em torno da criação artística, quer de um elemento específico, quer em simples divagações criativas que nos permitem ter uma sugestão do seu processo de trabalho, através das experiências na procura de novos caminhos artísticos a serem percorridos. Podemos inclusive encontrar indícios do Cubismo nas suas pesquisas, com várias abordagens ecléticas, com colagens, desenhos, estudos e mais estudos de elementos abstractos e decorativos. Um dos atractivos dos Diários Gráficos de Picasso é exactamente o facto de

podermos observar o próprio processo de construção e descoberta, ao visualizarmos a sequência dos desenhos ao longo das páginas e ao sentirmos a maturação dos seus projectos, obras e linguagens ao longo de todo o livro.

Estes cadernos revelam, muito a forma de pensar dos seus criadores. Pequenos e compactos, os Diários Gráficos são verdadeiras relíquias que guardam e protegem o seu interior, não são para ser expostos na parede, mas para serem guardados. O espaço de liberdade que proporcionam está precisamente relacionado com esta característica, funcionando como um local de registo de diversos processos criativos nascidos da intuição, do acaso, do risco e de acidentes felizes.

O Diário Gráfico deve ser um espaço de libertação e de experiência, e a experiência implica a tentativa, o erro, o assumir das nossas pequenas fraquezas e fragilidades. O Diário Gráfico permite-nos esconder ou revelar apenas o que pretendemos e a quem muito bem entendermos, sem que o erro assuma demasiada importância ou gravidade.

Ironicamente, muitos Diários Gráficos, ao longo da história, principalmente de artistas plásticos conceituados como o próprio Pablo Picasso, acabaram por ser desmembrados e os seus desenhos expostos ou vendidos isoladamente, deturpando a sua função e sentido originais.

O Diário Gráfico como objecto afectivo.

O Diário Gráfico funciona como um elemento afectivo, que vem da sua própria natureza diária e confidente, cuja presença constante nos conforta e envolve num processo terapêutico, de intimidade e partilha. Nele colecionamos pessoas, sentimentos, momentos congelados no tempo e locais que mais tarde se podem visitar. O Diário Gráfico acaba por testemunhar e acompanhar diferentes períodos das vidas dos seus utilizadores. Surge como uma necessidade de reter aquilo que acontece e que consideramos mais importante e representativo. Além de um suporte para colocar ideias ou imagens, faz parte da própria existência de quem o usa. Este precioso objecto alberga pequenos tesouros, testemunhos de momentos, de uma pequena história que se escreve aos poucos. O prazer de escrever, desenhar, rever e reler, de sentir o objecto, algo tátil, íntimo, estabelece laços afectivos que fazem com que se torne uma extensão de nós próprios. Para a ilustradora nova iorquina Lauren Simkin Berke, os seus Diários Gráficos são as coisas mais importantes que tem e produz. "Se houvesse um incêndio no meu prédio, e tivesse um momento para agarrar alguma coisa antes de sair, eu levaria a minha mala de Diários Gráficos dos últimos dois anos." (Berke, cit. in Brereton, 2009: 34)

O Diário Gráfico pode ser um confidente, um amigo fiel, um companheiro em forma de caderno, totalmente sincero, pela sua natureza pessoal e particular. Os Diários Gráficos carregam com eles as marcas do tempo. Qualquer rabisco realizado “naquele” dia, para sempre simbolizará esse momento. E quando levamos os nossos Diários Gráficos em viagem eles voltam com as marcas dos sítios onde estivemos – molhado nos cantos da vez em que caímos à água, ou com as manchas daquela refeição. E, para além do tempo inscrito do período em que foi o nosso diário, também carrega a sua idade, a cronologia da altura em que o começámos, e em que parámos de nele inscrever os nossos momentos. E aos poucos envelhecem connosco. Ao contrário dos livros tradicionais, nos Diários Gráficos não há segundas edições e, quando alinhamos vários volumes segundo a sua cronologia, podemos sentir a vida a correr ao longo daquelas páginas, as capas mais antigas já gastas e amarelecidas, tudo num resumo aleatório da nossa vida durante aquelas “cinquenta” folhas. Uma página entornada pode estragar a estética das imagens lá presentes, mas, revista muitos anos depois, podemos sentir a nostalgia do momento passado. Os Diários Gráficos estiveram lá connosco, foram testemunhas e partilham o que então guardaram como um velho amigo reencontrado a cada desfolhar das suas páginas.

O Diário Gráfico de Frida Kahlo confidenciou e acompanhou os últimos anos da sua vida. É um exemplo de uma verdadeira viagem interior, cujo tema predominante é ela própria. Nele não há lugar para banalidades, para as insignificâncias da vida. *“Pinto a mim mesma porque sou sozinha e porque sou o assunto que conheço melhor”*. (Kahlo, 1995: 106)

Rico em cor e espontaneidade, o seu Diário Gráfico é povoado pela sua imaginação fértil, ao mesmo tempo que reflecte a sua deteriorização física, a sua luta incansável de soluções para o seu sofrimento, o seu estoicismo nos fracassos, a sua solidão e o seu amor por Diego Ribera, expressos em páginas e páginas de declarações, apelos e confissões. O Diário Gráfico foi para Frida um instrumento de catarse, um confessional, um companheiro quase amante.

Outro exemplo de um autor que abordou o Diário Gráfico de um modo íntimo e profundo foi o artista plástico e activista norte americano Keith Haring. Os seus Diários Gráficos contêm um vasto material, desde pensamentos e esboços sobre o seu trabalho, dezenas de textos, desenhos lineares, citações, listas de leitura, reflectindo as influências do universo de Walt Disney, da arte de Paul Klee, e da publicidade e grafittis metropolitanos. Página a página, acompanhamos a sua evolução como artista, a ascensão à fama, os seus relacionamentos, trivialidades, caprichos e inseguranças, as esperanças e medos após o diagnóstico de HIV. Apesar de tudo, os seus Diários Gráficos estão marcados pelo optimismo e pela alegria de viver, um verdadeiro testemunho da sua natureza mais íntima. *“Estes Diários dão uma descrição da actividade profissional [de Keith Haring], e revelam,*

tal como a maior parte dos artistas, as suas forças e inseguranças". (Hockney cit in Haring, 2010)

Outro artista que fez um uso muito intenso do Diário Gráfico foi o músico norte-americano Kurt Cobain. O seu livro póstumo "Kurt Cobain Journals" é uma colectânea de vinte e sete Diários Gráficos que relatam detalhadamente várias fases da sua vida. O primeiro Diário Gráfico do livro inicia-se com uma carta do final dos anos 80, onde Kurt Cobain revela a sua decisão de baptizar de Nirvana a sua recente banda. Ao longo das páginas, encontramos desenhos, pautas e letras de música que compôs, esboços para t-shirts e capas para os seus álbuns. Podemos ainda encontrar textos pessoais, como o nascimento da sua filha, ou problemas com o seu casamento, passando pelos seus tormentos, medos e angústias que vieram a culminar no seu suicídio. A sua vida profissional e pessoal cruzam-se nas páginas daqueles cadernos, de forma franca e sincera.

Mas por muito que procuremos denominadores comuns, os Diários Gráficos são por natureza únicos e singulares. Funcionando como um suporte para as nossas criações, cada página tende a ser um original; apesar de muitos autores manterem alguma regularidade na escolha dos seus cadernos ou nas abordagens estéticas realizadas, dificilmente podemos encontrar dois Diários Gráficos iguais. A personalização de cada exemplar acaba por se sobrepor às eventuais directrizes que cada autor decida assumir numa produção regular dos seus livros. Há muitos autores que assumem certos hábitos, superstições ou directrizes, como por exemplo nunca começarem pela primeira página, ou assinalarem sempre a data de cada entrada, ou não desenharem no verso de páginas já ilustradas. Todas estas pequenas relações de cumplicidade que o autor estabelece com o seu Diário Gráfico criam uma certa unidade nos vários volumes que ele produz ao longo do tempo. No entanto, essas directrizes auto-impostas funcionam mais como um fio condutor que permite manter algumas referências constantes, libertando a criatividade e a desinibição perante todos os elementos que não estejam sujeitos a essas normas. A postura de não iniciar um novo Diário Gráfico na primeira página, podendo voltar a ela posteriormente, liberta o autor da inibição de poder errar numa página tão fulcral como a primeira. Uma vez ultrapassado esse momento, as imagens podem ir crescendo para a frente ou para trás sem quaisquer constrangimentos.

A simples questão de corrigir ou não uma ilustração anteriormente efectuada, o momento de passar à página seguinte, se devemos corrigir um erro ou assumi-lo, são dúvidas que se levantam frequentemente junto dos utilizadores assíduos de Diários Gráficos. Mas no fundo essas dúvidas levantam-se mais pela forma como cada um se relaciona com o seu livro do que por uma necessidade real e concreta do uso do Diário Gráfico. Paradoxalmente, serão os autores que têm mais intimidade com os seus cadernos que

mais reflectem sobre que normas pessoais optarão por respeitar. Talvez isto demonstre um respeito pela dignidade do suporte, mas a verdade é que cada utilizador é livre de fazer uso do seu Diário Gráfico como melhor considerar.

Alguns autores aceitam de forma consciente o desafio que essa liberdade implica ao assumirem em cada caderno, em cada página, em cada imagem, um alheamento das possíveis normas que os volumes anteriores poderiam indiciar. O facto de não se cingirem a essas limitações revela uma atitude descomprometida e desinibida com os seus Diários Gráficos, mas será inevitável que alguns hábitos ou superstições venham progressivamente a surgir com o uso regular e constante desses suportes. O facto de alguns autores criarem os seus próprios diários, encadernando folhas avulsas, de materiais, formas ou cores diversas, muitas vezes revela mais um apego a esse modo de criação que acaba por vir a tornar-se também um hábito. O mesmo ocorre com os autores que navegam pelas páginas de modo aleatório, realizando os seus registos em qualquer página, avançando ou retrocedendo com total liberdade, o que apenas revela um modo singular de relação com os seus cadernos. Os Diários Gráficos, como elementos íntimos e pessoais que são, permitem sempre a liberdade que quisermos, mas isso não deixará de reflectir a personalidade do autor e o vínculo entre este e o seu Diário Gráfico.

1.4. O Desenho no Diário Gráfico

Desde sempre que os Diários Gráficos se revelaram como um meio privilegiado para todos aqueles que admiram e praticam o desenho. O recurso ao Diário Gráfico permite estabelecer com o desenho uma relação mais profunda, quer pela sua natureza íntima e pessoal, quer pela sua constante disponibilidade, que nos incentiva a uma prática criativa contínua e regular, tornando-nos mais atentos e observadores e, consequentemente, melhores desenhadores.

Na verdade, o desenho assume-se sob diferentes identidades, surgindo no Diário Gráfico das mais variadas maneiras - ferramenta de apoio a projectos, um processo para registar a realidade observada, um meio de expressão plástica e criativa, ou ainda como gesto espontâneo.

Pela sua acessibilidade e exequibilidade, o desenho é uma das formas mais elementares de registo nos Diários Gráficos, explorando desinibidamente as possibilidades gráficas deste tipo de cadernos. A disponibilidade constante do Diário Gráfico possibilita o registo instantâneo dos nossos pensamentos, das nossas reflexões. Como já referido anteriormente, é nas suas páginas que tantas vezes os autores testam os projectos, que

dão asas à sua criatividade, libertando potenciais ideias em estado embrionário, deixando-as navegar sem receios nem consequências, prontos a recomeçar num virar de folha.

“(...) o desenho possibilita uma imediatez e uma proximidade entre o fluir do pensar e o registo gráfico, interpondo entre estes o mínimo de entraves e de percas. Lembremos por exemplo que, nas antigas categorias de desenho do Renascimento, o esboço era também apelidado de pensiero, exactamente pela sua proximidade com a ideia. Que, aliado à sua eficácia de simulação gráfica, à sua capacidade de rapidamente e eficazmente “formar” sentidos e visualizar caminhos, o torna num veículo privilegiado das configurações do pensamento”. (Bismarck, 2001: 56)

O desenho encontra também no Diário Gráfico um espaço de eleição para a realização descomprometida de rabiscos avulsos, sem qualquer pretensão artística ou projectual. O acto de rabiscar distraidamente enquanto estamos ocupados com outra tarefa, o chamado *doodling* na expressão inglesa, ocorre frequentemente ao fazermos uso do Diário Gráfico para outras funções que não a expressa – o que denuncia a desinibição com que estes cadernos são assumidos pelos seus autores.

Pela sua vasta tradição nos meios artísticos académicos e pelo seu poder de evocação, o desenho de observação é outra presença constante nos Diários Gráficos. *“Durante a aprendizagem é um dos processos que mais se utilizam, porque possibilita quer a educação do entendimento visual, quer da correcção constante do que se faz, uma vez que o modelo está perante nós”.* (Rodrigues, 2003; 54)

“Desenhar continua a ser o exercício imperativo (biológico?) quotidiano de qualquer oficial destes ofícios, um modo de pensar e de apropriar o visível em momentos fugazes e sobressaltados que alimentam o saber desses que vão todos os dias para o trabalho de lápis na mão”. (Costa, 1994: 23)

O Diário Gráfico está sempre disponível e acessível para nele inscrevermos o mundo que nos rodeia, tornando-se um dos meios privilegiados para que a figuração surja fluentemente. É nesse sentido, como já referido, que os Diários Gráficos foram presença constante junto de expedições exploratórias, de carácter científico ou mesmo de lazer, principalmente até ao século XIX, mas não só. Ainda hoje, estes cadernos estão presentes em trabalhos de campo exterior pois permitem um registo fácil e imediato através do desenho, dispensando o recurso a meios electrónicos ou mecânicos de maior complexidade.

Muitos autores assumiram por completo esta vertente do Diário Gráfico de viajante, tornando-o através do desenho seu interlocutor e confidente. A própria natureza do registo

figurativo, geralmente de concepção mais demorada e de observação detalhada, reflecte uma interligação entre este tipo de desenho e um modo de viajar, que permite um ritmo lento de apreciação pausada e dedicada. Um Diário Gráfico sempre à mão possibilita fazer do desenho um modo de comunicação inter-cultural – para quem possua capacidades figurativas suficientes, e na impossibilidade de nomear determinado elemento, o desenho pode substituir a sua verbalização. E, na mesma medida, pode funcionar como uma ferramenta de contacto com o outro, uma forma de estabelecer uma comunicação com o contexto envolvente, pelo simples acto de retratar o que nos rodeia e partilhá-lo com os demais presentes. A simples reprodução da realidade através do desenho fascina e encanta qualquer observador, mesmo nos dias de hoje super saturados de imagens.

“Em Itália, também era muito bem tratado nos restaurantes porque pousava logo o bloco na mesa e imagino que os criados imaginavam que eu seria um escritor de guias turísticos ou mesmo gastronómicos. Quando percebiam que estava a desenhar não ficavam desapontados, antes mostravam interesse nos desenhos e alguns até me chamaram de maestro ou bravo”. (Côrte-Real, 2010: 53)

O Diário Gráfico, uma vez terminado, guarda consigo todas as memórias nas imagens representadas, quer dum modo realista quer simbólico, onde uma simples linha representará para sempre o momento em que foi realizada.

Apesar dos modos de registo nos Diários Gráficos não estarem condicionados por qualquer limitação conceptual ou gráfica, o desenho será sempre o seu meio de expressão por excelência. Ao assumirmos a criação de um Diário Gráfico, assumimos também a sua natureza simples e despojada, liberta e natural, portátil e acessível, onde o acto de desenhar será o meio de registo mais imediato; nele, a liberdade de registo e de expressão conjugam-se em perfeita simbiose.

1.5. O Diário Gráfico no universo digital

Nos anos mais recentes, tem havido uma constante contaminação dos dispositivos tradicionais, físicos, por similares em formato digital.

Apesar do Diário Gráfico, no seu sentido tradicional e clássico, não se prestar facilmente a uma presença no universo digital, vários têm sido os desenvolvimentos que nos levam a questionar quais poderão ser no futuro os limites do que podemos considerar como um Diário Gráfico, com uma progressiva transição para novos formatos e novos modos de relação com estes dispositivos.

Um dos campos que tem sido alvo de intensas pesquisas e desenvolvimento na procura de novos modelos funcionais em formato digital tem sido precisamente o livro de leitura. Vários dispositivos foram desenvolvidos especificamente para substituir o livro impresso por similares digitais, como o Kindle ou outros, de tal forma que estes aparelhos já apresentam uma designação específica - E-Reader ou "Leitor de livros digitais" em português. "Livro Digital" ou "Livro Electrónico" corresponde ao ficheiro electrónico que contém um "livro" em formato digital, ou seja, o texto integral conforme a versão impressa.

Os dispositivos de leitura E-Reader têm procurado mimetizar a utilização normal do livro tradicional, assemelhando-se minimamente no formato, nas dimensões, na visualização e, inclusivamente, na própria interacção do software com o utilizador. Percebe-se facilmente a razão desta semelhança na abordagem, pois por um lado é comum que cada novo meio de comunicação assuma as características dos precedentes, e por outro porque será muito mais fácil a transição do livro tradicional para os E-Reader, se estes mantiverem algumas constantes que nos preservem a familiaridade com os novos formatos. No entanto, embora os E-Reader permitam a leitura e acesso a conteúdos em formato digital, em geral estes apresentam uma grande limitação relativamente ao conceito de diário aqui desenvolvido, pois não permitem a produção de conteúdos, directamente. Esta característica constrange a relação que um utilizador de Diários Gráficos pode ter com um dispositivo desta natureza, pois este limita-se a ser um receptor relativamente passivo.

A relação de produção e consumo de conteúdos gráficos nos formatos digitais estará porventura mais presente nos próprios computadores. No entanto, os computadores de secretária, geralmente, implicam uma utilização bastante distinta daquela que temos nos Diários Gráficos tradicionais, principalmente pelo facto do seu uso estar limitado à secretária. Por outro lado, nos últimos anos tem vindo a difundir-se um segmento dos computadores pessoais que permitem assumirmos alguns dos comportamentos e modos de utilização que temos nos Diários Gráficos, -os computadores portáteis. A generalização do seu uso, inclusivamente a crescente possibilidade de acesso à internet a partir de qualquer sítio, tem feito destes dispositivos uma espécie de novo modelo de Diário Gráfico, de interacção distinta de um suporte em papel, mas em muitos aspectos assumindo características de utilização presentes nos Diários Gráficos tradicionais. De certo modo, alguns modelos de utilização que praticamos nos nossos computadores portáteis assemelham-se aos dos antigos cadernos em papel - os Weblogs, por exemplo, são na realidade um diário, muitas vezes com uma forte componente gráfica e visual. Porventura, os modos de produção são bastante distintos e temos que abdicar totalmente da utilização dos meios de registo tradicionais. Mas, no que se refere à forma de utilização, à relação que estabelecemos com os nossos "diários", às suas características

de portabilidade e arquivamento, os computadores portáteis são o esboço de uma nova geração de Diários Gráficos.

De certo modo, existe um universo tecnológico onde a utilização dos dispositivos digitais é mais próxima e intrínseca ao dos Diários Gráficos tradicionais, que são os Smartphones. Estes dispositivos têm vindo a generalizar-se entre um largo espectro de utilizadores, nomeadamente o iPhone da Apple, que tem implicado o desenvolvimento de aplicações mais acessíveis e intuitivas ao utilizador mais comum. Embora a sua função principal se centre na comunicação telefónica, os aplicativos que podem ser adicionados, e alguns de origem, têm vindo a tornar possível a produção de conteúdos directamente no aparelho. Para além do teclado e alguns botões específicos, muitos já possuem ecrãs tácteis que permitem a edição manual dos conteúdos. Aparentemente, esta pequena particularidade significa uma revolução no modo como poderemos vir a interagir com os Diários Gráficos. Para já, dispensa o uso de um elemento riscador, sendo necessário apenas os nossos dedos, recurso sempre disponível. Depois, porque ao simular digitalmente uma abrangente panóplia de modos de expressão analógicos, como aguarelas, aerógrafos, carimbos ou quaisquer outros que a nossa imaginação conceba e a tecnologia permita, ampliamos incomensuravelmente os recursos disponíveis para a elaboração dos nossos grafismos. Para além disto, os Smartphones integram uma série de recursos tecnológicos que podem facilmente participar na produção de grafismos visuais, como as câmaras de fotografar, acesso à internet, sistemas de Gps integrados, câmaras de vídeo, etc..

Um último aspecto relevante será o modo como os Smartphones poderão vir a alterar a forma como utilizamos os Diários Gráficos ao nível da portabilidade. Os Smartphones podem ser mais pequenos que os Diários Gráficos tradicionais e conter muito mais informação e recursos. E pela sua natureza, implicarão a sua presença constante pois integram vários elementos tecnológicos que necessitamos diariamente, como o telefone ou a agenda. Portanto, serão mais transportáveis, conterão mais recursos, e poderão estar mais presentes no nosso quotidiano. Mas as inovações no uso e interacção com estes dispositivos podem ainda reflectir-se de formas mais distintas. Existem certos aspectos que, por estarem ainda numa fase muito inicial, podem não ser facilmente observáveis, mas revelam que os paradigmas de utilização tradicional dos Diários Gráficos poderão vir a alterar-se radicalmente. Uma dessas componentes é o facto de que podemos produzir os conteúdos apenas com uma mão, ou em pé, ao podermos conjugar imediatamente uma fotografia captada com o mesmo dispositivo, ou ainda podermos dispor de uma "área" de trabalho bastante vasta, num suporte relativamente pequeno. Considero que muitas destas potencialidades não são recursos disponibilizados pelos criadores de cada dispositivo, mas sim uma evolução social por parte dos seus utilizadores ao criarem novas

formas de interação, levando ao desenvolvimento de aplicações que respondam a essas expectativas.

Todas estas observações poderão parecer um pouco especulativas, mas há já registo de alguns artistas e criadores que têm transitado, mesmo que parcialmente, para estes novos formatos, como é o caso do artista português Jorge Colombo que, recorrendo a uma aplicação do iPhone, produziu uma série de ilustrações para a capa da revista semanal norte-americana "New Yorker". Exemplos como estes revelam o que poderão vir a tornar-se os Diários Gráficos no futuro, ao assimilarem aos poucos as inevitáveis inovações tecnológicas.

Isto não significa que o Diário Gráfico tradicional desapareça facilmente, nem que o digital possa substituir o suporte papel e os meios de registo clássicos, sem que percamos algo no processo. Mas a evolução e a contaminação pelas novas tecnologias digitais não deixarão de estar presentes no Diário Gráfico.

PARTE 2

A ESCOLA SOARES DOS REIS

Nota Introdutória

A escolha da Escola Artística Soares dos Reis surgiu no âmbito da realização do meu estágio profissional. Neste capítulo, apresento a escola, as turmas acompanhadas, e faço uma caracterização generalizada da minha experiência como estagiária, reflectindo sobre a condição simultânea de professora e aprendiz nas aulas do estágio.

2.1. História

A actual Escola Secundária Artística de Soares dos Reis foi criada, oficialmente, em Janeiro de 1884, sendo designada nessa altura como Escola de Desenho Industrial de Faria de Guimarães do Bonfim. Em 1927, muda as suas instalações para uma velha fábrica de chapéus, na Rua Firmeza, onde será instalada depois de algumas obras de adaptação às novas funções. No ano de 2008, a escola transfere-se para as actuais instalações na rua Major David Magno, um espaço anteriormente ocupado pela escola Oliveira Martins e que foi adaptado especificamente para o ensino artístico.

Quanto a programas e cursos ministrados, a escola acompanha e reflecte as transformações sociais e políticas que caracterizam a sociedade portuguesa do século passado. Nos primeiros quarenta anos, o ensino dirige-se à formação da classe trabalhadora, primeiro apenas a operários, e, mais tarde, a filhos de trabalhadores sem actividade profissional.

Faculta Cursos de Desenho Elementar e Industrial, destinados exclusivamente ao sexo masculino. Para a população feminina, foram criados cursos de Lavors, Modista e Costureira ou Bordadora. Mais tarde, é Criado o Curso de Habilitação à Escola de Belas Artes.

A partir da publicação do Estatuto do Ensino Técnico Profissional, em 1948, a Escola, agora denominada Escola de Artes Decorativas de Soares dos Reis, passa a ministrar cursos especializados de índole artística e começa a desenvolver a área de Artes Gráficas. Com a reforma do ensino secundário em 1972/73, introduzem-se os Cursos Gerais e Complementares de Artes Visuais.

Após o 25 de Abril suprimem-se os Cursos Gerais que são substituídos pelo Curso Unificado de 7º, 8º e 9º anos. A escola passa a Escola Secundária, à semelhança de todas as outras, com a designação de Escola Secundária Soares dos Reis.

A publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo, em Outubro de 1986, abre a possibilidade de criação de estabelecimentos especializados, o que permite iniciar um processo que conduzirá à aprovação do Estatuto de Escola Especializada de Ensino Artístico e à elaboração de programas, projecto pedagógico, equipamentos e organização de espaços, que visam a transformação da frequência para Cursos Complementares de nível secundário. (www.essr.net, texto adaptado)

Em 2008, a escola inaugurou novos equipamentos e instalações, ao nível das melhores escolas europeias, sob a coordenação do Programa de Modernização do Parque Escolar do Ensino Secundário, um investimento significativo, com o intuito de proceder à reabilitação das instalações escolares, incentivando a sua modernização, de forma a dar resposta aos novos desafios que actualmente se colocam à escola Soares dos Reis.

O percurso histórico da escola reflecte a própria evolução e importância do ensino artístico no país, começando por centrar-se em cursos de âmbito operacional e tecnológico; embora seja criado em 1925 o Curso de Habilitação à Escola de Belas Artes, apenas na segunda metade do século XX assume a sua real vocação artística com a introdução de cursos especializados.

A constante procura por parte da escola da especialização no ensino artístico foi frequentemente condicionada pela evolução política e cultural do país. Os anos setenta viram a escola aumentar a sua oferta, mas, por outro lado, com a revolução de 1974, a escola foi integrada no sistema nacional de ensino, passando a ser designada de Escola Secundária de Soares dos Reis, condição que manteve até à reforma de 1986. Como escola especializada de Ensino Artístico, a Soares dos Reis procura disponibilizar aos seus alunos uma oferta que se coadune com a crescente procura de cursos nas áreas artísticas, através de novos programas, equipamentos, e de um projecto pedagógico adequado.

A constante mudança de instalações também permite perceber a especificidade das áreas artísticas e a constante procura de uma formação de qualidade, com ferramentas, máquinas e espaços apropriados a cada curso. As inevitáveis evoluções tecnológicas vieram tornar obsoletas algumas das antigas instalações situadas na rua da Firmeza, que há muito necessitavam de actualização em alguns dos espaços das áreas tradicionais, bem como da criação de novos espaços para cursos de desenvolvimento e implementação recente como as áreas da informática e do audiovisual. Com as novas instalações a escola pretende, não só responder a uma crescente procura de formação nas áreas criativas, mas também assumir-se como uma referência futura nas artes em geral.

2.2. Localização e instalações da Escola Artística de Soares dos Reis

A Nova Escola está integrada numa zona de grande densidade populacional, de intensa actividade comercial, e com fácil acesso aos transportes urbanos. Situa-se na freguesia do Bonfim, na Rua Major David Magno do Porto, nas instalações da antiga Escola Comercial Oliveira Martins.

O processo de construção e adaptação das instalações contou com a participação do corpo docente e do conselho executivo da escola que recorrentemente foram chamados a comentar as opções tomadas. O projecto, apesar de ter por base um edifício que já tinha como função o ensino, implicou muitas alterações e construções de raiz, pois o ensino artístico apresenta muitas condicionantes que devem ser consideradas detalhadamente. Nesse sentido, para além do espaço de aulas normal, a nova escola apresenta várias áreas construídas especificamente para as necessidades concretas, como os laboratórios ou as salas de tecnologias.

Segundo os professores, as novas instalações foram fundamentais para que o projecto educativo tivesse significado, no que respeita à dinâmica educativa escolar, à ampliação da sua autonomia e ao desejo de mudança. A modernização das instalações era uma necessidade premente, pois o edifício, com largas dezenas de anos de funcionamento, estava a estrangular a escola e o seu crescimento.

É no rés-do-chão do corpo principal do Edifício A, que mantém muito da traça original do projecto anterior, que fica a entrada principal e onde estão situados os serviços administrativos e de apoio, como a papelaria, a reprografia, a secretaria, a sala dos professores, dos directores de turma, além de outros espaços técnicos. No hall de entrada, o pé direito atinge a totalidade dos três andares do edifício de forma que este espaço possa ser utilizado para exposições ou instalações temporárias.

Nos restantes três andares do Edifício A estão situadas as salas de aula normais e as salas de departamento. Na parte poente do edifício podemos encontrar as salas de desenho, concebidas especificamente para o efeito, que, apesar de tudo, apresentam algumas condicionantes. As salas de desenho possuem muitas estruturas e mobiliário específico para o ensino da disciplina, como os lavatórios, cavaletes, estiradores e espaços de arrumo adequados; todavia, têm a sua iluminação natural um pouco condicionada pela hora do dia a que disciplina é ministrada, pois as salas viradas a norte recebem muito pouca luz natural, ao passo que as viradas a sul e poente têm uma excelente iluminação.

Ainda anexados ao edifício principal, foram construídos três andares onde se situam várias áreas técnicas, como laboratórios e salas de tecnologias, designados de Edifício B. No rés-do-chão dessa zona estão situadas as oficinas de grande envergadura, como as de Madeira, Metais, ou Gráficas. Estas oficinas apresentam um pé direito duplo, essenciais

em espaços desta natureza, devido às dimensões das máquinas presentes, e para que haja uma correcta circulação do ar nestes ambientes. O primeiro andar desta área é maioritariamente ocupado pela parte superior das oficinas, pelos laboratórios e um estúdio de fotografia. No segundo andar do Edifício B estão situadas as salas de projecto das diferentes áreas, para além das diversas áreas técnicas, tais como as salas de multimédia, salas de têxteis e cenografia, de meios digitais, de cerâmica, etc.

Ainda no rés-do-chão, e seguindo para além dos Edifícios A e B, entramos numa zona de transição onde podemos encontrar várias áreas sociais, como a Biblioteca, o pequeno e o grande auditório, a associação de estudantes, as casas de banho públicas, etc, designada de Edifício C. Junto às oficinas, mas numa zona de transição entre o Edifício B e o grande auditório, estão situadas as zonas técnicas, relativas às disciplinas de vídeo e audiovisuais. Esta zona ocupa os dois andares, com várias áreas técnicas, como as salas de montagem, os estúdios de vídeo, ou a régie, situada no segundo andar, com vista directa para o grande auditório. De salientar que o grande auditório é um espaço de amplas dimensões e de versátil utilização, ao permitir a recolha de toda a estrutura de lugares sentados para outros fins diversos.

Ultrapassando o hall de entrada e a zona intermédia, prosseguimos através de um corredor abundantemente iluminado por luz natural até ao Edifício E, no extremo da área coberta da escola, onde estão situadas as zonas de alimentação e de desporto. No extremo norte deste último encontramos vários campos multiusos, uma parede de escalada, e espaços de convívio relvados com algumas infra-estruturas em cimento.

A escola no geral está muito bem equipada, com todos os elementos necessários para o decorrer das aulas. No que se refere às áreas técnicas, estas são amplas e bem estruturadas, e em termos de construção estão preparadas para o nível de uso que devem estar sujeitas nas disciplinas a que se destinam. As zonas de gráficas estão muito bem equipadas, com máquinas e equipamentos excelentes e com nível geral superior a algumas instituições de ensino superior. Apesar dos excelentes recursos que a escola possui, ao nível das oficinas, estas não têm sido aproveitadas pela generalidade da comunidade escolar, pois cada área tecnológica é normalmente frequentada pelos docentes do respectivo curso sem que haja uma transversalidade na sua utilização. Todas as salas da escola estão equipadas com computadores e projectores, ligados à internet e à rede interna da escola.

A estrutura principal de todos os edifícios está bem concebida, apresentando uma dinâmica de utilização pelos alunos e pelo público externo à escola, ao permitir uma canalização condicionada de fluxos de pessoas, encerrando o acesso a algumas áreas, e liberando-o a outras, o que permite que a escola possa estar aberta à comunidade geral para que esta aceda apenas ao auditório, a exposições ou à biblioteca.

Todavia, um dos problemas, em relação à nova escola, reside na deslocalização da

mesma relativamente às instalações anteriores. A comunidade escolar era mais próxima do ambiente dinâmico e cultural da baixa do Porto. A própria proximidade física da Faculdade de Belas Artes, do Teatro Rivoli e galerias, onde facilmente se acedia a pé, era naturalmente uma mais-valia que possibilitava aos alunos uma maior envolvimento com a alma da cidade. Mas, mais uma vez, esta pode ser uma situação temporária. Cabe talvez à Escola Soares dos Reis criar nesta zona um novo foco cultural que permita que a alma da cidade não se restrinja à zona da baixa.

2.3. Projecto Educativo

O Projecto Educativo é *"um instrumento com projecção do futuro, pensado e elaborado colectivamente pela comunidade educativa a partir da análise da própria realidade, que actua de modo coerente sobre a prática docente com a intenção de a melhorar, dotando as instituições escolares da eficácia necessária para alcançar os objectivos pretendidos"* (Rey e Santamaria, cit. in Vilar, 2005: 159)

O Projecto Curricular de Escola é um dos constituintes do Projecto Educativo.

"As instituições escolares são organizações essencialmente caracterizadas pela natureza curricular da sua intervenção educativa. Neste sentido, o Projecto Curricular de Escola que se concretiza junto dos projectos curriculares de cada uma das turmas através de actividades lectivas, que podem ser disciplinares e não – disciplinares, e não lectivas – constitui-se como o verdadeiro núcleo duro do Projecto Educativo, pelo facto de se tratar do elemento básico da intervenção educativa, tanto no plano formativo como no plano instrutivo" (Vilar, 1993)

A Escola Soares dos Reis, sendo especializada no ensino artístico, faculta uma formação no domínio Visual e Audiovisual, possuindo currículos próprios.

"O plano de estudos decorre do conceito de currículo nacional, traduzido numa matriz que integra a componente de formação geral, comum a todos os cursos, que visa a construção da identidade pessoal, social e cultural, a componente de formação científica que visa a aquisição e o desenvolvimento de um conjunto de saberes e competências com base no respectivo curso, a componente de formação técnico-artística que, visando os mesmos objectivos da componente de formação científica, se constitui como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de projectos de natureza artística, integrando a formação em contexto de trabalho" (in Projecto Educativo da Escola Artística Soares dos Reis).

Neste sentido, é dotada de um conjunto de professores especializados para as áreas

vocacionais, assim como dá preferência a metodologias e formas de abordagem dos conteúdos, cujo objectivo fundamental é a aquisição de conceitos e linguagens específicas, o domínio de materiais, de processos técnicos e de utilização de equipamentos, que permitam a leitura e compreensão do fenómeno artístico e, simultaneamente, um progressivo saber fazer e criar.

Distingue-se do ensino profissional porque tem uma forte componente de concepção do objecto artístico; distingue-se do ensino regular de Artes Visuais porque tem uma maior componente prática da realização do objecto concebido e, portanto, da aplicação dos conhecimentos.

Na Escola Artística Soares dos Reis assiste-se a uma situação que tenta explorar as vantagens de cada um desses modelos. Ou seja, o aluno tem uma formação técnica bastante intensa e especializada, mas não deixa de estar preparado e ser motivado para o prosseguimento dos estudos. No entanto, se considerar não continuar os estudos e optar seguir para o mercado de trabalho, a sua formação é totalmente suficiente para que desempenhe satisfatoriamente as suas funções. Nesse sentido, o programa revela-se muito ambicioso, com uma carga horária elevada e muito direccionado para as artes.

A Escola Artística Soares dos Reis oferece quatro Cursos Artísticos, cada um deles com disciplinas específicas e de opção, que o aluno pode escolher como complemento à sua formação principal. Os Cursos são: Design de Comunicação, Design de Produto, Produção Artística e Comunicação Audiovisual. No ano lectivo de 2008|2009 abriu o Curso Profissional de Moda.

Estes cursos estão orientados numa dupla perspectiva: o prosseguimento de estudos em cursos de especialização de ensino superior ou tecnológico ou o ingresso imediato no mundo do trabalho. Estes quatro cursos decorrem em três anos - 10º, 11º e 12º - e funcionam em regime de frequência diurna e nocturna. O 10º ano, no currículo do ensino artístico especializado, é comum a todos os cursos.

Nesse sentido os alunos abordam várias tecnologias de cada uma destas áreas para melhor optarem nos anos seguintes.

No 11º ano os alunos têm todas as tecnologias referentes à área de opção, prosseguindo apenas numa delas no 12º ano.

2.4. Gestão flexível do Currículo

Depois de analisar os conteúdos, assistir a aulas e entrevistar alguns professores, tornou-se evidente que a escola é pensada como um local para as artes.

Os programas são, dentro dos possíveis, adequados às disciplinas tecnológicas dos cursos, apresentando a escola bastante flexibilidade, incentivada quer pelo Conselho Executivo, quer pelos professores.

Os docentes assumem poder nas decisões curriculares, detectando problemas, inventando soluções, promovendo práticas onde se desenvolve a criatividade e competências de ordem cognitiva, afectiva e social. *"São muito mais do que consumidores acrílicos dos conteúdos definidos pelo currículo nacional; são também seus configuradores"* (Leite, 2003).

Há uma autonomia escolar, significando essa autonomia um maior conhecimento do contexto em que se está inserido e dos objectivos que se desejam implementar.

Nesse sentido os conteúdos e projectos desenvolvidos são geralmente aplicados e úteis para a compreensão e explicação de situações técnico-artísticas, o que contribui certamente para uma maior motivação e interesse pelas disciplinas em questão. Existe uma clara intenção de proporcionar aos alunos situações de aprendizagem mais amplas e mais profundas no campo da criação artística.

As Disciplinas

Para além da formação geral, o currículo dos cursos artísticos especializados tem uma forte componente de formação específica; destaco as disciplinas de História e Cultura das Artes, Desenho A, Projecto e Tecnologias, Geometria Descritiva A, Imagem e Som A, conforme os cursos são da área das Artes Visuais ou Audiovisuais. Para além destas disciplinas, de carácter obrigatório, existe ainda um leque de disciplinas de opção, com programas aplicados a estes cursos, como é o caso da Física e Química Aplicadas, da Matemática para as Artes, ou da Animação e Modelação 3D, esta última oferta da própria escola.

Os cursos artísticos especializados têm um reforço lectivo na componente da formação artística e técnico-artística e uma carga lectiva de 22 blocos semanais (os alunos só tem uma tarde livre). Além disso há uma aplicação às artes nas disciplinas de carácter científico, como é o caso da Matemática para as Artes e Física e Química aplicadas.

A Formação em Contexto de Trabalho

Nos cursos artísticos do ensino diurno, os alunos terminam a sua formação numa das especializações do curso em que estão matriculados.

A formação em Contexto de Trabalho surge no âmbito da disciplina nuclear – Projecto e Tecnologias.

Permite o desenvolvimento de um conjunto de actividades profissionais, que visam a aquisição de conhecimentos a nível técnico e artístico, essenciais para o perfil de desempenho do aluno na área escolhida.

A Escola Artística Soares dos Reis procura, sempre que possível, promover a realização de estágios profissionais, com o intuito de concretizar a Formação em Contexto de Trabalho, em condições reais de laboração, em empresas, ateliers ou outras organizações. Por vezes, são os próprios alunos a sugerirem os locais onde gostariam de executar a sua formação, estando a escola disponível para apoiar estas iniciativas.

Este modelo de colaboração permite aos alunos experimentar uma verdadeira situação de trabalho, totalmente idêntica à que teriam como profissionais da área, promovendo nos alunos uma maior maturidade, quer como indivíduos, quer como profissionais da sua área. Por outro lado, os alunos têm a possibilidade concreta de verem o seu trabalho produzido.

A Prova de Aptidão Artística

Na escola Soares dos Reis, os alunos terminam a sua formação com a realização da Prova de Aptidão Artística.

A prova consiste na entrega, apresentação e defesa de um projecto que engloba conhecimentos técnico-artísticos adquiridos ao longo da formação, segundo directrizes previamente apresentadas. Regra geral, as directrizes são bem definidas a nível técnico e relativamente abertas a nível criativo.

O projecto materializa-se em produtos concretos, bem como num relatório final de apreciação crítica, tudo sob orientação de um ou mais professores.

Esta é a possibilidade de o aluno mostrar quais as suas reais capacidades a nível criativo e conceptual para a tecnologia da sua área de formação ou especialização, tendo tido oportunidade de desenvolver competências específicas.

A Prova de Aptidão Artística é fundamental para o aluno da Escola Artística Soares dos Reis, pois valoriza a preparação para o prosseguimento de estudos a nível superior, prepara os alunos para o mundo do trabalho e contribui para a maturidade intelectual dos mesmos.

Actividades

Hoje não faz sentido conceber um currículo apenas como um conjunto de conteúdos a ensinar.

”O currículo é entendido actualmente, não como um conjunto de conteúdos programáticos disciplinares sequencialmente organizados em planos de estudo, mas como um todo coerente englobante das actividades que a sociedade espera que, desenvolvendo-se no âmbito da escola, conduzam à aprendizagem das competências desejadas. Entram assim no âmbito curricular, para além dos conteúdos disciplinares já consagrados, temáticas transversais(...)”. (Alarcão, cit. in Roldão, 1999: 8).

É com este desejo que a Escola Soares dos Reis se organiza para oferecer e realizar actividades que dão novos sentidos à escola e ao currículo, tais como visitas de estudo, comemorações de datas - o seu 125º aniversário, palestras, exposições, concertos, idas e participações em festivais, desfiles de moda, jornais, workshops, etc.

A Escola Soares dos Reis procura abordar uma série de projectos, não apenas por serem inovadores, mas porque considera realmente serem uma mais-valia para a formação dos alunos. A postura da escola é dar liberdade para que os alunos idealizem projectos pertinentes e tenham condições para os executar.

A Escola tenta também promover o contacto com algumas instituições, com o intuito de informar os alunos das possibilidades de estudo existentes após o término da sua formação secundária.

Destaco, por exemplo, as visitas de estudo ao IPP - Instituto Politécnico do Porto - e à Faculdade de Belas Artes onde são feitas visitas guiadas.

2.5. O Estágio na Escola Artística Soares dos Reis

A minha experiência como estagiária na Escola Artística Soares dos Reis foi vivida de forma intensa, pois decorria em simultâneo com a minha prática lectiva em duas outras escolas, revelando-se gratificante.

Ao longo do estágio assumi vários papéis: era ao mesmo tempo aluna de mestrado articulado em duas faculdades, professora titular do ensino básico e secundário em duas escolas e estagiária na Escola Soares dos Reis, tudo em instituições com realidades escolares muito distintas.

Como estagiária na Escola Soares dos Reis, a experiência e o entusiasmo, da professora cooperante Leonor Soares, foram importantes desde o primeiro instante. As suas indicações foram atenuando as dificuldades sentidas na compreensão dos limites do meu papel na sala de aula, que pressupunham uma posição diferente daquela que costumo ter como professora. Por um lado, sentia que podia contribuir para a aprendizagem dos alunos, por outro lado, tinha que estar atenta para manter as linhas de orientação da professora cooperante.

Questionava-me quando seria pertinente falar, se intervinha pouco ou em excesso, se o que eu dizia poderia ou não confundir os alunos. Encontrava-me numa posição muito mais contida, atenta, quase em autoscopia, bastante diferente do meu comportamento usual em sala de aula. Por outro lado, o facto de já dar aulas e sentir-me simultaneamente observadora e observada fez com que cada vez mais reflectisse sobre a minha prática docente passada e presente. Ao prestar maior atenção aos meus procedimentos na sala de aula, apercebi-me de algumas das minhas atitudes e rotinas, onde poderia explorar novas possibilidades, ou melhorar algumas das minhas práticas, permitindo-me crescer como docente. A possibilidade de realizar este estágio revelou-se uma oportunidade, funcionando como um veículo de correcção e aperfeiçoamento.

Quando há quatro anos iniciei a minha carreira no ensino, senti as dúvidas naturais de quem começa um percurso profissional, ampliadas pelo facto de ter realizado a minha formação nas Belas Artes, pois as licenciaturas desta faculdade não contemplam qualquer orientação pedagógica. Nesse contexto, os primeiros anos foram de aprendizagem da prática docente, muito assente na minha perspectiva de aluna, complementada pela observação e troca de impressões com os colegas.

Esta instrução auto-didáctica, de formação contínua e empírica, contemplava algumas lacunas que só o tempo poderia colmatar. Nunca antes tinha planeado unidades, não tinha conhecimentos estruturados sobre o que implica o projecto educativo de uma escola ou do plano anual de actividades, sobre os procedimentos referentes à elaboração de actas, do

preenchimento do livro de ponto ou das competências e obrigações do director de turma. Ser professor, de facto, não é uma actividade que se esgote na sala de aula.

O estágio revelou-se uma etapa fundamental no processo de formação da docência, nomeadamente no que diz respeito ao conhecimento orientado da realidade lectiva. Através da realização dos estágios, adquire-se a experiência e conhecimentos essenciais ao ensino, contando com o professor cooperante para esclarecer, auxiliar, e de um modo geral, complementar a formação adquirida pela observação participada das aulas.

As interacções estabelecidas com o professor cooperante, com os pares e com toda a comunidade educativa proporcionam oportunidades de troca de experiências, de discussão de pontos de vista diferenciados, de modelos e estratégias, possibilitando uma reflexão conjunta que contribui para a construção e amadurecimento do conhecimento e posterior autonomia do futuro docente.

Assim, o acompanhamento e o apoio constante da professora cooperante Leonor Soares foram fulcrais neste processo, tendo encarado os seus conselhos e observações ao meu trabalho como essenciais para o meu crescimento profissional. A observação da sua forma de planear e ensinar os conteúdos da disciplina, a sua erudição e o seu estímulo contínuo foram sempre indispensáveis ao sucesso desta experiência enriquecedora.

A realização deste estágio permitiu posicionar-me de um modo mais seguro e confiante face à prática docente, articulando de um modo positivo a formação empírica até aqui realizada, com as concepções teóricas e práticas experienciadas durante este mestrado.

A acrescentar a tudo isso, foi muito gratificante trabalhar na Escola Soares dos Reis. O estágio proporcionou um melhor conhecimento sobre o ensino artístico especializado, sobre o qual sempre tive curiosidade. Compreender como se processa a realidade escolar específica do ensino artístico, os projectos e as práticas docentes, as aspirações e limitações, foi muito útil, pois a minha experiência como docente resumia-se ao grupo de Artes Visuais do ensino regular.

A especificidade do ensino na Escola Soares dos Reis, que consagra como objecto central de estudo o ensino artístico, reflectindo-se na maior adequação do seu espaço físico, o entusiasmo com que muito do seu corpo docente abraça os conteúdos a leccionar, o intenso interesse e dedicação dos alunos, em suma, a singularidade da escola no ensino das artes, implicaram que todo o estágio decorresse de um modo profundamente envolvente, participativo e criativo.

O estágio centrou-se principalmente em torno da disciplina de Desenho A, leccionada pela docente Leonor Soares, às turmas do 12º ano, B1 e B2. Para além desta disciplina, que foi o núcleo do estágio, ao longo deste ano tive a oportunidade de assistir e participar em aulas e projectos de outras disciplinas e com outros professores, o que me permitiu estabelecer uma relação mais profunda e integrada com a generalidade da comunidade escolar da Soares dos Reis. A constante disponibilidade de todos os intervenientes, nomeadamente da própria Direcção da escola, o facto de já conhecer pessoalmente vários professores, o carácter descontraído com que muitos dos conteúdos são ministrados, foram factores que contribuíram para que estágio tenha corrido de uma forma gratificante e esclarecedora.

A política informal de “porta aberta” espelha-se de variadas maneiras no dia-a-dia da escola. A própria organização física das salas reflecte esse espírito, na medida em que todas possuem uma face em vidro que permite a observação do decorrer da aula, por qualquer membro da comunidade escolar. Os professores são os primeiros a fomentar essa postura, ao manterem disponibilidade para que a formação dos alunos não se resuma à sala de aula. Por vezes, as portas encontram-se literalmente abertas, não só nas aulas práticas onde o aluno pode circular livremente, mas também nas teóricas, o que promove uma formação interdisciplinar, factores por vezes essenciais para o estímulo do pensamento artístico.

2.6. Os alunos da escola Artística Soares dos Reis - As Turmas B1 e B2

O meu progressivo envolvimento com as turmas junto das quais realizei o estágio veio a revelar-se uma mais-valia, pois considero que o conhecimento das dinâmicas e singularidades de cada grupo contribui para uma melhor adequação das estratégias e abordagens à leccionação das aulas. As naturais hesitações iniciais foram dando lugar a uma maior consciência de qual poderia ser o meu papel no espaço da aula, factores para o qual foram decisivas a minha plena integração nas aulas de desenho e a proximidade que se foi estabelecendo com o grupo. Começando por ser observada como um elemento intruso, aos poucos os alunos foram-se habituando à minha presença e ganhando à vontade para levantarem questões, pedirem opiniões e partilharem comigo as suas dúvidas. Numa disciplina cuja componente prática é elevada, a presença de mais uma professora para os cerca de vinte e quatro alunos pode realmente contribuir para que estes tenham mais apoio, podendo acompanhá-los com maior disponibilidade e atenção. Tal facto foi gerando nos alunos o sentimento que o meu auxílio poderia funcionar, e a boa

relação com a generalidade das duas turmas foi crescendo e solidificando-se. Esta minha integração na dinâmica das turmas reflectiu-se favoravelmente para além das aulas, com os alunos a partilharem comigo algumas das suas dúvidas e receios, e a aceitarem os meus conselhos e sugestões, estimulados a trabalharem mais e melhor, ganhando um maior entusiasmo pelas aulas de desenho.

A minha abordagem à disciplina foi-se tornando mais personalizada, adequando os conteúdos e estratégias ao ritmo e interesses de cada turma, gerando com isto uma relação mais próxima e interessada entre os alunos e a matéria das aulas. Apesar de existir um programa comum para todas as turmas, o modo como esse programa é ministrado pode ser enquadrado num contexto mais apelativo para os interesses de cada grupo, sendo que esta dinâmica tem que funcionar em ambos os sentidos, com os alunos a participarem também nesse diálogo, mostrando-se receptivos e integrando-se activamente nos temas que sejam do seu agrado.

Naturalmente, devemos ter em conta que nenhuma turma é apenas um todo, existindo sempre elementos dissonantes e particularidades de indivíduo para indivíduo. Apesar da comunicação ser realizada para a generalidade da turma, procurando um equilíbrio entre todos os seus elementos, não devemos desconsiderar aqueles que por alguma razão se destaquem dos restantes. O progressivo conhecimento e envolvimento que vamos estabelecendo com cada turma é essencial para que possamos observar a assimilação e desenvolvimento dos alunos, auxiliando-os e estimulando-os de acordo com as necessidades individuais de cada um.

A correcta gestão de todos estes factores relacionais acaba por ser essencial para o sucesso da turma, optimizando todo o seu potencial e fazendo valorizar o grupo como um todo, em que cada elemento participa e contribui.

Neste sentido, considero relevante realizar uma caracterização de cada uma das turmas junto das quais estagiei, de forma a enquadrar um perfil genérico, definindo alguns elementos particulares e biográficos dos seus elementos. Não pretendo, contudo, estabelecer uma caracterização definitiva, servindo apenas como referência informativa de carácter geral, enquadrada num contexto mais amplo e diverso do aqui exposto.

Resumidamente, a turma do 12º B1 é composta por 22 alunos do curso de Design de Comunicação e Produção Artística. A turma do 12º B2 é composta por 24 alunos do curso de Design de Comunicação.

Os discentes das duas turmas, na generalidade, têm entre 17, 18 anos, havendo casos pontuais de 19 e 20 anos.

Os alunos das duas turmas são oriundos de famílias de todos os níveis sócio-económicos.

As disciplinas preferidas são, na globalidade, Projecto e Desenho A, e apresentam mais dificuldades na disciplina de Geometria.

Quando questionados relativamente às suas perspectivas no prosseguimento dos estudos, após o término do ensino secundário, a maior parte dos alunos mencionou que pretende prosseguir a sua formação, não só através do ingresso no ensino superior nacional, e em cursos técnicos ou politécnicos, mas também em escolas da área, no estrangeiro. Esta postura perante a continuidade da sua formação, sem se limitarem às opções mais óbvias e assumindo o risco de tentar ir mais além, revela por parte dos alunos alguma maturidade e consciência dos processos de formação, sob uma perspectiva mais ampla e global. Segundo a professora cooperante, no geral estas turmas manifestam interesse pela aprendizagem e têm resultados bastante satisfatórios, salvo exceções pontuais que apresentam algumas dificuldades.

Além destas informações, ao longo do ano apoiei-me bastante na observação directa e, através desta, fui conhecendo melhor os alunos de um modo mais próximo e pessoal. Apesar da individualidade expressa de muitos destes alunos, não deixam de existir características comuns que podemos encontrar em muitos deles, no fundo similares ao perfil de aluno da escola Soares dos Reis.

Durante a realização do estágio, pude observar que os alunos da escola caracterizam-se mais pela diversidade, não se enquadrando dentro dos tradicionais modelos de comportamento que podemos encontrar na generalidade dos estabelecimentos de ensino. São alunos interessados em movimentos alternativos e irreverentes, com alguns indivíduos a assumirem papéis muito personalizados, como podemos observar nos modos de vestir, nos hobbies, ou nas influências dos seus trabalhos

Podem ser considerados jovens com uma maior tolerância para com a diferença, principalmente porque convivem com ela diariamente, sem que considerem necessário tecer juízos de valor relativamente aos colegas ou amigos. Embora existam alguns alunos com propensão a uma visão sombria da vida, no sentido em que são algo dados a estados de espírito nostálgicos, julgo que tendem a canalizar essa atitude para os seus trabalhos, para a sua postura artística ou expressão pessoal.

Considero também que são alunos atentos ao que os rodeia, na generalidade bastante curiosos e criativos, devido principalmente ao facto de conviverem numa instituição que divulga e estimula a cultura visual, além de terem muita iniciativa, participando e organizando uma série de eventos e actividades que envolvem toda a comunidade escolar. A Associação de Estudantes constitui um exemplo da dinâmica dos alunos, pois promove e apoia variadas iniciativas, como o grupo de teatro, o círculo de fogo, conferências e debates, visitas de estudo, entre outras. Vivem muito a escola,

permanecendo nas suas instalações após o fim das aulas, a conversar, a tocar instrumentos, ou desenvolvendo projectos escolares ou pessoais. Alguns vêm propositadamente de longe, todos os dias, para as aulas, e outros vivem sozinhos no Porto durante toda a semana, por residirem demasiado longe.

Incorporam um forte sentimento de pertença, integrados numa comunidade escolar distinta e singular, fruto também dos seus 125 anos de história, usufruindo este espaço de um modo desinibido e afectivo, embora sintam que as novas instalações ainda se apresentam algo neutras e descaracterizadas, comparativamente ao antigo edifício. Existe um bom ambiente, relaxado, com uma atmosfera cultural estimulante, e com ausência de comportamentos violentos. Na generalidade, os alunos sentem-se parte da escola, o que em muito se deve ao espírito aberto de toda a comunidade escolar.

PARTE 3

O Diário Gráfico no contexto escolar

Nota Introdutória

O capítulo que se segue apresenta um conjunto de ensaios que exploram de que forma o Diário Gráfico pode ser relevante no contexto escolar.

No primeiro capítulo, foi apresentada uma descrição geral do Diário Gráfico que permite antever as potencialidades destes cadernos quando enquadrados em contexto pedagógico, nomeadamente nas áreas expressivas de índole visual. Estas serão aqui analisadas e desenvolvidas, tendo por base o estágio realizado na escola Soares dos Reis, na disciplina de Desenho A.

Nesse sentido, as aulas e actividades de estágio foram planificadas como um campo de experimentação do meu objecto de estudo. No entanto, ressalvo que não pretendo realizar uma descrição detalhada e exaustiva de todo o processo de estágio, mas sim uma reflexão em torno da aplicação do Diário Gráfico como instrumento pedagógico.

O Diário Gráfico surge, não apenas na sua vertente potencialmente operativa, utilitária, didáctica e metodológica, mas também por estar agregado a questões de índole afectiva e emocional, que o distinguem como um meio privilegiado no ensino das artes visuais.

3.1. O Diário Gráfico enquanto estudante

Ainda criança, tudo servia para realizar os primeiros rabiscos. Em qualquer superfície, no papel, nas paredes, nos livros. Todavia, o hábito de desenhar regularmente num caderno próprio surgiu apenas com o meu avô paterno, por volta dos seis anos de idade. Os cadernos mais utilizados consistiam numa espécie de agenda A5 com folhas brancas, onde aos poucos se foram acumulando imagens avulsas, postais, apontamentos, listas e histórias.

Adorava ver a magia surgir na ponta do lápis, as figuras a ganhar forma segundo os meus desejos de criança, ansiando sempre por mais, para aprender, para guardar e rever. Todos esses registos ficaram como um diário de tempos felizes, que poderiam ser revividos através dos inúmeros gatafunhos perdidos nas folhas dos velhos cadernos. Com o tempo, os desenhos foram-se acumulando e começaram a surgir outros registos e outras experiências. Letras e palavras tornaram-se presença regular, dando voz às personagens das primeiras bandas desenhadas.

Aos poucos, os cadernos foram substituindo as folhas soltas, até se imporem em definitivo. Geralmente recorria aos tradicionais blocos de folhas A4 e A5, que me permitiam não perder as imagens, guardá-las e partilhá-las com amigos e colegas.

No último ano do secundário, uma das professoras de Artes utilizava sempre um pequeno livro A6, de capa preta e encadernação reforçada. Perante a minha curiosidade, explicou-me que servia como uma boa forma de treinar o desenho e de arquivar os seus rabiscos, levando-os consigo para todo o lado. No final do ano fui brindada com um exemplar, que passou a acompanhar-me em todas as situações, utilizando-o como suporte para os desenhos e experiências, segundo os conselhos da antiga professora.

Aquando da entrada na faculdade de Belas Artes, apercebi-me que o uso desses livros era uma prática comum entre alunos e professores, sendo inclusivamente vendidos na própria escola. O uso generalizado desses cadernos numa escola tão conceituada no campo artístico fez-me olhar com maior seriedade e interesse para os meus humildes cadernos. Designados de Diários Gráficos pela generalidade da comunidade escolar, esses livros de folhas brancas e capas rígidas eram bastante usados com fins pedagógicos, onde deveríamos praticar o desenho todos os dias.

Foi numa aula de Figura Humana que pela primeira vez ouvi o nome Diário Gráfico, tendo o professor explicado a sua utilidade e a principal finalidade do seu uso no contexto das aulas. A exposição da forma íntima e apaixonada como o Diário Gráfico poderia ser utilizado contagiou-nos, e cedo muitos de nós passámos a ser proprietários daqueles

pequenos livros. A vontade de desenhar, de registar tudo o que nos rodeava, de fixar as pessoas, os objectos e lugares, de experimentar sem medo e a progressiva consciência que os resultados iam melhorando com a prática constante, tornou o Diário Gráfico uma ferramenta incontornável no processo-aprendizagem do desenho.

Todavia, o professor fazia questão que desenhássemos todos os dias e, inicialmente, comecei por sentir-me inibida em utilizar os cadernos que, noutra contexto, sempre utilizei com total prazer e à vontade. Os livros que anteriormente funcionaram como objectos recreativos, sem obrigações nem constrangimentos, surgiam agora também como um trabalho que deveria corresponder às expectativas do professor. Esse acanhamento inicial levou a que lidasse de forma pouco natural perante as tentativas menos sucedidas, chegando ao ponto de riscar por cima dos erros ou rasgar páginas.

No entanto, com o uso constante e regular do Diário Gráfico, as inibições iniciais foram dando lugar a alguma confiança e à-vontade, começando a testar novos materiais e abordagens técnicas, saindo aos poucos da minha zona de conforto e avançando para caminhos novos e estimulantes, cruciais para superar dificuldades.

A partilha constante dos diários entre os colegas, com os professores e com os amigos, tornou-se familiar, e aos poucos fui perdendo o nervosismo e ansiedade, aceitando que o erro era inevitável, e de certa forma até desejável, e que mesmo os melhores autores tinham páginas menos felizes, fazendo parte do processo natural de aprendizagem.

Com a presença constante dos Diários Gráficos, o acto de desenhar nas suas páginas tornou-se intuitivo e espontâneo - sempre que pretendíamos explicar uma ideia, um trabalho, por mera distração ou hábito, o desenho surgia naturalmente.

O sentimento de fazer parte de uma comunidade de utilizadores de Diários Gráficos também incentivava uma maior desinibição, pois cada autor aborda os livros à sua maneira, com diferentes soluções, ideias e atitudes. Aos poucos, a empatia e cumplicidade criada pelos Diários Gráficos funcionava como uma linguagem comum partilhada por todos.

Também nas aulas de Design, o Diário Gráfico foi aos poucos ganhando preponderância como instrumento de auxílio à aprendizagem e como processo de reflexão e concepção dos projectos da disciplina. Tornou-se essencial para traduzir os pensamentos em imagens, para expor e discutir conceitos com os colegas, para conservar as ideias, estudos e projectos, de forma a não perder informações, tendo-as sempre acessíveis. De caderno de desenhos e de práticas plásticas, o Diário Gráfico passou também a ser uma ferramenta de apoio a todas as fases do processo criativo.

A Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto sempre teve uma grande tradição na área do desenho, não sendo por acaso que os três primeiros anos têm uma componente lectiva de desenho bastante extensa. Considero que o desenho é o alfabeto do ensino artístico, a base com a qual podemos construir palavras, frases, textos, de forma a explorarmos e traduzirmos ideias. Grande parte dos meus professores na faculdade vinha ainda de uma geração onde o uso do computador era bastante limitado, recorrendo-se então muito ao desenho manual, à tipografia de decalque, aos recortes e montagens, exigindo grande perícia manual e domínio técnico. Esta tradição era particularmente visível nos professores que recorriam frequentemente à ilustração, que até hoje nunca abdicaram do recurso ao desenho, apesar da omnipresença das plataformas digitais na sociedade contemporânea.

Os professores referiam muitas vezes que, mesmo desenvolvendo grande parte do seu trabalho de forma digital, a base dos seus projectos de Design sempre foi o desenho, ou um esboço inicial feito na maioria das vezes num Diário Gráfico.

Todo este contexto formativo influenciou naturalmente o meu processo de trabalho, e ainda hoje concebo e componho os meus trabalhos manualmente. Utilizo o Diário Gráfico até ter uma noção exacta do que pretendo realizar, ou pelo menos para dar forma às primeiras ideias e às direcções que poderão ser tomadas através de outros meios.

Claro que não abduco de desenhar directamente no computador, principalmente com o aparecimento das mesas digitalizadoras, que simulam de um modo realista o acto de desenhar através dos programas de edição de imagem. Mas a expressividade, a destreza e cumplicidade do papel não é comparável aos dispositivos tecnológicos, eternamente presos a um computador e sempre dependentes de energia, sem que possamos transportar para qualquer lugar, a qualquer hora. Por muito desenvolvidos que possam ter-se tornado, estes recursos tecnológicos constituem apenas uma ferramenta complementar ao desenho tradicional.

A constante necessidade de tomar notas, organizar ideias e de desenhar, faz do Diário Gráfico uma presença incontornável na minha vida, quer pessoal quer profissional, algo que nos acompanha, que nos dá prazer, em que investimos o nosso tempo e ao qual dedicamos a nossa atenção e carinho.

3.2. O Diário Gráfico enquanto professora

Nos últimos anos no ensino, o Diário Gráfico tem sido um assunto sobre o qual me tenho debruçado, tendo inclusivamente vindo a implementá-lo nas escolas onde lecciono. Na realidade, existem alguns exemplos de professores que introduziram o Diário Gráfico nas suas disciplinas. No entanto, no segundo e terceiro ciclos do ensino básico, a sua prática é quase inexistente. Várias são as razões que tenho encontrado para os professores não o adoptarem nesses níveis de ensino, tais como um desinteresse pelo tema ou mesmo o simples desconhecimento da sua importância. Muitos docentes presumem que quanto menor é o nível de ensino, maior é a dificuldade dos alunos em adquirirem hábitos de utilização do Diário Gráfico, considerando que não faz sentido adoptá-lo nessas idades, pois as crianças não teriam maturidade suficiente para justificar a sua implementação. Alguns professores referem mesmo que só consideram pertinente o seu uso no secundário, quando os alunos pretendem prosseguir o ensino artístico, pois é nos últimos anos das áreas vocacionais de índole artística que os alunos produzem trabalhos de maior plasticidade e de qualidade mais visível, o que se coadunaria com a utilização que o Diário Gráfico deve ter. No entanto, não nos devemos esquecer que o simples acto de desenhar constitui um dos mais fundamentais modos de expressão do ser humano, presente desde a mais tenra idade, não sendo dependente na sua essência de capacidades plásticas extraordinárias nem de qualquer virtuosismo técnico.

Não obstante, o actual sistema de ensino desconsidera a expressão visual como algo essencial na formação do aluno, não valoriza o seu papel como meio de comunicação, remetendo para uma mera actividade lúdica e acessória ao “verdadeiro” ensino. Na realidade, a expressão visual surge logo após a oralidade como forma natural de transpor e transmitir sentimentos, ideias ou conteúdos. Por motivos essencialmente culturais, ao longo da nossa progressão comunicativa, o desenho vai perdendo muito do seu sentido operacional, remetido para áreas recreativas, pouco vinculado a uma capacidade em criar obras de qualidade excepcional que justifiquem a sua realização. Durante a adolescência, os alunos vão sendo encaminhados para o seu campo de formação, perdendo contacto com a área do desenho, e só os que são muito incentivados ou os que têm mais talento é que continuam a desenhar.

“ Tendemos a desvalorizar o desenho, somos um país que desenha pouco, grande parte de nós diz, de imediato, que não tem jeito para desenhar, isso é coisa de miúdos. (...) Muitos pais e professores não se apercebem da importância e das diferentes etapas do desenho infantil e com os seus comentários e reparos contribuem para que as crianças se sintam frustradas e percam o gosto por desenhar”. (Oliveira, 2008: 44)

Ao longo do processo de crescimento, o desenho, mais do que uma simples brincadeira, é

até visto como acto imaturo, alvo de críticas e pressões externas que, juntamente com o crescimento, promovem o afastamento progressivo do aluno. Como afirma Elvira Leite, *“Há crianças que desejariam saber desenhar, mas dizem que não sabem, dizem que não gostam dos seus desenhos porque estão mal feitos. Para essas crianças, desenhar “bem” é desenhar dentro do realismo visual numa aproximação do que consideram ser “desenho adulto”. Desenhar “bem” torna-se um mito, um privilégio de alguns (...)”*. (Leite, 2001: 23)

A principal razão para que este ponto de vista esteja tão instituído, mesmo junto de formadores e responsáveis pelo ensino, reside essencialmente numa perspectiva de que o desenho apenas deve ser realizado por indivíduos dotados para a área, artistas de excepção capazes de realizar imagens tecnicamente correctas e esteticamente impressionantes. Assim, o ensino do desenho tem por obrigação ultrapassar estas perspectivas redutoras, tem que ser incentivado como um modo de expressão universal, um meio de comunicação acessível a todos os indivíduos, alargando a sua prática para além das áreas artísticas (Emídio, 2001), salientando o seu papel como instrumento regular e natural. Não são apenas os artistas ou professores de artes a terem uma relação próxima e diária com o desenho, pois na realidade qualquer pessoa faz dele um uso generalizado para pequenas funções imperceptíveis, mas de algum modo essenciais. Não sendo necessariamente um fim em si mesmo, o desenho pode assumir funções complementares ao nosso dia a dia, podendo ser um instrumento auxiliar da comunicação ou do raciocínio mental, ajudando a reflectir, a clarificar ou a sentir. Não sendo apenas uma ferramenta ilustrativa, pode funcionar também como um modo de expressão, como metodologia de projecto ou como simples exteriorização dos nossos sentimentos e emoções. Em última instância, o desenho é também uma forma de desenvolvimento mental, levando-nos a exercitar as nossas capacidades de observação, de interrogação e interpretação, ajudando a pensar e a ver melhor.

É nesse sentido que o Diário Gráfico surge como um instrumento capaz de incentivar nas crianças o desenho como uma expressão visual saudável e natural, livre de constrangimentos inibitórios. A introdução dos Diários Gráficos desde os primeiros níveis de aprendizagem permitirá que a criança se solte perante o acto de desenhar, ganhando gosto pela actividade, criando vínculos com o seu livro de desenhos, personalizando-o ao seu belo prazer, construindo ao longo desse processo uma identidade estética própria. O Diário Gráfico é um meio privilegiado para libertar a criatividade latente, muitas vezes reprimida pelo contexto cultural, funcionando como uma ferramenta para o desenvolvimento do desenho, assim como de outras formas de expressão criativa, promovendo o hábito e o gosto pela sua prática.

Ao longo dos últimos anos no ensino, tenho observado que a introdução do Diário Gráfico,

quando bem estruturada, pode desencadear resultados surpreendentes. Este ano lectivo, nas turmas onde lecciono o ensino básico como professora titular, além de cada aluno ter o seu Diário Gráfico, introduzi o conceito de Diário Gráfico de Turma, ou seja, um Diário Gráfico construído por todos, inclusivamente a capa e as escolha dos papéis das páginas, que os mesmos levaram para casa à vez durante quatro dias e depois passavam a um colega, tendo inclusivamente eu própria participado nesse circuito, de forma a incentivar o seu uso. Este projecto criou um intercâmbio de interesses, com os alunos a partilharem entre si o universo de cada um, de forma muito livre e espontânea. Esta iniciativa também permitiu transmitir os objectivos do programa de um modo informal, solidificando as aprendizagens de forma agradável e enriquecedora. Uma das vertentes mais originais da introdução do Diário Gráfico junto do segundo e terceiro ciclos do ensino básico foi o facto de alguns dos alunos inspirarem os pais a também participarem no seu Diário. Muitos dos encarregados de educação sempre gostaram de desenhar, mas já se encontravam há muito afastados da sua prática, essencialmente pelos motivos anteriormente referidos. Perante o desafio proposto pelos seus educandos, retomaram o gosto pelo desenho e, ao mesmo tempo que auxiliavam os seus filhos, sentiram-se contagiados pela dinâmica destes cadernos.

Esta iniciativa teve repercussões óbvias na qualidade dos trabalhos dos alunos, com estes a reconhecerem que os Diários Gráficos os incentivavam a desenhar e a experimentar mais, a serem melhores observadores e, conseqüentemente, a evoluírem com maior rapidez. As respostas dos discentes presentes nas fichas de auto-avaliação, quando questionados sobre a experiência de trabalhar com o Diário Gráfico, revelaram-se muito positivas como atestam os seguintes testemunhos:

“O Diário Gráfico ajudou-me a melhorar as minhas técnicas de desenho. Estimulou-me a imaginação. Tornei-me mais criativo e consegui exprimir as minhas ideias no papel. O Diário Gráfico é a minha caixa da inspiração. Ele é o meu confidente”. (Luís Nuno Meira, 7º ano)

“Gostei muito de trabalhar no Diário Gráfico, pois era onde desenhava os meus pensamentos (...). Era a minha companhia quando estava sozinha. Ajudou-me a desenhar melhor e também tem o pensamento dos meus amigos sobre mim”. (Maianca, 7º ano)

“Eu adorei trabalhar no Diário Gráfico! No início sentia que cada palavra, colagem, imagem... eram uma grande responsabilidade, pois não podia apresentar o meu livro de sonhos, ideias e também dificuldades de qualquer maneira. Ao longo do tempo fui-me apercebendo que o Diário Gráfico serve para perder os meus medos e dificuldades quando desenho. No fim do ano lectivo desenhava, riscava e voltava a desenhar. Agora olho para o meu Diário Gráfico e sinto orgulho em ver a minha evolução, sem dúvida que foi grande!” (Joana Rita Madeiro, 7º ano)

“Gostei muito de utilizar o Diário Gráfico, porque adoro desenhar e com o Diário Gráfico posso desenhar em todo o lado e quando quiser. No Diário Gráfico podemos desenhar de tudo um pouco, desde animais, a pessoas, de flores a objectos. Para o ano vou comprar outro”. (Mónica, 7º ano)

“Acho que foi bom trabalhar no Diário Gráfico, pois tivemos a oportunidade de nos expressar, tanto como praticar, em vários estilos diferentes”. (João Miguel, 7º ano)

3.3. O Diário Gráfico enquanto estagiária na Escola Artística Soares dos Reis

A importância do Diário Gráfico como instrumento pedagógico no ensino das Artes Visuais é de certo modo incontornável, pela sua capacidade de fomentar, desenvolver e criar hábito e gosto do desenho, quer como prática processual, quer como espaço de exercício e experimentação. O uso regular do Diário Gráfico permite ao aluno desenvolver a sua criatividade e capacidades expressivas num suporte que, apesar das condicionantes intrínsecas do formato, pode ser percorrido até aos limites da sua imaginação. Paradoxalmente, essa liberdade condicionada estimula a reflexão em torno das possibilidades dos meios ao seu dispor, e a sua capacidade em explorar, e eventualmente transcender, esses mesmos limites.

Como referido no primeiro capítulo, o Diário Gráfico estabelece junto do seu autor uma relação de intimidade e afectividade, como um companheiro confidente onde nos podemos exprimir sem censura nem condicionantes. Este sentimento de intimidade leva a que o aluno possa expressar-se de um modo desinibido, levando ainda mais longe a sua relação com o desenho, à-vontade que vai sentindo na prática do registo gráfico. Através do uso constante e regular, estes pequenos livros vão-se tornando uma companhia sempre à mão, disponíveis para uma prática metódica do desenho, ou para quaisquer momentos espontâneos de inspiração, recolhendo e arquivando o universo visual presente ao longo da sua produção.

Com o tempo tornam-se também um baú de memórias, guardando consigo a cronologia da criação, os momentos vividos em torno da sua concepção, os esboços e desenhos avulsos em que podemos vislumbrar a génese de ideias e futuros projectos, o próprio envelhecer do Diário Gráfico marcado pelo seu uso intenso. E progressivamente, o aluno vai ganhando cumplicidade com o processo da criação visual, onde o desenho flui com naturalidade, sem temores nem constrangimentos, onde pode desenhar pelo simples gosto em desenhar. E com isso vai praticando, arriscando, aperfeiçoando, assimilando novas referências e, inevitavelmente, evoluindo.

Apesar das possibilidades pedagógicas do Diário Gráfico, nem sempre o seu uso tem sido fomentado de forma que o aluno possa tirar o máximo proveito da sua utilização.

De certo modo, o Diário Gráfico não funciona plenamente, se for tido como uma ferramenta de produção gráfica condicionada, principalmente no contexto da sala de aula. Utilizar os Diários Gráficos como meros livros de exercícios, de carácter obrigatório e disciplinado, desvirtua a riqueza e potencial que estes suportes possuem. O impulso para a realização espontânea do desenho deverá surgir com naturalidade e, embora este processo deva ser acompanhado pelo docente, não se coaduna com regras e obrigações demasiado limitativas.

Ao longo da minha experiência como estagiária na Escola Artística Soares dos Reis, apercebi-me de alguns problemas e equívocos na utilização do Diário Gráfico por parte dos discentes das turmas em questão. Tendo iniciado o meu estágio dois meses após o início do ano lectivo, o tema do Diário Gráfico tinha já sido apresentado previamente pela professora cooperante Leonor Soares. No entanto, os primeiros contactos dos alunos com o Diário Gráfico remontam ao 10º ano, onde este foi sugerido como ferramenta de apoio às aulas de desenho.

Na realidade, o uso do Diário Gráfico na escola Soares dos Reis está bastante generalizado, com uma grande maioria de alunos a possuírem e a utilizarem, regularmente, não apenas durante as aulas, mas até como ferramenta criativa nos seus múltiplos contextos. Pode considerar-se que a cultura do Diário Gráfico está presente em grande parte da comunidade escolar, até pela componente específica de ser uma escola artística, sendo vendido na papelaria e utilizado por muitos dos professores.

A professora cooperante Leonor Soares tem por método utilizar os Diários Gráficos como instrumento de apoio às aulas. A adesão a estes livros, segundo a mesma, difere de ano para ano, dependendo muito do universo de alunos presentes, mas na generalidade estes aderem ao seu uso regular, com maior ou menor entusiasmo. Nas minhas turmas de estágio a presença do Diário Gráfico estava longe de ser a ideal, com a maioria dos alunos a demonstrar um desapego ou falta de interesse pela sua utilização, fruto de uma visão claramente redutora das possibilidades destes objectos. O facto de acreditar que o grau de envolvimento no uso do Diário Gráfico é um dos principais factores que tornam esses cadernos uma mais-valia como instrumento pedagógico, até pela minha experiência pessoal e profissional anteriormente referida, criou a necessidade de reflectir sobre as razões de tais inibições por parte dos alunos.

Junto com essa reflexão, emergiu o desafio de motivar e cativar os alunos para o universo emocional do Diário Gráfico.

Vários foram os problemas específicos que constatei existirem na utilização do Diário Gráfico.

Os alunos tinham uma postura algo conservadora, em páginas desprovidas de qualquer arrojo, resultando num panorama geral demasiado descaracterizado e pobre para uma escola desta natureza.

Mesmo os alunos que o utilizavam com maior regularidade, não arriscavam sair da sua zona de conforto, apresentando apenas os registos gráficos com que se sentiam mais seguros. Naturalmente que existiam casos excepcionais, mas demasiado esporádicos para que reflectissem uma correcta assimilação das possibilidades do Diário Gráfico. Os cadernos centravam-se demasiadamente em vícios e rotinas, sem reflectir outros campos de interesse ou outros modos de expressão visual, sem risco nem inovação, sem desejo de levar o desenho a novos níveis.

Tentando compreender melhor as razões desses comportamentos, inclusive de alunos que abdicavam de todo do seu uso, deparei-me com várias respostas. Alguns elementos argumentaram que não gostavam de sentir as limitações daquele suporte, preferindo folhas soltas ou de maiores dimensões. Outros afirmaram que as premissas sugeridas, relativas à sua utilização, lhes pareciam pouco apelativas, tendo-lhes sido apresentadas de um modo pouco acompanhado, por vezes remetendo apenas para uma mera sugestão do professor, ou como um elemento avaliativo de final do período. Tais comportamentos por parte de certos docentes fomentavam no aluno uma visão do desenho, do aprender a desenhar, e das possibilidades do Diário Gráfico, claramente redutoras.

Tais usos teriam sido sugeridos desde o seu décimo ano, criando no aluno algum distanciamento e pudor em utilizar o Diário como um espaço de criatividade e liberdade, pessoal e íntimo. Alguns dos discentes que, apesar de tudo, faziam uso dessa intimidade na sua relação com os Diários, não se sentiam à vontade para partilhar com os docentes da cadeira essa “indisciplina” que inevitavelmente os cadernos acabavam por apresentar. Isto resultava que o aluno possuísse dois cadernos em simultâneo: o caderno pessoal – mais espontâneo e ousado –; e o da disciplina de desenho – mais rígido e artificial, onde a formalidade imperava.

Essa postura distanciava o aluno do acto de desenhar, tornando o Diário Gráfico impositivo, desligado, artificial. O Diário Gráfico, que poderia funcionar como um estímulo para o desenvolvimento da relação do aluno com o desenho, ligando os ensinamentos da sala de aula ao seu dia-a-dia gráfico, pelo contrário separava-o em dois campos distintos, remetendo o caderno da aula para uma mera obrigação de elaboração condicionada, que deveria estar sempre apresentável para as avaliações.

Outra componente dissuasora de um uso natural do Diário Gráfico, nesta fase, deve-se aos horários saturados do décimo segundo ano, um ano crucial para o seu futuro escolar. Acrescentando ainda os constantes pedidos de trabalhos para as múltiplas disciplinas, os exames nacionais, e particularmente a Prova de Aptidão Artística que implica uma elevada dedicação, facilmente se compreende que a disponibilidade para descobrir ou aprofundar novos usos do Diário Gráfico seja relativamente limitada. Para além destes factores, comuns a todos os alunos, alguns ainda procuram prosseguir a sua formação no estrangeiro ou em faculdades específicas, o que implica a elaboração de portfolios, currículos, entrevistas, deslocações. Compreensivelmente, a disponibilidade para elaborar um Diário Gráfico neste contexto, em que os alunos chegam exaustos ao fim de um longo dia, tendo ainda que cumprir as tarefas escolares, não será a melhor, principalmente para aqueles que vêem o Diário Gráfico como uma obrigação. Em vez destes livros se integrarem nas suas rotinas diárias, surgem apenas como um incremento de trabalho que, mesmo sendo desempenhado com boa vontade, nunca possuirá a naturalidade espontânea que estes cadernos devem representar.

Efectivamente, o pouco uso do Diário Gráfico, na maior parte dos alunos das turmas que eu acompanhei deve-se à conjugação de todos estes factores.

No entanto, considero que o facto de muitos alunos não terem uma relação envolvente com os Diários, e assumirem-nos como uma obrigação de carácter limitador, deve-se principalmente ao modo como foram introduzidos junto dos discentes. O primeiro contacto com estes cadernos, o modo como são abordados e introduzidos no contexto escolar, é determinante para despertar curiosidade e interesse nos alunos.

Neste sentido, o professor ao abordar a temática dos Diários Gráficos deverá reflectir sobre as suas potencialidades, transmitindo ao aluno um sentimento de liberdade e experimentação, sem condicionantes castradoras, promovendo uma utilização fluída, acompanhando o seu desenvolvimento e elaborando estratégias de estímulo a um uso profícuo e natural.

Sendo utilizado de um modo proveitoso, o Diário Gráfico pode ser aplicado no campo da aprendizagem do desenho, fazendo todo o sentido a sua articulação com as aulas como complemento aos exercícios realizados, como espaço privilegiado para uma prática regular, e até como desafio a abordagens mais experimentais. Desse modo, os Diários tornam-se um prolongamento das aulas, onde os discentes podem explorar e desenvolver os conteúdos lectivos, com mais tempo e disponibilidade, possibilitando a aprendizagem no âmbito da disciplina.

O ensino actual, assente nos modelos tradicionais, vive muitas vezes distante do universo real do aluno. (Kalantzis & Cope, 2005) Nos últimos tempos, a importância do universo extra-

escolar tem vindo a crescer, até em termos pedagógicos. Com o acesso às novas tecnologias de informação o aluno já não perspectiva a escola como a única fonte de conhecimento, sentindo muitas vezes que os conteúdos ministrados apresentam-se distantes da realidade do seu dia-a-dia. Este factor pode provocar um alheamento relativo à aprendizagem no contexto formal, representada por toda a comunidade escolar. Em muitos contextos as matérias ensinadas estão desactualizadas, ou são veiculadas de formas já há muito obsoletas, não tendo em conta que o jovem contemporâneo habita um universo rodeado de estímulos imediatos, de cruzamento de meios, integrando simultaneamente som, imagens e texto, com acesso a níveis mais profundos de informação – como nas hipermédias – e, principalmente, os conteúdos actualmente disponíveis no universo extra-escolar do aluno são, na grande maioria, interactivos. O termo interactivo implica que o estudante possa tornar-se um participante activo da informação e da forma como esta é disponibilizada.

Na realidade, muitas vezes o utilizador dos novos meios de informação poderá ser também ele produtor de conteúdos, por ínfima que seja a sua contribuição. E quando referimos a interactividade, não falamos apenas do computador ou da internet. A forma como os jovens de hoje ouvem música ou vêm televisão é inquestionavelmente mais dinâmica do que há alguns anos atrás. Já não faz qualquer sentido estar parado perante um aparelho emissor, sem que seja produzida qualquer interacção entre este e o observador. Mesmo que participe apenas como receptor, pode sempre optar pela sequência, destaque, alinhamento, duração ou nível de profundidade com que essa informação é recepcionada. Todas estas componentes levam o estudante a sentir-se um elemento participante e integrado nos sistemas actuais de emissão da informação. Os velhos modelos de receptor passivo, e tantas vezes inactivo, das salas de aula tradicionais, estabelecem um sentimento natural de distanciamento do aluno relativamente à sua vivência diária. No ensino artístico todas essas componentes são agravadas numa área onde a intervenção e participação activa dos intervenientes é sempre incontornável. Naturalmente, muitas das disciplinas artísticas possuem uma vertente mais prática, mas essa prática não pode estar assente em modelos abstractos em que o aluno não sente qualquer aplicabilidade nesses exercícios. Não basta apenas apresentar propostas de trabalho e acompanhar a sua correcta realização. Há que estimular o aluno a participar também a outros níveis, levá-lo a reagir proactivamente perante os conteúdos a serem leccionados na elaboração dessas propostas. Há que estabelecer ligações entre as propostas e o mundo do aluno, de forma a que os conteúdos tenham uma relação profunda com o seu dia-a-dia.

“(...) o ensino formal necessita de se comprometer com o mundo experiencial do aluno, e

aplicar o que é aprendido nesse mundo. O campo do ensino formal e informal precisam de ser reunidos de forma mais efectiva no sentido de criar um ensino mais forte e efectivo tão necessário nos dias de hoje.” (Kalantzis & Cope, 2005: 41)

É principalmente nesta vertente que o Diário Gráfico se revela como uma mais valia. A sua utilização nas práticas educativas pode também contribuir para criar aprendizagens com significados mais fortes. O espaço de liberdade e intimidade que estes objectos conferem, pois são únicos e pessoais, associado à necessária transportabilidade casa-escola, permitem ao aluno trazer o seu quotidiano, o seu universo de interesses, para a sala de aula. Permitem cruzar com maior oportunidade um saber formal com a expressão e interioridade de cada aluno. Ampliam os canais de comunicação entre o aluno e o professor, criando um espaço de confidencialidade e de partilha de afectos, conferindo sentido e significado à aprendizagem, e estimulando a iniciativa e a descoberta. O Diário Gráfico possibilita que as vivências dos alunos participem da sua formação escolar, introduz uma informalidade no acto de desenhar e, consequentemente, no acto de aprender.

Julgo ser de enorme importância que o Diário Gráfico se associe ao quotidiano dos alunos, que esteja presente nas suas vidas, que funcione como um elemento de transição entre a aula e o dia-a-dia.

A informalidade patente nos Diários Gráficos mais pessoais reflecte o à-vontade que o aluno vai adquirindo na prática do desenho e, além de estabelecer pontes com o seu universo pessoal, também permite servir de instrumento de apoio ao seu crescimento. A evolução presente nas páginas de um caderno incentivam o aluno a prosseguir o seu trabalho, funcionando como uma motivação para obter ainda melhores resultados, podendo ser utilizados pelos docentes para estimular e encaminhar a sua evolução na disciplina. Guardando em si as marcas das várias tentativas, os apontamentos avulsos que complementam o contexto do exercício e a cronologia do desenvolvimento do aluno, os Diários fornecem pistas para o professor compreender as principais dificuldades, vícios e rotinas, na elaboração dos desenhos.

Naturalmente, o processo de aprendizagem implica um esforço, algumas contrariedades e frustrações, originando que muitos alunos se sintam tentados a desistir perante o sentimento de incapacidade de resolver certos problemas. Todavia, o Diário Gráfico pode surgir como uma forma de lidar com os erros, dúvidas e expectativas, próprias da aprendizagem. O professor, ao encorajar os alunos a explorar novos limites, deve tornar claro que o acto de experimentar e aprender implica que muitas vezes não se controle os

resultados obtidos, não devendo considerar essas experiências como erros ou tempo perdido, mas como parte de um processo natural de crescimento.

Nesta área, a aprendizagem implica praticar regularmente o desenho de análise, observação e síntese, sendo bastante importante não limitar a sua prática à sala de aula, fazendo uso do Diário Gráfico no quotidiano do aluno, fomentando uma relação íntima e profunda com o desenho. No contexto específico da escola Soares dos Reis, e particularmente na disciplina de Desenho A, acredito ser ainda mais pertinente a utilização do Diário Gráfico, de um modo profundo, que explore ao máximo as potencialidades que um meio desta natureza permite alcançar.

3.3.1. Planificação e Prática lectiva

Ao iniciar o estágio, uma das primeiras tarefas desenvolvidas foi a leitura do programa de Desenho A e a análise das planificações anuais realizadas pela professora Leonor Soares, de forma a inteirar-me dos conteúdos a serem leccionados, e a familiarizar-me com as especificidades da disciplina.

Considero que a planificação das aulas é essencial para uma eficaz gestão do ano escolar, pois, para além de evitar a rotina, contribui para o cumprimento dos objectivos visados, não comprometendo a aprendizagem sequencial e natural dos discentes.

No entanto, estou consciente que as planificações funcionam como uma intenção de objectivos e procedimentos, uma linha condutora que serve de referência ao longo de todo o ano lectivo, mas suficientemente flexível para se adequar à especificidade de cada corpo de alunos e às condicionantes de cada ano lectivo. Contemplar o imprevisto e ajustar as planificações às necessidades imediatas são tarefas para as quais devemos estar sempre preparados.

Assim, todas as sextas-feiras reunia com a professora cooperante, de forma a acompanhar a preparação das aulas e a forma como estas seriam ministradas. Para além de participar no processo de planificação, o estágio facultou-me a possibilidade de dirigir algumas aulas, podendo optar pelos vários conteúdos presentes no programa.

Ao iniciar a análise das planificações, sugeri à professora Leonor Soares dedicar uma aula exclusivamente ao Diário Gráfico, atendendo ao pouco interesse demonstrado pela generalidade da turma. Senti a necessidade de motivar os alunos para o uso destes objectos, que tanto interesse e fascínio me tinham despertado nos meus tempos de estudante. O facto de dedicar uma aula inteira ao Diário Gráfico iria valorizar a sua

importância junto dos discentes, podendo partilhar com os mesmos a riqueza e diversidades de usos que este objecto permite.

O Diário Gráfico surge no programa de Desenho A em Sugestões Metodológicas específicas do 11º ano. Segundo o programa, as Sugestões Metodológicas “...constituem um leque de exemplos aos quais o professor pode recorrer, exercendo as suas opções ou alterações, na fase de planificação anual”. (In Programa de Desenho A) Surgem como uma necessidade de complementar e consolidar as Unidades de Trabalho (método de estruturar tanto o trabalho dos professores como o dos alunos, privilegiando a actividade oficial como via para a exploração de conteúdos), do programa de Desenho A.

Uma das questões que surgiu após a análise do programa de Desenho foi a explicação da apresentação do Diário Gráfico somente no 11º ano. Esta opção parece-me um pouco aleatória, pois o Diário Gráfico é um instrumento pedagógico fundamental, particularmente no ensino artístico. Sendo plenamente utilizado permite complementar a formação ministrada no contexto da sala de aula, prolongando a relação do aluno com o desenho, criando pontes entre o seu quotidiano e as aulas, dessacralizando o acto de desenhar; tudo factores que representam claros benefícios para a aprendizagem da disciplina. A questão pôr-se-á nos dois sentidos, ou seja, por que não iniciar mais cedo a relação com o Diário Gráfico, e prolongá-la até mais tarde?

A sua introdução logo no décimo ano apresentaria claros benefícios, não só para a disciplina de Desenho do ano respectivo, mas também para a relação com o Diário Gráfico. O hábito de utilizar os Diários de um modo livre e espontâneo não é imediato, sendo construído pela prática, pela comunhão, pelo aprender a torná-lo nosso, pessoal e íntimo. Muitas vezes é o tempo que vem legitimar a importância desses livros, que aos poucos se vão tornando uma caixa de memórias, um velho amigo com o qual podemos ir mais longe pela confiança e o à-vontade estabelecidos. Naturalmente, quanto mais cedo for iniciada esta relação, mais forte se tornará, e mais longe poderá ir o aluno na sua utilização. O crescimento na disciplina, integrado com o crescimento do desenho no universo extra-lectivo, será vantajoso a todos os níveis.

A mesma questão levanta-se relativamente à presença do Diário Gráfico no 12º ano. Poder-se-á argumentar que, uma vez estabelecido o seu uso, este irá manter-se naturalmente nas fases seguintes da formação do aluno. Mas este ponto de vista desconsidera a mais-valia que o professor traz como complemento à aprendizagem escolar do aluno. A utilização do Diário Gráfico em harmonia com a disciplina de desenho permite ao docente incentivar os alunos a atingirem novos patamares na utilização dos cadernos, mantendo-se como uma via de comunicação entre o professor e o aluno, e entre este e a prática do desenho ao nível da disciplina.

O professor deve estar disponível para auxiliar o aluno, para motivá-lo a ir mais além na exploração das suas capacidades. O Diário Gráfico é um instrumento de diálogo privilegiado que, mantendo-se ao longo da sua formação, permite estabelecer uma base de comunicação e um espaço de experimentação, pelo que não faz sentido abdicar dele no décimo segundo ano. Porventura, a sua utilização será distinta dos anos anteriores, estando os alunos num nível de maturidade gráfica mais elevado, e com uma relação com os seus cadernos mais solidificada. Mas ainda assim, muito haverá a explorar, pois todos os conteúdos da disciplina podem facilmente estabelecer oportunas vantagens na sua utilização.

De forma a conciliar a planificação anual da professora com a aula que iria ministrar, até porque os conteúdos estão meticulosamente definidos com vista ao exame nacional de desenho, procurei integrar o meu objecto de estudo numa unidade onde considerasse pertinente a sua utilização. Na realidade, o programa sugere que o Diário Gráfico pode ser introduzido em todas as unidades, ficando à minha consideração a escolha do conteúdo que melhor se coadunasse com a sua utilização. Desse modo, optei pelo estudo do corpo humano, mais especificamente da cabeça.

Um dos factores que reforçou a opção por este tema reside no fascínio que os alunos sentem pela representação do rosto. Apesar de existirem vários elementos da turma que executam regularmente banda desenhada nos seus Diários Gráficos, as suas figuras antropomórficas são representadas de uma forma estereotipada que acentua muitos dos vícios e erros comuns neste campo, que eles naturalmente pretendem ultrapassar. A representação do rosto humano é frequentemente considerada pelos alunos uma das áreas mais difíceis de abordar pois raramente corresponde às suas pretensões. O retrato do rosto transporta consigo a representação de uma pessoa, de alguém concreto, que servirá de referência à apreciação do desenho. Essa confrontação constante perante o original, que o retrato de rosto implica, obriga o aluno a um maior rigor na representação. Já não basta representar um rosto correcto, torna-se necessário que o desenho represente aquele rosto, aquela pessoa específica. Este factor obriga o aluno a abstrair-se dos estereótipos e signos convencionais, para se concentrar no modelo que tem perante si. Deste modo, o exercício de retrato do rosto humano fomenta a educação do olhar, o aprender a estruturar correctamente o desenho, e o contornar das representações simplistas dos elementos faciais.

A aprendizagem da representação do rosto humano, tal como qualquer outro campo do desenho, só se solidifica através da prática, do exercício constante e regular. E neste capítulo o Diário Gráfico pode desempenhar um papel preponderante, possibilitando ao aluno a utilização de um meio de fácil acesso, disponível nos mais variados contextos,

onde ele pode representar os rostos que observa em seu redor. O Diário Gráfico permite-lhe também reunir os vários exercícios realizados dentro da mesma estrutura, tornando mais explícita a sua evolução, onde pode comparar os diferentes registos realizados, de forma a tecer uma análise crítica ao seu próprio trabalho.

Funcionando como um desafio de elevada dificuldade, uma vez ultrapassadas as suas limitações no desenho do rosto humano, o aluno sentirá uma maior confiança que o ajudará a abordar de forma mais segura e entusiasta outros campos da disciplina.

Aula de motivação e sensibilização para o uso do Diário Gráfico

Foi a 22 de Fevereiro de 2010, numa segunda-feira, que leccionei a primeira aula de 90 minutos para as turmas de Desenho A, do 12º ano. A aula iniciou-se às 8:30 com a turma 12 A1, seguindo-se a turma do 12º B2 pelas 10:20 horas e, no último tempo da manhã, a turma do 12º B1. Resolvi com a professora Leonor Soares, que faria mais sentido preparar as aulas também para a turma A1, apesar de não a acompanhar devido a impossibilidades de horário. A professora Leonor leccionava essas três turmas do 12º ano, e desse modo manter-se-ia a coerência na planificação anual entre todas as turmas.

Os primeiros 45 minutos de aula consistiram numa exposição teórica, tendo como suporte visual a projecção de um documento digital que reunia diversas imagens com exemplos de Diários Gráficos de vários autores, apresentando diversos modos de registo. Tive como intuito averiguar e ampliar os conhecimentos que os alunos tinham sobre o que poderia representar um Diário Gráfico no seu percurso. As imagens variadas serviram não só para ilustrar o que ia dizendo, mas também para aguçar a curiosidade, despertar o interesse, motivar e esclarecer os alunos das possibilidades que o Diário Gráfico oferece.

Além de fazer uma viagem pelo tempo de vários Diários Gráficos, mostrando que o seu interesse e necessidade são já uma prática antiga e comum, fui revelando, através das imagens apresentadas, diferentes abordagens e formas de uso e organização, reflectindo a actividade profissional ou áreas de interesse dos seus autores, nomeadamente:

- A fluidez e o registo rápido e esquemático dos desenhos estenográficos de arquitectos, como Le Corbusier e Álvaro Siza.
- A plasticidade dos Diários Gráficos de ilustradores e artistas plásticos, como Pablo Picasso, Lars Henkel ou Júlia Rothman, com colagens e experiências constantes em todo o tipo de matérias.

- A preocupação obsessiva na composição gráfica de alguns designers, como Pablo Amargo.

- O recurso à tipografia, a esboços de ideias, a recolhas e colagens, presentes nos diários dos designers Jason Mum ou Peter Saville.

Os exemplos são múltiplos e variados, como objectos únicos e pessoais que são, tão distintos quanto os seus autores.

As diferentes tendências de registo, materiais e temas apresentados, ajudaram os alunos a ampliarem e enriquecerem as ideias que tinham do Diário Gráfico, rompendo com muitos dos preconceitos e ideias feitas relativamente a esse universo. O lado afectivo e íntimo dos Diários Gráficos, e a forma como estes vão revelando o seu verdadeiro sentido na vida dos autores, promovidos através da visualização poderosa das imagens, foi o ponto que mais foquei nesta apresentação, no intuito de promover e incentivar a sua utilização.

Nos 45 minutos seguintes, orientei um debate com os alunos sobre a apresentação exibida e expus vários livros sobre Diários Gráficos, tendo-os disponibilizado para consulta. No final da aula, sugeri endereços electrónicos para visitarem, assim como bibliografia, de forma a prosseguirem as suas pesquisas em torno deste universo infindável e encantador que são os Diários Gráficos.

A exploração orientada dos Diários Gráficos, a partir da projecção de imagens e a apresentação de livros, constituiu uma estratégia deliberada, com o intuito de dinamizar o debate crítico e a troca de ideias no interior do grupo-turma. Ao analisar as imagens procurei fomentar a participação dos alunos, introduzindo uma série de questões, criando interações de modo a não os relegar para um plano de meros espectadores passivos. Pretendi com isto proporcionar aos alunos uma experiência que favorecesse a sua autonomia e participação na construção das suas próprias aprendizagens.

A maioria dos discentes aderiu entusiasticamente, levantando inúmeras questões e tecendo comentários participativos. Nos primeiros 45 minutos as questões centraram-se nas dimensões, técnicas e autores que foram observando, pois na sua maioria os alunos desconheciam os artistas apresentados. Na segunda parte da aula surgiram questões que remetiam mais para as próprias dificuldades no uso dos seus Diários Gráficos e nos seus contextos de utilização.

Uma das questões levantadas que criou alguma agitação foi a dos temas mensais a abordar no Diário Gráfico, sugeridos pela professora Leonor Soares. Alguns alunos referiram que, desde que foram sugeridos temas mensais, usam menos os seus livros,

pois sentem que de algum modo essas condicionantes desvirtuam a natureza dos Diários Gráficos, tornando-os um mero caderno de exercícios obrigatórios.

Para esclarecer a questão argumentei que os temas surgiam apenas como uma sugestão, um ponto de partida comum para que cada aluno explorasse determinada temática sem nunca abdicar do seu ponto de vista. De certo modo, os temas funcionariam como um pretexto para rever sob um novo prisma o universo sugerido, assumindo uma leitura pessoal.

Muitos artistas assumem determinados temas como pretexto para utilizar os seus Diários Gráficos. Alguns até se dedicam a um único tema em cada Diário, como o retrato, representação de edifícios, viagens, ou o exemplo do pintor francês Henri Matisse, que num dos seus cadernos retratou apenas a vista de janelas.

Esta prática de sugerir temas tem sido utilizada por inúmeros professores no ensino secundário de artes. Eduardo Salavisa, no seu livro *Diários de Viagem* (2006), sugere alguns temas que desenvolveu com os seus alunos, como por exemplo “as divisões de casa”, “nuvens”, “percurso casa-escola”, “movimento”, “viagem de carro”, “registos gráficos”, “colagens”, entre outros, tendo obtido resultados bastante positivos.

Em seguida, expliquei à turma que a sugestão de temas ajuda a evitar rotinas, visto que a maioria dos alunos tem por hábito desenhar sempre os mesmos motivos, mantendo-se dentro dos campos em que se sentem mais confortáveis, não arriscando nem evoluindo. Além do mais, a introdução de um tema facilita o principiar do desenho, ajudando a desbloquear o processo perante as hesitações iniciais, e servindo de incentivo aos mais renitentes ou preguiçosos, estimulando-os a responder ao desafio proposto.

No que diz respeito à transformação do Diário Gráfico num simples caderno de exercícios de desenho, esclareci que por vezes também partilhei dos mesmos sentimentos aquando aluna da faculdade. No entanto, é importante os alunos compreenderem que o Diário Gráfico deverá também ser um espaço de trabalho, condição essencial para a evolução no desenho, sendo fundamental praticar regularmente e procurar constantemente atingir novos patamares.

O Diário Gráfico no contexto da disciplina não deverá limitar-se a ser apenas um espaço recreativo, sem qualquer relação com o desenho ou com a sua aprendizagem. A sua vertente formativa e educativa só resulta se, em sintonia com a liberdade que lhe é característica, não abdicarmos de produzir, praticar, atingir objectivos, ultrapassar limitações. Ou seja, há que conciliar neste suporte uma aprendizagem mais pessoal e informal, mas ainda assim uma aprendizagem, com a inevitável componente de trabalho,

esforço e dedicação. Embora o gosto que o aluno tem pelo seu Diário Gráfico o faça encarar com prazer a execução de muitas dessas obrigações, estas não podem ser descuradas sob o risco de se tornar inútil o recurso a esses cadernos no contexto escolar.

É nesse sentido que a sugestão de temas, e a obrigação de responder a esses temas, mesmo que de um modo pessoal, funciona como um estímulo positivo à aprendizagem, para que o aluno concilie uma utilização lúdica dos Diários Gráficos com a prática do desenho. Neste processo, é fundamental que o professor faça uma gestão correcta desta dupla vertente do Diário Gráfico no contexto pedagógico, equilibrando a liberdade de utilização com a necessidade de atingir determinadas metas. Devemos encaminhar o trabalho do aluno de forma que este explore os seus limites e se sinta entusiasmado em responder aos desafios propostos, articulando de forma saudável as duas vertentes do Diário Gráfico. Como reforçou a professora Leonor Soares durante a aula, sem alguma pressão temática (na devida medida), nunca alguns alunos poderiam obter experiências únicas, determinantes e enriquecedoras, para a sua evolução no desenho.

Procurei também esclarecer os alunos que, sendo o Diário Gráfico um convite à experimentação, nem sempre irão surgir páginas dignas de orgulho. Quem está a aprender não controla ainda os resultados que pretende obter, mas esse factor não deverá inibir o aluno de continuar a produzir. Pelo contrário, deverá continuar a praticar, a experimentar, procurando ultrapassar essas limitações, aceitando que o erro faz parte natural da aprendizagem. Saliento que o facto do aluno revelar as suas fragilidades facilitará ao professor o processo de ensino-aprendizagem, permitindo-lhe detectar pontos fracos, para melhor acompanhar e auxiliar o discente.

Desenhar requer coragem. Como referiu o professor Jorge Marques na sua participação na palestra “O Diário Gráfico como instrumento pedagógico”, *“o Diário Gráfico deve ser entendido como uma espécie de campo de batalha, entre aquilo que queremos e o que conseguimos obter, numa procura permanente de sentido, do desenho e da sua prática, cujas referências são sempre outros desenhos. Na verdade só se aprende verdadeiramente a desenhar, desenhando. E só a desenhar se descobre o desenho”*. (transcrição de documento de suporte à palestra).

Só a prática constante e sistemática do desenho, com o apoio do professor, poderá contribuir para atingir melhores resultados. Quanto mais se desenha melhor se desenhará. *“(...) desenhar simplesmente para aprender a desenhar, para praticar o que se aprendeu ou para explorar a partir das divagações da mão, ou da imaginação sobre coisas que não existem e que só existem em desenho(...)”*. (Rodrigues, 2003: 51)

A discussão da aula revelou-se muito produtiva. Vários alunos tiraram notas, outros pediram para fotocopiar os livros ou solicitaram o slideshow de apresentação. Ao longo das aulas seguintes, os mais curiosos partilharam as suas pesquisas realizadas online, tanto nos sites recomendados como em muitos outros que descobriram por sua própria iniciativa.

A contribuição da professora Leonor na discussão surgiu como uma mais-valia que, com a sua experiência e sabedoria, veio reforçar o sentido da minha exposição.

Unidade 7 – Estudo da cabeça humana – 1ª AULA

No dia 8 de Março de 2010, segunda-feira, iniciei a unidade 7 - Estudo da cabeça humana, de acordo com planificação anual da professora cooperante Leonor Soares, e ajustada ao enunciado no programa de Desenho A.

Esta unidade evoca as três áreas de exploração do programa: a percepção visual, a expressão gráfica e a comunicação visual. Os conteúdos abordados foram os materiais, os procedimentos e o sentido.

A aula iniciou-se às 8:30 com a turma 12º A1, seguindo-se a turma do 12º B2 pelas 10:20 e, no último tempo da manhã, a turma do 12º B1.

No início da aula, foi entregue um documento de apoio aos conteúdos a leccionar (anexo III, d). Este documento foi concebido no sentido de incentivar nos alunos uma maior cultura visual e bibliográfica referente ao campo do desenho, fundamental para a ampliação de conhecimentos e consolidação das aprendizagens, e de forma que eles criem o seu próprio universo referencial.

A planificação da aula (anexo III, a) foi dividida em duas partes. A primeira consistiu numa exposição teórica dos conteúdos a serem desenvolvidos e a segunda na resolução prática de uma proposta de trabalho.

A unidade 7 foi introduzida através da projecção e análise de um conjunto de imagens comentadas, referentes à osteologia e miologia da cabeça humana, com o objectivo de ampliar e clarificar o conhecimento da sua estrutura anatómica, condição essencial para uma correcta representação através do desenho. Esta componente teórica foi fundamental, dado que a grande maioria dos alunos tem por hábito confiar na sua intuição, sem se preocupar com a análise prévia das formas.

Assim, salientei que o domínio do desenho da figura humana passa pela compreensão anatómica, e que esse conhecimento começa exactamente pelo estudo da nossa estrutura óssea e muscular. Conhecer a causa interna das formas do corpo humano é a melhor maneira de as interpretar correctamente.

Posteriormente foram projectados exemplos de estudos de vários autores que dedicaram particular atenção ao estudo das proporções da cabeça humana, pois constitui a parte mais distinta do corpo humano, chegando a ditar cânones exclusivos para a sua representação. Algumas dessas pesquisas representam um guia muito fiável para os alunos compreenderem e desenharem os primeiros traços de um retrato à vista, assim como criarem rostos ficcionados. Todavia, salientei que essas relações métricas têm sempre um valor genérico, servindo apenas para o aluno se orientar, pelo que não é expectável que seja cumprido com exactidão em todos os casos. Apesar do rosto humano assentar em estruturas e relações comuns que possibilitam o reconhecimento da face, existem inúmeros pormenores distintos que caracterizam cada indivíduo. A representação de cada rosto funciona pela subtil relação entre todos esses factores.

Um dos estudos que apresentei e analisei de forma mais detalhada foi o método de Betty Edwards, antiga professora e investigadora norte-americana de disciplinas de índole artística. A autora ficou conhecida por ter desenvolvido metodologias que comprovam que o desenho é uma habilidade que pode ser ensinada e aprendida, nomeadamente na representação das proporções dos elementos do rosto.

"Através da intuição, da pesquisa e da sua particular genialidade, estabelece as bases de uma revolução no ensino do desenho. O grande mérito da Dr.^a Betty Edwards é ter dado um fundamento científico ao conhecimento intuitivo, criando um método extraordinariamente rápido e eficaz, uma união perfeita da intuição (hemisfério direito) com a razão (hemisfério esquerdo), da arte com a ciência." (Porto, cit in Edwards, 1994: 9)

No seu livro, *"Drawing on the Right Side of the Brain"*, Betty Edwards desvenda e desmistifica o misterioso "talento" para o desenho, apresentando uma série de textos e exercícios que nos auxiliam a traduzir para o papel aquilo que se encontra diante dos nossos olhos.

Como referido anteriormente, no caso específico do rosto, estas metodologias parecem revelar-se ainda mais eficazes, pois qualquer pessoa facilmente critica negativamente um retrato que tem por intenção representar mimeticamente aquilo que vemos. Basta não reconhecermos a pessoa para dizermos que o desenho está errado. A dificuldade em conseguir uma representação exacta, e a consequente frustração, leva os alunos a desistirem e concluírem à partida que não sabem desenhar o rosto humano.

“É comum aos principiantes julgarem que desenhar pessoas é a tarefa mais difícil no desenho. Não é. A informação visual continua ali, à nossa frente, pronta e disponível. O problema é ver (...) desenhar é sempre a mesma tarefa — isto é, resume-se em ver claramente e desenhar aquilo que claramente vemos. Nenhum assunto é mais fácil ou mais difícil que outro. No entanto, certas coisas frequentemente parecem mais difíceis que outras, provavelmente devido a sistemas arraigados de símbolos que interferem com a clareza na percepção, e que se revelam mais fortes para certos assuntos do que para outros. A cabeça humana é, naturalmente, um bom exemplo de um assunto para o qual a maioria das pessoas possui um sistema de símbolos muito forte e persistente”. (Edwards, 1999: 162-163)

À medida que explicava e elucidava a importância do método de Betty Edwards, através do apoio de imagens projectadas do seu livro, exemplificava e comprovava a veracidade dos seus raciocínios, através da medição do meu rosto.

Ao longo da exposição teórica dirigi questões aos discentes, de modo a fomentar espaços de participação e interacção. Inclusivamente, convidei alguns alunos para servirem de modelo, e assim exemplificar os estudos de proporção que Betty Edwards desenvolveu. Os alunos escutavam de forma atenta o que ia dizendo, analisando os exemplos e participando activamente na construção da aprendizagem, levantando questões, experimentando e descobrindo novas relações da cabeça humana.

Seguidamente foi entregue e lido o enunciado da proposta, (figura 1), tendo sido concebido com a finalidade de se apresentar o mais explícito e detalhado possível, para que os alunos tenham clara consciência do pretendido, e dos critérios de avaliação a serem aplicados. Deste modo pretende-se que estes não sejam surpreendidos com o sentido da sua avaliação e possam adequar os seus trabalhos aos critérios apresentados.

A segunda parte da aula consistiu na resolução da proposta de trabalho através da aplicação dos conteúdos leccionados.

Esta segunda parte consistiu num apoio mais personalizado a cada um dos alunos, respondendo às suas dúvidas e encaminhando as suas capacidades de trabalho para a resolução da proposta. A postura atenta e analítica dos alunos foi fundamental para o êxito dos trabalhos realizados, com aqueles a assimilarem devidamente a importância de instituir um olhar aplicado e concentrado sobre o sujeito retratado, indo para além de um desenhar assente em reflexos intuitivos e fortuitos.

UNIDADE 7_ESTUDO DA CABEÇA HUMANA

7.1. SINOPSE: pretende-se que o discente a partir da observação directa dos colegas, represente, da forma mais fiel possível, três vistas da cabeça - **perfil, frente e três quartos**.

O aluno deverá:

- executar cada vista em folhas DIN A2 distintas;
- trabalhar as duas primeiras vistas em grafite (esboço/análise - estruturação e apontamento);
- trabalhar a terceira vista em carvão em barra e/ou em lápis (tradução objectiva);

Duração dos exercícios: em grafite - **15** minutos
em carvão - **30** minutos

O aluno poderá desenvolver exercícios semelhantes no seu **Diário Gráfico**. Não devemos esquecer que a destreza do gesto e a intuição das proporções, são tudo aspectos que fazem parte da aprendizagem, mas que só se desenvolvem com muito treino e persistência.

> CONTEÚDOS A DOMINAR:

Materiais - suportes e meios actuantes (riscadores - grafite e carvão e os seus formatos - graus de dureza, espessuras e modos de conservação);

Ocupação da página - enquadramento;

Procedimentos - Modos de registo: **traço** (natureza e carácter - intensidade, incisão, texturização, espessuras, gradação, gestualidade), **mancha** (natureza e carácter - forma, textura, densidade, cor, tom e gradação) e **misto** (combinações entre o traço e mancha).

- Processos de análise: estudo de formas (estruturação e apontamento - eixos construtivos, ângulos, pontos de inflexão e de concordância de curvas -, e estudo da cabeça humana - anatomia e proporções).

> MATERIAIS:

Suporte - papel de desenho DIN A2;

Meios actuantes - riscadores (grafites de diversas durezas e carvão em barra e/ou lápis).

> AULAS PREVISTAS:

Um bloco - 90 minutos.

> AVALIAÇÃO:

Ocupação de página e enquadramento;

Estruturação - eixos construtivos, ângulos relativos, pontos de inflexão e concordância;

Proporção;

Configuração - Saber optar no uso do traço e da mancha na tradução das formas, volumes, texturas, e compreender o efeito luz na modelação do objecto representado;

Domínio dos materiais e instrumentos de desenho;

Capacidade de gerir o tempo previsto para a execução da proposta.

Figura 1 - Proposta de trabalho 7.1.

Os desenhos foram realizados a partir da observação das três vistas da cabeça dos colegas, consistindo num desenho analítico, rigoroso, mapeado e medido, onde a crítica, a correcção e o empenho foram essenciais para o entendimento e superação do problema proposto.

O tempo dispendido na organização do espaço da aula foi outro factor fundamental para uma execução eficaz do exercício proposto. A turma foi dividida em 6 grupos de 4 alunos, cada conjunto disposto em semi-círculo. No centro, encontrava-se uma cadeira para cada um dos alunos servir de modelo, alternadamente, para os restantes três realizarem os seus desenhos.

No fim de cada exercício, todos os alunos trocavam de lugar no sentido dos ponteiros do relógio, de forma que cada aluno desenhasse o rosto do modelo a partir de diferentes pontos de vista, e para alternar o modelo central.

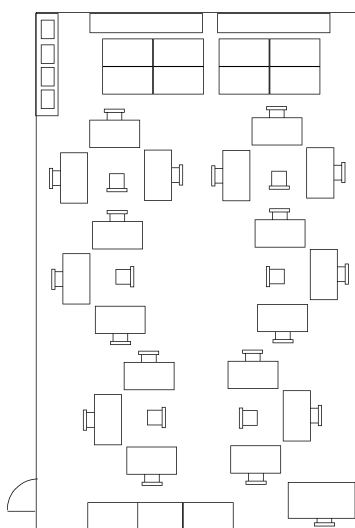


Figura 2 – Planta da organização da sala de aula



Figura 3 – Fotografia da organização da sala de aula

Pude circular pelo espaço da sala sem qualquer inconveniente, aproximando-me dos alunos e interagindo com eles, o que desmontou a disposição normalizada dos mesmos perante o professor, geralmente com os mais interessados à frente e os menos empenhados nas últimas filas. A verdade é que a grande maioria dos professores pouco questiona as razões da disposição da sala de aula. Normalmente já crescemos com modelos assumidos de configuração do espaço escolar sem que alguma vez o tenhamos posto em causa na sua essência. Essa questão torna-se ainda mais pertinente no contexto da formação artística, que naturalmente deverá assentar em bases diferentes das aulas tradicionais, devido ao carácter prático das disciplinas. Na verdade existem muitas

abordagens diferenciadas que as aulas poderão assumir, dependendo do tipo de exercício proposto. O acto de alterar a disposição do mobiliário da sala ajudou a dessacralizar a visão referencial que muito frequentemente temos perante a configuração das salas, proporcionando um cenário mais estimulante, dinâmico e eficaz. Naturalmente devemos sempre tratar condignamente o material que dispomos, mas tal não implica que este tenha que ser estático e imóvel, podendo muitas vezes ser adaptado em proveito de uma utilização mais rica e dinâmica, sempre que tal se justifique.

No final da primeira aula com a turma A1, a organização do espaço ficou de imediato preparado para as turmas seguintes, o 12º B1 e B2, o que facilitou todo este processo.

Unidade 7 – Estudo da cabeça humana – 2ª AULA

Quarta-feira, dia 10 de Março, apliquei o segundo plano de aula (anexo III, b) da unidade 7.

A aula iniciou-se às 8:30 com a turma 12º B1, seguindo-se a turma do 12º B2 pelas 10:20.

Na primeira aula da unidade 7, os alunos trabalharam a cabeça humana relativamente à sua construção através de esquemas geométricos e modulares.

Neste segundo plano de aula, a cabeça humana foi analisada e trabalhada sobretudo na sua dinâmica e expressão. Relembrei aos alunos que a fisionomia do rosto humano depende essencialmente da configuração dos ossos, ao contrário da camada muscular que é extremamente fina nessa zona do corpo. No entanto, são os músculos faciais que implicam a própria expressividade do rosto e os movimentos da cabeça.

Disponibilizei novamente a apresentação do powerpoint da última aula, para servir de apoio aos alunos, assim como lhes sugeri que utilizassem o documento impresso da aula anterior para esclarecer eventuais dúvidas, nomeadamente na miologia do rosto. Entreguei e expliquei a proposta apresentada (figura 4) e tirei dúvidas aos alunos relativamente ao exercício a realizar.

A escala e a composição de vários desenhos num suporte A2 foram dois dos objectivos a desenvolver neste exercício, confrontando assim os alunos com mais decisões no decorrer do trabalho.

UNIDADE 7_ESTUDO DA CABEÇA HUMANA

7.2. SINOPSE: pretende-se que o discente a partir da observação directa dos colegas, represente várias posições e expressões da cabeça/rosto.

Numa primeira fase, o aluno deverá:

- trabalhar em duas folhas DIN A2, executando em cada uma, o mínimo de duas expressões faciais e/ou posições da cabeça (em sobreposição parcial ou em separado);
- recorrer apenas ao traço (esboço/análise - estruturação e apontamento).

Numa segunda fase, o aluno deverá:

- escolher uma expressão facial e/ou posição da cabeça e desenvolvê-la graficamente, numa folha DIN A2, recorrendo a um registo misto - traço e mancha (tradução objectiva).

A proposta deverá ser realizada com o recurso a diversos materiais (grafite, esferográfica, carvão, marcador, lápis de cor, pastel de óleo ou seco, outros), que devem variar na execução das propostas.

Duração dos exercícios: primeira fase - 2 x 20 minutos, segunda fase - 30 minutos

O aluno poderá desenvolver exercícios semelhantes no seu **Diário Gráfico**. Não devemos esquecer que a destreza do gesto e a intuição das proporções, são tudo aspectos que fazem parte da aprendizagem, mas que só se desenvolvem com muito treino e persistência.

> CONTEÚDOS A DOMINAR:

Materiais - suportes e meios actuantes (riscadores - grafite e carvão e os seus formatos - graus de dureza, espessuras e modos de conservação);

Ocupação da página - enquadramentos;

Procedimentos - Modos de registo: **traço** (natureza e carácter - intensidade, incisão, texturização, espessuras, gradação, gestualidade), **mancha** (natureza e carácter - forma, textura, densidade, cor, tom e gradação) e **misto** (combinações entre o traço e mancha).

- Processos de análise: estudo de formas (estruturação e apontamento - eixos construtivos, ângulos, pontos de inflexão e de concordância de curvas -, e estudo da cabeça humana - anatomia e proporções).

> MATERIAIS:

Suporte - papel de desenho DIN A2;

Meios actuantes - riscadores (grafites de diversas durezas, carvão, pastel de óleo, pastel seco, sanguínea, esferográfica, marcadores).

> AULAS PREVISTAS:

Um bloco - 90 minutos.

> AVALIAÇÃO:

Ocupação de página e enquadramento;

Estruturação - eixos construtivos, ângulos relativos, pontos de inflexão e concordância;

Proporção;

Configuração - Saber optar no uso do traço e da mancha na tradução das formas, volumes, texturas, e compreender o efeito luz na modelação do objecto representado;

Domínio dos materiais e instrumentos de desenho;

Capacidade de gerir o tempo previsto para a execução da proposta.

Figura 4 - Proposta de trabalho 7.2.

Nesta proposta procurei também explorar o domínio de diferentes meios actuates (grafite, esferográfica, carvão, marcador, lápis de cor, pastel de óleo ou seco, entre outros), que deviam variar na execução dos exercícios, com abertura a novos desafios.

A organização da sala manteve-se como na aula anterior, pois o esquema de funcionamento do exercício era muito semelhante.

Unidade 7 – Estudo da cabeça humana – O AUTO-RETRATO – 3ª e 4 AULA

As terceiras e quartas aulas decorreram durante as manhãs de quinta-feira, dia 11 de Março, e segunda-feira, dia 15 de Março, entre as 8.30 h. e as 13.30 h.

Nestes dois blocos de 90 minutos, introduzi e desenvolvi a temática do auto-retrato.

Como podemos verificar na planificação (anexo III, c), reservei os primeiros minutos da aula para introduzir o tema do auto-retrato, novamente com o apoio de informação processada digitalmente, apresentada através de projecção multimédia. Não posso deixar de referir que considero fundamental insistir no uso das tecnologias digitais na sala de aula, como estratégias ou instrumentos pedagógicos complementares, pois poder-se-ão revelar frutíferas para atingir os objectivos a que o professor se propõe.

A utilização de computadores, projectores e internet, na sala de aula, pode oferecer inúmeras vantagens: possibilita organizar e disponibilizar informação para os discentes de forma muito acessível e rápida, permite aceder a conteúdos de diferentes média de uma forma integrada e inclusivamente interagir com os conteúdos disponíveis, acedendo a diferentes níveis de leitura e à participação dinâmica do discente, fornecendo assim um poderoso apoio tutorial.

Para além das novas possibilidades que se abrem com o recurso às tecnologias digitais e aos novos meios de difusão, também os conteúdos tradicionais podem estar acessíveis muito mais facilmente. Já não é necessário carregar pesados livros para mostrar imagens, o universo de informação na sala de aula amplia-se, podemos aceder imediatamente a recursos sonoros ou audiovisuais, como vídeos, animações, imagens ou gráficos dinâmicos, organizar e disponibilizar todo o tipo de informação aos discentes, fundamentais para a valorização do conhecimento.

Convém lembrar que, actualmente, este tipo de tecnologias faz parte do universo lúdico das crianças e dos adolescentes, constituindo um meio muito sedutor no processo ensino-aprendizagem. Desse modo, a familiaridade e predisposição manifestadas pelos alunos

deverão ser aproveitadas em prol do contexto educativo, o que contribui certamente para uma maior motivação e interesse pelas disciplinas em questão, convertendo os conteúdos disciplinares em aulas mais apelativas.

Desse modo, iniciei a temática explicando que o auto-retrato, como manifestação da personalidade do indivíduo, constitui-se como um dos grandes temas na arte ao longo de todos os tempos. Fiz uma pequena viagem histórica, reflectindo e mostrando as possibilidades que este tema comporta, principalmente depois da invenção da fotografia, que assinalou na história do auto-retrato um marco incontornável, um antes e depois radicalmente diferentes, comportando novas abordagens e conceitos inovadores.

Fui ilustrando a matéria exposta através de imagens de trabalhos de diferentes artistas das mais diversas áreas, que suscitaram de imediato questões por parte dos alunos.

Tentei ampliar o conceito de auto-retrato para além da representação mimética da realidade do rosto. *"O auto-retrato não se configura apenas como uma representação narcísica, mas como forma de representação da própria identidade, incluindo a própria e estranha característica do homem contemporâneo que pode ser ilustrado pela sensação de se olhar ao espelho sem se reconhecer ou ser reconhecido".* (Ramos & Porfírio, 2009 :118)

Nestas idades podemos verificar ainda uma sobrevalorização do realismo, facilmente observável aquando da projecção de pinturas e desenhos hiper-realistas, com os alunos a demonstrarem um grande fascínio pelos trabalhos dos autores. A apresentação destas imagens teve como intuito ampliar o universo dos alunos relativamente ao auto-retrato, fazendo-os reflectir, desbravando caminho para a nova proposta, de carácter muito mais livre e pessoal.

A terceira proposta (figura 5) caracterizou-se por ser de âmbito mais livre, implicando conhecer, explorar e dominar as possibilidades do desenho, no âmbito do projecto, de forma autónoma e com iniciativa.

Os alunos aderiram à proposta com bastante entusiasmo, devido ao facto de já há algum tempo estarem a executar exercícios de análise e representação objectiva.

UNIDADE 7_ESTUDO DA CABEÇA HUMANA - O AUTO-RETRATO



7.3. "O Passado, o Presente e o Futuro"- SINOPSE: pretende-se que o discente por via do desenho, elabore uma composição que o retrate quando criança, no momento actual e como imagina que poderá vir a ser numa idade mais avançada.

O aluno deverá utilizar como instrumentos de apoio para as diferentes fases a representar:

Passado - representar o seu rosto em criança a partir da observação de registos fotográficos;

Presente - representar o seu actual rosto a partir da observação directa através de um espelho;

Futuro - representar o seu hipotético rosto, numa idade mais adulta, recorrendo a registos fotográficos de familiares e do próprio.

O aluno **poderá** incluir motivos que julgue pertinentes para criar um ambiente que melhor traduza a sua identidade.

O aluno **deverá**:

- numa primeira fase, realizar pesquisas e estudos prévios, que poderão ser elaborados no Diário Gráfico;
- numa segunda fase, realizar os trabalhos finais numa folha A1 (papel de cenário, cartolina, papel de aquarela, etc.);

Duração do exercício: 180 minutos (se o trabalho se prolongar no tempo sugere-se a conclusão em casa).

> CONTEÚDOS A DOMINAR:

Materiais - suportes e meios actuantes escolhidos;

Ocupação da página - enquadramento/composição;

Procedimentos - Modos de registo: **traço** (natureza e carácter - intensidade, incisão, texturização, espessuras, gradação, gestualidade), **mancha** (natureza e carácter - forma, textura, densidade, cor, tom e gradação) e **misto** (combinações entre o traço e mancha).

- Processos de análise: estudo de formas (estruturação e apontamento - eixos construtivos, ângulos, pontos de inflexão e de concordância de curvas -, e estudo da cabeça humana - anatomia e proporções);

Sentido - Visão diacrónica do desenho, visão sincrónica do desenho, e observador - plano de conteúdo ou significado.

> MATERIAIS:

Suporte - papel de desenho DIN A1 e diário gráfico;

Meios actuantes - riscadores ao critério do aluno.

> AULAS PREVISTAS:

Dois blocos, 180 minutos.

> AVALIAÇÃO:

Ocupação de página e enquadramento;

Proporção;

Configuração - Saber optar no uso do traço e da mancha na tradução das formas, volumes, texturas, e compreender o efeito luz na modelação do objecto representado;

Capacidade de optar e tirar partido adequado de materiais e instrumentos de desenho;

Capacidade de gerir o tempo previsto para a execução da proposta;

Criatividade e capacidade de Comunicar;

Figura 5 - Proposta de trabalho 7.3.

O objectivo da proposta pretendia que os alunos desenvolvessem modos próprios de expressão e conceitos estruturais da comunicação visual, aplicando de um modo eficaz os vários recursos do desenho. O exercício possibilitou aos alunos escolherem e explorarem diferentes suportes, materiais e instrumentos, adquirindo gosto pela experimentação, com abertura a novos desafios e ideias, estimulando a criatividade e a invenção. A única limitação imposta consistia nas dimensões do suporte, que deveriam ser no formato A1.

Apesar da proposta se centrar no desenvolvimento autónomo por parte do aluno, ainda assim implicou um grande envolvimento do professor, pois existiu um acompanhamento bastante aproximado das suas opções, ajudando-os a reflectir sobre as várias decisões a tomar. Nessa medida, fui alvo de uma solicitação constante para comentar e orientar o trabalho de cada aluno.

Estas aulas em que participei no papel de professora titular, e o desenvolvimento das propostas junto dos alunos, possibilitaram-me uma presença mais afirmativa nas aulas de Desenho A. Fiquei a conhecer melhor os alunos, reflexo do acompanhamento intenso no desenvolvimento das suas propostas e da constante solicitação de que fui sendo alvo, o que permitiu auxiliá-los de um modo mais eficaz, com claros proveitos na sua aprendizagem. Considero que todos estes factores participaram na criação de uma relação mais forte entre mim e os alunos, que veio a revelar-se bastante positiva ao longo do restante período em que decorreu o meu estágio.

O Diário Gráfico nas propostas da Unidade 7

Nas duas primeiras propostas, o Diário Gráfico surge como uma forma de providenciar aos alunos um meio versátil e acessível para estes realizarem alguns dos trabalhos fora do espaço de aula, funcionando como uma extensão das matérias leccionadas, reforçando-as e consolidando-as.

Durante as duas primeiras aulas reforcei algumas ideias já referidas ao longo do ano, nomeadamente a importância do treino e da persistência para atingir a destreza do gesto e a intuição das proporções, essenciais neste tipo de exercícios. Alertei os alunos que o trabalho das aulas não é suficiente para alcançar os resultados pretendidos, pois estes só surgem após muita prática e dedicação. Nesse sentido, fiz várias sugestões que poderiam desenvolver no Diário Gráfico, relativamente às duas primeiras propostas da unidade 7.

Uma das sugestões foi que os alunos fizessem uso da mobilidade do Diário Gráfico para praticarem o desenho em qualquer lugar, em qualquer altura, do rosto dos colegas, da

família, ou até de desconhecidos. Também poderiam aproveitar para analisar diferentes rostos através de fotografias, e tentar representá-los, tanto em desenhos de estruturação e apontamento, como de tradução mais objectiva. Recorrerem a um espelho também poderia ser uma boa ferramenta para a realização do retrato, perdendo algum tempo a analisar os seus próprios rostos para depois o representarem com mais rigor, ou como um meio para se familiarizarem e compreenderem diversas expressões faciais.

Sugeri inclusivamente que poderiam desenhar directamente no espelho com um marcador, recriando o seu rosto reflectido, para entenderem e confirmarem melhor os ângulos, eixos construtivos, pontos de inflexão e de concordância de curvas, ultrapassando assim algumas dificuldades, e para desenvolverem a acuidade perceptiva e visual, fundamental para atingirem bons resultados.

Aos poucos, a assimilação destes conceitos foi-se reflectindo positivamente, tendo observado em alguns Diários Gráficos desenhos de rostos medidos, onde se percebia alguma preocupação e investigação em torno dos mesmos. Estes resultados foram mais explícitos nos alunos que, pela prática da banda desenhada, realizavam as faces das suas figuras de forma abonecada e algo caricatural.

A mobilidade do Diário Gráfico também foi aproveitada por alguns discentes, com vários desenhos a transparecer o seu local de realização, como a escola, o bar ou o recreio, o que demonstra um interesse pelas aulas e pelo conteúdo da disciplina.

A sugestão do uso do Diário Gráfico funcionou de forma bastante eficaz para alguns discentes, pois possibilitou-lhes uma consciencialização da sua evolução no desenho, fruto da natureza arquivadora do Diário Gráfico.

Na terceira proposta de trabalho, o Diário Gráfico funcionou não só para reforçar e consolidar as aprendizagens, mas também como um suporte para a realização de estudos, investigação e pesquisas, acompanhando o aluno no quotidiano da sala de aula e no universo extra-escolar.

O uso do Diário Gráfico possibilitou que os alunos conseguissem dar expressão visual às suas ideias e conceitos, incentivando o pensamento criativo, o raciocínio e a imaginação. A elaboração de todo o projecto foi acompanhada pela produção de incontáveis esboços, esquemas e textos, num processo gradativo e crescente, que resultou na realização do objecto final.

Nestas últimas aulas leccionadas, senti que o Diário Gráfico estava a ganhar vida própria, e que um maior número de alunos aderiu ao seu uso de forma mais intuitiva e solta, sem

pudor em expor os seus livros, partilhando as suas páginas, assumindo os erros ou tentativas menos bem sucedidas, pois encontrava-os muitas vezes abertos em cima das mesas. Inclusivamente, em momentos extra-aula, os alunos partilharam comigo os seus Diários, solicitando a minha opinião sobre os seus desenhos, experiências ou projectos pessoais.

Considero que esta proposta potenciou muitas das características e vantagens do uso do Diário Gráfico que abordei durante este estudo. A vertente de arquivo esteve bastante expressa, com os alunos a acumularem no seu Diário as várias fases do trabalho, desde os esboços iniciais, os estudos e pesquisas, recolha de informação e de apontamentos, com reflexos directos na própria cronologia da sua maturação artística, para sempre registada nas páginas dos seus cadernos. Na mesma medida, os Diários Gráficos funcionaram como espaço de criação e exploração das suas ideias, reforçando a componente experimental e criativa da disciplina, permitindo libertarem-se dos constrangimentos naturais, presentes nos exercícios realizados para efeitos avaliativos. Por último, queria destacar o lado afectivo que os alunos estabeleceram com os seus Diários Gráficos, assumindo uma utilização mais emocional e personalizada, porventura devido ao tema da proposta, que reforçava um aprofundar dessa intimidade. Em alguns casos, os Diários afastaram-se aos poucos de uma utilização meramente funcional, tornando-se um objecto pessoal que acompanhava o aluno nos mais variados contextos. O Diário Gráfico foi conjugando a vida escolar com a sua vida mais pessoal, deixando de ser apenas um caderno onde se deve desenhar.

A interacção criada por este diálogo visual assente nos seus Diários possibilitou-me um maior acompanhamento e visualização dos processos de raciocínio, capacidades e limitações dos alunos. Permitiu-me intervir positivamente ao longo do processo de trabalho, auxiliando sempre que necessário, trocando opiniões e encaminhando-os de forma a explorarem as suas potencialidades, antecipando eventuais contratempos ou sugerindo possibilidades. Esta participação no processo criativo tornou ainda possível uma maior cumplicidade e empatia entre mim os alunos, o que reforçou a apreensão e desenvolvimento da matéria, incitando-os a irem mais além na realização das suas propostas.

No entanto houve uma certa resistência ao uso do Diário Gráfico por parte de alguns alunos que, por vezes, consegui que fossem atenuadas. Nos casos mais extremos, alunos que anteriormente não usavam o Diário Gráfico continuaram a não o fazer. Noutros, alguns elementos demonstravam grande interesse e entusiasmo pelo Diário Gráfico, mas não o reflectiam nas propostas apresentadas, quer abdicando de realizar os

trabalhos atribuídos, quer fazendo-os de um modo insípido e ligeiro, sem grande dedicação à disciplina, apresentando resultados muito aquém do expectável.

No entanto, quando o aluno aderiu ao Diário Gráfico, assumindo uma utilização personalizada, em consonância com os seus projectos pessoais e escolares, os resultados ultrapassavam largamente as minhas expectativas. Tal adesão produziu reflexos directos no seu interesse e gosto pelo desenho, originando uma evolução visível e determinante na disciplina.

3.3. A avaliação

A avaliação é o principal instrumento de regulação da prática lectiva “(...) *que permite a recolha sistemática de informações e a formulação de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos e do sistema educativo*”. (Desp. Normativo n.º 338/93)

A avaliação realizada durante as unidades leccionadas teve um carácter rigoroso, contínuo e sistemático, e integrou as modalidades formativa, que advém da constante interacção professor/aluno no decorrer das práticas na sala de aula, e a sumativa, elaborada através das respostas às propostas de trabalho, de acordo com as finalidades e objectivos do programa de Desenho A.

A avaliação incidiu nos conhecimentos e competências adquiridos durante a resolução dos exercícios, e sobre os valores e atitudes demonstrados pelos alunos ao longo das aulas. Relativamente aos valores e atitudes, os elementos considerados foram a capacidade de iniciativa, a participação nas propostas de trabalho, a relação com todos os elementos da turma, bem como a capacidade de integração e o comportamento construtivo e solidário perante os restantes colegas.

Foram ainda instrumentos de avaliação os desenhos, esboços, as experiências e os estudos produzidos no âmbito de disciplina, nomeadamente o trabalho efectuado no Diário Gráfico.

Este foi um instrumento fundamental na avaliação formativa, pois possibilitou-me acompanhar todo o processo de trabalho elaborado durante as aulas e em contexto extra-aula, pela maioria dos alunos. A partilha da criação de conceitos, ensaios gráficos, decisões, dúvidas e pesquisas, permitiu uma ideia mais precisa de todo o processo de trabalho e empenho dos alunos, nomeadamente na terceira proposta da unidade 7.

No entanto, segundo Eduardo Salavisa, o modo de avaliação no Diário Gráfico *“obviamente é qualitativo, sempre que possível individualizado, o que premeia o esforço na observação, e o empenho na aquisição de novas experiências”*. Porém, *“é preciso ter um particular cuidado relativamente à avaliação: não se pode pôr em causa uma das características positivas do Diário Gráfico, que é a sua extrema liberdade – os alunos sentem-se à vontade por ser um objecto íntimo e privado”*. (Salavisa, 2008: 243)

No que diz respeito às propostas de trabalho, os alunos tiveram sempre acesso aos instrumentos de avaliação dos exercícios, como se pode verificar nos enunciados. O facto dos critérios de avaliação dos exercícios estarem definidos de uma forma clara e acessível permitiu a promoção de um maior rigor na avaliação dos alunos, na medida em que estes tinham a consciência de quais os conceitos e competências segundo os quais iriam ser avaliados.

As conclusões das avaliações dos trabalhos e a definição de estratégias de reacção perante os resultados foram sempre analisadas em conjunto com as turmas. A opção pela avaliação colectiva, habitual na professora Leonor, confirma ser muito pertinente, pois promove a participação dos alunos na sua avaliação, clarificando quaisquer dúvidas em relação aos resultados obtidos. Nos momentos de avaliação, os alunos colocavam as suas propostas de trabalho em cima das mesas, acessíveis a toda a turma. Posteriormente, o aluno de cada trabalho argumentava sobre o desenvolvimento da sua proposta, reflectindo sobre a sua prestação, referindo factores como a gestão do tempo, o empenho, e as suas atitudes na sala de aula. Os trabalhos eram posteriormente analisados pela turma e professores, observando os conceitos e competências patentes em cada proposta, verificando se cada aluno tinha ou não atingido os objectivos pretendidos.

O processo de avaliação deve ter como principal intenção compreender e aperfeiçoar o modo como a informação é recepcionada pelos alunos. Durante o meu estágio o modelo implementado centrou-se na avaliação formativa de Philippe Perrenoud (1999), em que o professor não é apenas um compilador de informação mensurável de forma a produzir uma avaliação quantitativa, mas sim um indivíduo que acompanha a aprendizagem dos alunos, analisando e interpretando o decorrer de todo o processo, para melhor adequar a transmissão dos conteúdos a uma clara compreensão por parte dos alunos.

A avaliação surge aqui, não como uma forma de catalogar o aluno, mas como um meio de recolha de informação relativa aos seus conhecimentos, capacidades, aos seus comportamentos, hábitos e interesses, de forma a adequar a planificação da matéria à situação específica do contexto de aprendizagem em apreço. Através da avaliação formativa podemos acompanhar todo o processo de aprendizagem, a sua evolução e os resultados obtidos, detectando as limitações e necessidades dos alunos, bem como as

suas aptidões e interesses, de forma a adequar as aulas às necessidades individuais de cada aluno, bem como de todo o grupo em que este está integrado.

“Uma avaliação formativa digna deste nome não produz informações e verificações por simples espírito de sistema ou de equidade para fazer funcionar uma máquina avaliativa ou para tranquilizar quem quer que seja. Ela visa dar ao professor, nem mais nem menos, informações de que ele necessita para intervir eficazmente na regulação das aprendizagens dos seus alunos”. (Perrenoud,1999: 124)

Na mesma medida, o aluno também participa no seu processo avaliativo ao compreender o sentido das suas respostas, ao ter um retorno das suas acções, podendo corrigir e moldar a sua postura e o seu trabalho de forma a dar resposta aos critérios segundo os quais será realizada a sua avaliação. Ao contrário de uma avaliação numérica que nada esclarece, apenas classifica, a avaliação formativa permite ao aluno fornecer ao seu avaliador dados essenciais para que ambos participem numa análise dialogante da sua evolução na aprendizagem.

“Ir em direcção a uma avaliação mais formativa é transformar consideravelmente as regras do jogo dentro da sala de aula. Numa avaliação tradicional, o interesse do aluno é o de iludir, mascarar as suas falhas e acentuar os seus pontos fortes. (...) Toda a avaliação formativa baseia-se na aposta bastante optimista de que o aluno quer aprender e deseja ajuda para isso, isto é, que está pronto para revelar as suas dúvidas, as suas lacunas, as suas dificuldades de compreensão da tarefa”. (Perrenoud,1999: 151)

Deste modo, a avaliação torna-se num instrumento pedagógico que enriquece a qualidade do ensino ministrado, fomentando uma aprendizagem mais personalizada e ajustada ao ritmo, necessidades e especificidades lectivas de cada indivíduo. Considero ser esta a forma de avaliação mais adequada ao contexto lectivo contemporâneo.

Ao longo de todo o processo de avaliação, a professora cooperante Leonor Soares e a estagiária Sofia Cunha assistiram e participaram activamente na análise desenvolvida durante as aulas, e na quantificação da mesma numa escala de valores no final de cada unidade – certamente um dos factores mais difíceis de concretizar – argumentando e opinando sobre as possíveis decisões finais. Nesse momento, houve uma análise do desempenho de cada aluno, tendo em conta a sua progressão, as suas limitações e capacidades, e o trabalho produzido, bem como a sua atitude e comportamento face ao contexto geral da turma, relativamente aos objectivos presentes no programa da disciplina.

O processo de avaliação é uma das funções mais difíceis na docência pois, por mais que se estabeleçam critérios concretos e objectivos, por muito rigorosos que sejam os instrumentos de avaliação estabelecidos, esta é uma tarefa em que existirá sempre um

elevado factor de subjectividade. Aceitando esta como um elemento incontornável no processo avaliativo, há que compreender e gerir as condicionantes dessas limitações, procurando revertê-las em proveito de uma avaliação mais atenta às especificidades de cada aluno ao longo do seu percurso lectivo.

3.4. Projectos e actividades de participação desenvolvidas na escola

Ao longo do estágio pude desenvolver várias actividades dentro do âmbito da disciplina, por vezes em conjugação com o tema do meu objecto de estudo. Estas iniciativas fomentaram a minha integração na comunidade escolar, tanto junto dos alunos como dos outros docentes, permitindo ampliar o conhecimento da escola, ao mesmo tempo que dava corpo a alguns projectos que pretendia implementar.

No decorrer do primeiro e segundo períodos, as professoras de desenho, Leonor Soares e Rosário Forjaz, puseram em prática um projecto para comemorar os 125 anos da escola, no qual participei activamente. Os alunos das várias turmas dessas professoras deveriam criar 125 flores que representassem a Escola. O projecto tinha um teor bastante livre e enriquecedor que levou os alunos a reflectir e a pesquisar sobre a escola, a sua personalidade, as suas singularidades, as suas vivências, a sua história, levando-os a explorar conceitos e materiais diversos. A realização deste projecto permitiu-me conhecer melhor a área das oficinas, como as de têxteis, de madeiras, de metais ou de artes gráficas, trabalhando com outros professores e técnicos, ganhando uma noção mais aprofundada da especificidade da escola Soares dos Reis.

Ainda dentro do âmbito das comemorações dos 125 anos da escola, surgiu outro projecto que há muito a professora Leonor almejava realizar. Este segundo projecto consistiu em reunir e projectar trabalhos de antigos alunos da escola, pertencentes ao espólio da Escola Secundária Artística Soares dos Reis, que tiveram de ser fotografados, catalogados e organizados especificamente para o efeito. Foi com a maior satisfação que auxiliei a professora na organização e montagem do arquivo, na realização de uma apresentação digital e em todo o processo de preparação da sala onde a exposição foi realizada. O balanço foi muito positivo, com bastantes alunos a estarem presentes e a responderem positivamente ao tema da exposição. Os professores da escola também ficaram muito agradados por poderem visualizar o património artístico da Soares dos Reis, e pelo trabalho de conservação, recolha e edição que deu origem à exposição.

No âmbito do estudo do Diário Gráfico, no início do terceiro período, organizei uma

palestra com a orientação da professora cooperante Leonor Soares, intitulada “O Diário Gráfico como instrumento pedagógico”. Convidei como oradores o artista plástico e professor da Faculdade de Belas Artes, Jorge Marques, e o professor da escola e designer, Nuno Lacerda, tendo eu própria moderado a palestra.

O principal objectivo foi procurar despertar o interesse e ampliar o conhecimento do Diário Gráfico à comunidade escolar, e simultaneamente promover o contacto da escola com a realidade exterior.

O professor Nuno Lacerda iniciou a palestra com uma perspectiva muito particular sobre a forma como se relaciona com o Diário Gráfico. Juntamente com a exposição oral, projectou algumas imagens dos seus Diários Gráficos e mostrou inclusivamente vários originais à plateia. De seguida, o professor Jorge Marques falou no Diário Gráfico numa perspectiva mais pedagógica, abordando a sua utilidade como apoio para a evolução e o cultivo do desenho, numa abordagem menos pessoal, mas muito enriquecedora, nomeadamente para os alunos e professores desta escola.

Como elementos de divulgação, elaborei um cartaz (em anexo III, f) e um pequeno conteúdo informático para ser disponibilizado na página da escola, acessível a toda a comunidade escolar. A palestra decorreu da melhor forma, com os alunos e professores a aderirem em massa, enchendo o auditório e mantendo-se presentes durante toda a apresentação dos oradores, apesar desta se ter prolongado para além do previsto. As reacções foram as mais positivas, não só logo após o término da palestra, como ao longo dos dias seguintes, com a generalidade dos alunos a destacar a ampliação das perspectivas em torno do Diário Gráfico, factor que surgia como um dos objectivos fundamentais da palestra.

Em paralelo com a palestra, organizei uma exposição sobre os Diários Gráficos nas galerias do segundo piso da escola, novamente com a ajuda da professora, dos alunos e da estagiária Sofia Cunha (anexo IV, c). As paredes das galerias foram cobertas com ampliações A2 e A3 de Diários Gráficos. A primeira parede foi dedicada a Diários Gráficos de autores, como ilustradores, arquitectos, designers ou artistas, que continham pequenos textos, descrevendo a importância que os Diários Gráficos tiveram nas suas vidas. A segunda parede continha páginas dos Diários Gráficos dos alunos finalistas das turmas A1, B1 e B2. Uma terceira parede apresentava alguns desenhos de professores e alunos da escola, que recolhi, intitulada de “Work in Progress”. Esta parede, intencionalmente quase vazia, foi destinada a fomentar a participação da comunidade escolar na exposição. Qualquer aluno ou professor poderia participar, ampliando uma página do seu Diário Gráfico e colocando na parede.

Este projecto teve como principal intenção motivar os alunos para o uso dos Diários Gráficos, ampliando o seu conhecimento sobre o tema, revelando outros modos de

expressão, interesses e posturas face aos mesmos, tanto de autores, como de colegas e docentes, expondo um pouco o lado íntimo, partilhando pensamentos, dúvidas. No fundo, procurando dessacralizar o universo do Diário Gráfico, para que os alunos sintam maior à-vontade e menos pressão na sua utilização.

Os alunos escolheram as páginas que queriam ampliar, participaram na montagem da exposição, orgulhando-se do trabalho apresentado, sem obrigações nem compromissos. Durante os intervalos reparei que mostravam e comentavam os seus trabalhos com os colegas e professores

Ao longo do estágio, estive presente em muitos dos momentos principais, em torno dos quais decorreu o ano lectivo, como as reuniões de avaliação, os conselhos de grupo ou os conselhos de turma, com a concordância de todos os professores presentes, que se mostraram bastante cordiais e acessíveis.

A minha presença nestas reuniões possibilitou uma maior compreensão da dinâmica escolar da Escola Artística Soares dos Reis, observando os vários pontos de vista dos professores relativamente aos alunos e à política escolar, e ao modo como estes factores se reflectem no decorrer do ano lectivo.

3.5. Reflexões pedagógicas

A realização deste estágio revelou ser uma oportunidade para reflectir sobre o papel do docente e da sua importância, tanto na gestão do espaço e tempo de aula, como na formação académica e pessoal dos alunos sob a sua alçada.

Cada ano lectivo é um recomeço, onde novos discentes, novos contextos, e por vezes novas disciplinas e até novas escolas, se reúnem provisoriamente de forma a participar num processo de intercâmbio de conhecimento e de experiências de vida. Estando presentes numa fase tão crucial do crescimento dos discentes, é da nossa responsabilidade empenharmo-nos para adequar a transmissão de conteúdos a cada novo contexto de turma, procurando criar uma dinâmica positiva que produza resultados a todos os níveis.

Pensando em termos profissionais, o professor poderá definir-se, no essencial, como aquele que ensina. O ensinar não como uma mera acção expositiva, divorciada ou desinteressada da aprendizagem, mas sim no seu legítimo e original sentido - fazer aprender. (Roldão, 1999)

Apenas através da elaboração de estratégias pedagógicas podemos conseguir um ensino efectivo dos alunos. Circunscrever o acto de ensinar à mera veiculação de conteúdos, presumindo uma aprendizagem a partir da simples exposição da informação, é uma perspectiva claramente redutora do papel do professor. Ensinar implica despertar consciências, envolve mais um diálogo formativo que produza saber e compreensão no aluno receptor do que apenas o recitar neutro e automático da matéria lectiva.

Desse modo, durante as aulas em contexto de estágio, pretendi ser o mais rigorosa e clara possível na planificação e exposição dos conteúdos, promovendo uma aprendizagem contínua e eficaz. Sempre que possível procurei desenvolver actividades apelativas, dinâmicas e interessantes, estimulando a curiosidade e a reflexão dos alunos, recorrendo aos vários meios ao meu dispor, como a exposição oral, abordagens de componente multimédia, apresentação de material didáctico variado. Promovi o debate, quer dentro do espaço de sala de aula, quer em conferências abertas a toda a comunidade escolar, e procurei sempre que os alunos participassem na reflexão em torno dos conteúdos, seja pela constante troca de experiências e de pontos de vista, seja pela realização de exercícios e propostas em que o discente era também parte activa no desenvolvimento da matéria.

Procurei dar resposta às necessidades dos alunos, auxiliando-os sempre que necessário e incentivando-os a superar as suas dificuldades e limitações de forma a progredirem continuamente. Promovi uma relação de proximidade que me permitiu observar atentamente o seu desenvolvimento, e reagir perante os casos mais prementes, estabelecendo estratégias de recuperação e apoio didáctico.

Outro dos pontos de vista mais interessantes destas reflexões foi que o acto de ensinar não é de sentido único, mas que o professor ao ensinar também aprende. Na realidade, será essencial que o professor fomente uma intercomunicação, que se ponha por vezes no lugar do receptor da informação e que participe com ele nesse processo de aprendizagem, em vez de ser apenas um emissor passivo e neutro de conteúdos. O professor nunca poderá ser uma máquina de ensinar, mas sim alguém que promove a aprendizagem, participando nesse processo juntamente com o aluno, encaminhando-o, estimulando-o. Mais do que leccionar conteúdos, o professor deverá partilhá-los.

Nesse sentido procurei dinamizar actividades e exercícios que promovessem a auto-expressão do aluno, a pesquisa autónoma, a experimentação e a descoberta em harmonia com o seu universo pessoal, para que trilhasse o seu próprio caminho de produção do conhecimento. O recurso a instrumentos como o Diário Gráfico permitiu aos alunos ganharem uma consciência mais profunda da matéria através da sua aplicação prática em projectos de cariz mais pessoal, tornando-os parte integrante e activa da sua

aprendizagem. Segundo Freinet (1996), a constante interacção professor-aluno e a aprendizagem através da experiência assente em cenários concretos e aplicados permitem encaminhar a sua formação para campos que apelem ao seu interesse, levando-o a desejar experimentar e saber mais por sua própria iniciativa.

No que ao processo de comunicação diz respeito, procurei sempre estar consciente da importância de apresentar uma linguagem clara, rigorosa e coerente. No sentido de despertar a atenção dos alunos, adoptei uma postura dinâmica, entusiasmada. Como professores de Artes Visuais, e como criadores artísticos, temos o dever de comunicar de forma criativa, fazendo uso das nossas capacidades para estimular os alunos a procederem de igual modo. A criatividade e entusiasmo são algo que pode fazer a diferença dentro de uma sala de aula, ou seja, considero que os discentes acabam por se interessar mais pelo conteúdo lectivo quando o professor ensina de uma forma dinâmica e original. O professor pode, e deve, recorrer a todos os instrumentos à sua disposição para motivar os alunos para que o processo de aprendizagem não corra o risco de se transformar num simples acto mecânico, monótono, e sem qualquer relevância educativa.

Como docentes devemos ter também consciência dos vários cambiantes que a comunicação pode apresentar. Como refere Marshall McLuhan (McLuan, 1967) a mensagem é condicionada pelo meio em que é transmitida, e nós, como veículos dessa mensagem, deveremos fazer uso de todos esses condicionamentos para que esta chegue da melhor forma ao aluno receptor. Os nossos gestos, a entoação da voz, o modo como nos deslocamos pela sala de aula, a postura do nosso corpo, as vestes que trajamos, a distância a que estamos dos alunos, as pausas do discurso, tudo isto são elementos que podem reforçar ou atenuar a mensagem, sem que alteremos em nada o conteúdo do discurso. Devemos ter de facto a consciência de que todos estes condicionamentos estão presentes e que podemos usá-los em nosso proveito. Não existindo apresentações ideais, teremos nós que adequar a nossa postura a cada situação específica. Nem todos os alunos são iguais, nem todas as turmas reagem do mesmo modo, e nós temos ao nosso dispor todos estes recursos complementares a que devemos recorrer sempre que necessário.

Relativamente à comunicação em contextos de gestão de disciplina, à ordem na sala de aula, considero que o professor não deve ser nem demasiado permissivo nem demasiado autoritário, sob o risco de perder o controlo da turma. Uma postura demasiada autoritária poderá fomentar no aluno sentimentos de revolta e de injustiça, que nada mais fazem do que ampliar a tensão e criar um sentimento latente de repressão. Tais atitudes limitam o comportamento natural do aluno, inibindo o seu sentimento de responsabilidade e autonomia, bem como a livre expressão e sentido crítico, essenciais para o

desenvolvimento de um pensar criativo. Porém, uma atitude diametralmente oposta pode incentivar o desrespeito e a indisciplina. Não pretendo com isto dizer que não possamos ter uma relação próxima com os alunos, com alguma cumplicidade e carinho. Liderar implica exactamente a correcta gestão de todos estes factores no sentido de explorar as potencialidades da turma, através de incentivos e estímulos que motivem o aluno, eventualmente também com alguns dissuasores que permitam estabelecer limites, mas essencialmente com regras justas e transparentes que respeitem o discente e que o façam sentir participante da sua própria formação e do contexto social que são as salas de aula.

Ser professor representa sempre uma tarefa delicada, pois implica assumir várias posturas em simultâneo, como sejam o papel de líder, de tutor, e por vezes mesmo de amigo e confidente, de forma justa e equilibrada. Nesse sentido, será importante que o docente interprete adequadamente as situações com que se confronta diariamente, tendo uma flexibilidade relacional que lhe possibilite, nas situações concretas, optar pela melhor resolução para cada caso.

Considero que o papel do docente na gestão dos comportamentos em sala de aula deverá ser principalmente de encaminhamento, estimulando e promovendo o diálogo e a participação, ganhando o respeito dos discentes através das suas atitudes, que deverão pautar-se pela justiça e correcção.

Neste contexto, o docente deve ainda considerar a dinâmica de relações estabelecida entre os vários discentes.

“É sabido o papel preponderante desempenhado pelo grupo de pares na regulação de comportamentos individuais. Esta importância acentua-se na adolescência, pelo que importa perceber os diferentes estatutos assumidos dentro do grupo, de forma a regular as interacções nesse grupo. Mecanismos de liderança ou de rejeição podem ser potenciados ou atenuados, ou de qualquer forma, regulados, se for assumida uma atitude de atenção e observação sobre o que se passa neste âmbito”. (Morgado, 2001:41)

É importante que o professor compreenda que não basta apenas a sua acção individual para gerir a turma da melhor forma, mas que o contributo e participação dos restantes alunos podem facilitar em muito a tarefa do professor; o aluno mais indisciplinado tende a inibir-se quando o ambiente geral não é de apoio às suas intervenções.

As questões disciplinares são de facto um dos pontos fulcrais na gestão da aula e muitas vezes revelam ser uma das principais dificuldades de muitos docentes. Estudos neste âmbito têm vindo a revelar a importância da prevenção face a uma reacção posterior, ou seja, mais do que resolver os casos mais graves de indisciplina, o professor deverá antecipá-los, não permitindo que estes se desenvolvam, e nesse aspecto a participação de

toda a turma, bem como uma postura de liderança não impositiva por parte do docente, serão as soluções mais eficazes.

Na verdade, considero que envolver os discentes nos projectos, aumentando a sua motivação e sentido de pertença, é a melhor forma de evitar situações delicadas. Uma profunda envolvimento do aluno relativamente aos conteúdos leccionados e ao processo de aprendizagem aplicado irá desenvolver neste um gosto pela disciplina e um desejo em progredir, mantendo um bom nível de comportamento.

Assim, sempre procurei estar atenta aos interesses e necessidades dos alunos, tentando interpretar da melhor forma os seus comportamentos durante as aulas e fora delas, no sentido de promover exercícios e actividades que fossem ao seu encontro. Demonstrei expectativas positivas face aos alunos e ao seu próprio trabalho, auxiliando-os sempre que necessário e encaminhando-os para que fizessem um uso pleno das suas aptidões. De certa forma, também existiu uma preocupação em manter um ritmo constante e activo em todas as aulas, estabelecendo o equilíbrio entre os alunos mais inibidos e os mais expeditos, para que não surgissem tempos mortos entre actividades onde os alunos dispersassem e sentissem qualquer afastamento face à disciplina.

Os níveis de comportamento durante a experiência de estágio mantiveram-se dentro do razoável, sem que existisse qualquer caso grave a assinalar. Embora no início os alunos tenham estranhado a presença de três docentes no espaço da aula, progressivamente foram compreendendo as mais-valias que poderiam advir da situação, apelando muitas vezes ao meu auxílio e partilhando comigo muitas das suas dúvidas e hesitações. As únicas situações dignas de registo dizem respeito a um certo défice de pontualidade e a alguma agitação durante a realização de exercícios em que os alunos se sentiam mais entusiasmados. Considero que estes dois elementos são bastante naturais nestes níveis etários, não estando relacionados com problemas de indisciplina ou desinteresse pela matéria. Na realidade, os alunos até demonstraram ao longo do ano uma grande motivação por alguns dos exercícios sugeridos que ultrapassavam o contexto da sala de aula.

Todo o processo de estágio decorreu de forma serena e equilibrada; o meu papel como docente centrou-se principalmente na transmissão dos conteúdos aos alunos, ao mesmo tempo que fomentava o seu desenvolvimento, acompanhando-os e estimulando-os a atingir os melhores resultados. Senti que o meu papel foi semelhante ao de um treinador ou um maestro que conjuga todos os elementos contextuais e as potencialidades do aluno para que este consiga sentir-se confiante e consciente das suas reais capacidades. Deixei os alunos caminhar pelo seu próprio pé, dei-lhes liberdade, promovi a experimentação,

mas ao mesmo tempo acompanhei todo o seu percurso, orientando-os, deixando-os crescer, tanto a nível intelectual, como social e afectivo, o que permitiu que eles confiassem em mim e ao mesmo tempo tivessem mais gosto pela disciplina. “*A relação educativa frutuosa baseia-se na confiança que o aluno tem em quem o conduz para o mundo social, e na implicação pessoal dos dois parceiros num processo vivo de descoberta*”. (Postic, 2008: 123)

As metodologias aplicadas durante o ano resultaram plenamente, tendo doseado de forma equilibrada as críticas e as expectativas, com o intuito de evitar a frustração e a descrença por parte dos alunos, fomentando deste modo o seu desenvolvimento progressivo e personalizado. A sua participação ultrapassou os limites da sala de aula e as respostas foram francamente positivas, com a generalidade dos alunos a envolver-se profundamente em torno dos exercícios sugeridos.

Todo este processo decorreu da melhor forma e considero que atingi os objectivos a que me tinha proposto.

REFLEXÕES FINAIS

Sendo uma utilizadora regular do Diário Gráfico, e fazendo um uso recorrente das suas possibilidades junto dos alunos, sempre considerei estes cadernos um instrumento privilegiado no processo de aprendizagem, particularmente nas áreas artísticas. No entanto, este estudo permitiu-me levar ainda mais longe estas constatações, através da aplicação sustentada do mesmo durante a prática lectiva em contexto de estágio, após uma leitura mais aprofundada de literatura específica e complementar no campo das artes visuais e da pedagogia; e das novas perspectivas adquiridas perante a multiplicidade de abordagens observadas.

A relação íntima e pessoal que vários discentes estabeleceram com os seus Diários Gráficos possibilitou-me acompanhar de forma mais eficaz os seus trabalhos, auxiliando-os sempre que necessário, antecipando eventuais contratempos e encaminhando-os de forma a explorarem as suas potencialidades. Esta participação no processo criativo tornou possível um maior conhecimento, cumplicidade e diálogo entre mim e os alunos e, nessa medida, reforçou a assimilação e o aprofundamento dos conteúdos leccionados, incitando aqueles a irem mais além na realização das propostas.

Com o decorrer do estágio, os Diários Gráficos afastaram-se aos poucos de uma utilização meramente funcional, tornando-se objectos pessoais que acompanhavam os alunos nos mais variados contextos, conjugando a vida escolar com o seu universo pessoal, atribuindo desta forma maior sentido à aprendizagem. Esta foi, sem dúvida, uma das perspectivas que mais me fascinou, confirmando uma opinião que já trazia: a aprendizagem deve ocorrer num contexto de crescimento cultural e pessoal, onde todos os elementos contribuam para a formação do aluno, devendo ser aproveitados em prol de um contexto formativo mais amplo e abrangente.

No entanto, a incontornável necessidade de sistematizar o ensino, imprescindível numa sociedade vasta e complexa como a nossa, por vezes não considera a individualidade dos alunos, tornando a escola desligada da sua vida pessoal. É essencial que haja acesso a uma formação de acordo com as necessidades, sendo imprescindível que o professor esteja atento à realidade do aluno, de forma a ir ao encontro dos seus interesses, desafiando-o a superar os seus limites com dedicação e entusiasmo. Deste modo, o aluno sentir-se-á um elemento integrado e participativo no seu processo de aprendizagem.

“Os alunos têm de ser motivados por aquilo que estão a aprender. Eles precisam de estar envolvidos como parte interessada; têm de sentir como se aqueles ensinamentos fossem para eles. O ensino tem que inclui-los. E se eles estão a aprender num cenário de educação formal como a escola, também têm de possuir um sentimento de pertença

àquele contexto social e institucional. Quanto mais um aluno “pertence” em todos esses sentidos, mais ele gostará de aprender. (Kalantzis & Cope, 2005: 43)

O processo de trabalho inerente ao uso do Diário Gráfico permite romper com o modelo unidireccional professor-aluno, estabelecendo novas vias de comunicação e novos paradigmas relacionais, não só pela forma como o professor pode acompanhar o universo extra-escolar do aluno através dos conteúdos pessoais presentes nos cadernos, mas também pelas intervenções de amigos e colegas, num diálogo plástico de carácter eminentemente formativo. A participação de cada aluno num sistema plural de comunicação permite reforçar valores de colaboração, interactividade e inter-relacionamento, fomentando a integração e o sentimento de pertença por parte de cada um.

Nesse contexto, o Diário Gráfico é, de facto, uma ferramenta preciosa no processo de mediação entre o saber adquirido pelo aluno e a sua capacidade em construir o seu próprio conhecimento, com o auxílio do professor. O docente, por sua vez, deve incentivar o discente a ir mais longe, a avançar para novas áreas do conhecimento, saindo aos poucos da sua zona de conforto, e avançando para caminhos novos e estimulantes, cruciais para superar dificuldades. O aluno deve ser desafiado a novos níveis de exigência, de forma a ampliar e diversificar a sua formação. Contudo, para que tal ocorra de forma eficaz, não basta soltá-lo rumo ao desconhecido, sem qualquer apoio ou assistência. Há que dar-lhe pistas, sugestões, estímulos a novas abordagens ou atitudes que lhe permitam transpor fronteiras, sabendo que no contexto escolar poderá sempre contar com o auxílio do professor para trilhar esses novos caminhos.

“O aluno necessita de suportes – incitamentos à aprendizagem – que o ressegurem à medida que enfrenta os riscos de alheamento e falhanço no reino do não-familiar. Vygotsky chama-lhe ‘Zona de Desenvolvimento Proximal’”. (L. Vygotsky, 1962: L. S. Vygotsky, 1978). A aprendizagem ideal prepara suportes conforme os alunos movem-se para uma zona de parcial inteligibilidade.” (Kalantzis & Cope, 2005: 48-49)

Todavia, durante as actividades realizadas ao longo do estágio, e pela minha experiência como docente, posso concluir que o primeiro contacto e o modo como estes cadernos são abordados e introduzidos junto dos alunos deverão ser alvo de uma atenção particular, de forma que não seja desvirtuada a sua natureza. Apesar da importância em realizar um acompanhamento constante da sua utilização, estimulando o aluno para novos patamares, não devemos ceder à tentação em fazer dos Diários Gráficos uma obrigação, um instrumento impositivo que constranja o aluno. O Diário Gráfico, mais do que partir do professor como uma imposição, deve ser sugerido como um espaço de liberdade autónomo, informal e pessoal, onde o aluno possa exprimir-se de um modo natural,

criando as suas regras à medida que se sinta estimulado a participar de forma activa no jogo da aprendizagem. Fazendo do Diário Gráfico uma ferramenta que remete directamente para o universo do aluno, estamos a permitir que ele possa criar um sentido na aprendizagem na medida dos seus interesses, o que incentivará o aluno a integrar-se e a desejar aprender mais sobre os conteúdos em que passa a estar envolvido profundamente. O Diário Gráfico possibilita assim a criação no espaço de ensino e aprendizagem de um atractivo que leva os alunos a querer aprender, pois inscreve-se no seu mundo fazendo com sucesso a ponte entre o mundo das aprendizagens informais e o contexto escolar da aprendizagem formal.

É fundamental que o Diário Gráfico não perca este carácter aberto e informal que o caracteriza. Julgo que será no equilíbrio entre a liberdade de utilização e o acompanhamento proactivo do professor que reside uma das essências do sucesso do uso do Diário Gráfico em contexto lectivo.

Cabe apenas, por fim, realçar que esta iniciativa teve repercussões óbvias na qualidade dos trabalhos dos alunos, a todos os níveis de idade, com estes a reconhecerem que os Diários Gráficos os incentivaram a desenhar e a experimentar mais, a serem melhores observadores, a desenvolverem uma relação mais próxima com o desenho e, consequentemente, a evoluírem com maior rapidez.

Nesse sentido, considero que o Diário Gráfico deve ser incentivado desde cedo, libertando a criatividade latente e incentivando nas crianças o desenho como uma forma de expressão imprescindível e natural. Mais do que uma manifestação artística, o desenho deverá ser reconhecido como um modo de expressão e um meio de comunicação acessível a todos, e o Diário Gráfico será um meio útil para que esse processo se concretize.

Posso concluir ter sido bastante positivo, para o meu crescimento como docente, toda a pesquisa e análise realizadas no âmbito da investigação em torno do universo do Diário Gráfico. Possibilitou-me uma perspectiva mais abrangente relativa ao ensino das artes visuais, assim como uma postura mais segura e confiante na prática docente, tendo-se confirmando como uma mais-valia no meu percurso profissional.

BIBLIOGRAFIA

ARENDS, Richard (1995), *Aprender a Ensinar*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal

BAMMES, Gottfried (1990) *L'Étude Du Corps Humain*. Paris: Dessain et Tolra

BETTI, Claudia; SALE, Teel (1992) *Drawing: a contemporary approach*. Fort Worth: Hacourt Brace Jovanovich Publishers

BISMARCK, Mário (2001) "Desenhar é o Desenho", in *Actas do Seminário: Os Desenhos do Desenho – Nas Novas Perspectivas sobre o Ensino Artístico*. Porto: FPCEUP

BRERETON, Richard (2009) *Sketchbooks: The hidden Art of Designers, Illustrators & Creatives*. Londres: Laurence King Publishing

CARVALHO, Angelina; DIOGO, Fernando (2004) *Projecto Educativo*. Porto: Edições Afrontamento

COBAIN, Kurt (2003) *Kurt Cobain journals*. Nova Iorque: River Head Books

CÔRTE-REAL, Eduardo (2009) *The Smooth Guide to Travel Drawing - Um Suave Guia para o Desenho em Viagem*. Lisboa: Livros Horizonte

CÔRTE-REAL, Eduardo (2010) *The Triumph of Design / O Triunfo do Desenho – The Reader's Design Magazine*. Lisboa: Livros Horizonte

COSTA, Daciano da (1994) *Croquis de Viagem – Travel Drawings*. Lisboa: Livros Horizonte

D' ALMADA, João (2003) "Moleskine, companheiro de viagem", In *Volta ao Mundo*, 26

DERDYK, Edith (2007) *Disegno. Desenho. Desígnio*. São Paulo: Editora Senac São Paulo

EDWARDS, Betty (1999) *Drawing on the right side of the brain*. Nova Iorque: Tarcher Penguin

EISNER, Elliot W (1995) *Educar la visión artística..* Barcelona: Ediciones Paidós

ELIAS, Fernando (2008) *A Escola e o Desenvolvimento Profissional dos Docentes*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão

Emídio, José (2001) “Os Desenhos do Desenho”, in *Actas do Seminário: Os Desenhos do Desenho – Nas Novas Perspectivas sobre o Ensino Artístico*. Porto: FPCEUP

FERREIRA, Manuela; SANTOS, Milice (2007) *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: Edições Afrontamento

FREINET, Célestin (1975) *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*. Lisboa: Editorial Estampa

FREINET, Célestin (1996) *Pedagogia do Bom Senso*. São Paulo: Martins Fontes

HARING, Keith (2010) *Keith Haring journals*. Nova Iorque: Penguin Books

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill (2005) *Learning by Design*, Melbourne: Common Ground Publishing

LEITE, Elvira (2001) “O desenho na Infância”, in *Actas do Seminário: Os Desenhos do Desenho – Nas Novas Perspectivas sobre o Ensino Artístico*. Porto: FPCEP

LOPES, J. (2000), *Gestão da sala de aula: como prevenir e lidar com problemas de indisciplina*. Vila Real: UTAD

LOWE, Sarah (1995) *El Diário de Frida Kahlo. Un íntimo autorretrato*. Madrid: Círculo de Lectores

LUQUET, G. H. (1974) *O desenho infantil* Porto: Livraria Civilização

MANCO, Tristan (2009) *Street Sketchbook*. Londres: Tames & Hudson

MASSIRONI, Manfredo (1996) *Ver pelo Desenho*. Lisboa: Edições 70.

MCLUAN, Marshall; FIORE, Quentin (1967) *The Medium is the Massage: An inventory of Effects*. Nova Iorque: Bantam Books

MORGADO, José (2001) *A relação Pedagógica*. Lisboa: Editorial Presença

- NICOLAIDES, Kimon (1990) *The Natural Way to Draw- A Working Plan for Art Study*. Massachusetts: Mariner Books
- O'DONNELL, Timothy (2009) *Sketchbook, Conceptual Drawings from the World's Most Influential Designers*. Massachusetts: Rockport Publishers
- OLIVEIRA, Gabriela (2008) "É Preciso Ouvir os Desenhos", In Notícias Magazine, nº829, 44-50
- PERRENOUD, Philippe (1999) *Avaliação. Da excelência à regulação das aprendizagens*. Porto Alegre: Artemed
- POSTIC, Marcel (2008) *A relação Pedagógica*. Lisboa: Padrões Culturais Editores
- READ, Herbert (2001) *A Educação pela Arte*. São Paulo: Martins Fontes
- REBEL, Ernest (2009) *Auto-retratos*. Colónia: Taschen
- RODRIGUES, Ana (2003) *O que é Desenho*. Lisboa: Quimera Editores
- ROLDÃO, Maria do Céu (1999) *Os professores e a Gestão do Currículo – Perspectivas e práticas em análise*. Porto: Porto Editora
- ROLDÃO, Maria do Céu (2009) *Estratégias de Ensino – O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão
- SALAVISA, Eduardo (2008) *Diários de Viagem – desenhos do quotidiano*. Lisboa: Quimera Editores
- SOUSA, Rocha de (1995) *Didáctica da Educação Visual*. Lisboa: Universidade Aberta
- SUH, Anna (2005) *Leonardo's Notebooks*. Nova Iorque: Black Dog & Leventhal Publishers
- TEIXEIRA, Manuela (1995) *O professor e a escola – Perspectivas Organizacionais*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal
- VIEIRA, Joaquim (1995) *O Desenho e o Projecto são o Mesmo?* Porto: FAUP Publicações

VILAR, Alcino Matos (1993) *Inovação e mudança na reforma educativa*. Rio Tinto : Edições ASA,

VILAR, Alcino de Matos (1993) *O professor planificador*. Porto : Edições Asa, 1993.

WARNEKE, Carsten-Peter; WALTHER, Ingo F (2007) *Picasso*. Colónia: Taschen

Legislação e outros documentos

Programa de Desenho A- Curso científico-humanista de Artes Visuais 10º, 11 e 12 ano (2001). Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.

MINISTÉRIO, da Educação (1993) *Despacho Normativo n.º 338/93* (Avaliação dos alunos do ensino secundário)

Internet

MARIA, Jason Santa (2009), Articles, <http://jasonsantamaria.com/articles/pretty-sketchy/>, [on-line, 02/04/10]